



Boletim

Agropecuário

Nº 156, mai./2026



CEPA
Centro de Socioeconomia
e Planejamento Agrícola



GOVERNO DE
**SANTA
CATARINA**
SECRETARIA DA AGRICULTURA
E PECUÁRIA



Governador do Estado
Jorginho dos Santos Mello

Secretário de Estado da Agricultura e Pecuária
Admir Edi Dalla Cort

Presidente da Epagri
Dirceu Leite

Diretores

Andréia de Fátima de Meira Batista F. Schlickmann
Ensino Agrotécnico

Fabírcia Hoffmann Maria
Administração e Finanças

Gustavo Gimi Santos Claudino
Extensão Rural e Pecuária

Jurandi Teodoro Gugel
Desenvolvimento Institucional

Éverton Blainski
Ciência, Tecnologia e Inovação



Boletim Agropecuário

Nº 156, mai/2026

Autores desta edição

Andréa Castelo Branco Brasileiro-Assing

Alexandre Luís Giehl

Felipe Jochins

Glaucia de Almeida Padrão

Haroldo Tavares Elias

João Rogério Alves

Julyerme Matheus Tonin

Lillian Bastian

Rogério Goulart Junior



Florianópolis
2026

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347 – Itacorubi

Florianópolis, SC – Brasil – CEP 88034-901

Fone: (48) 3665-5000

Site: www.epagri.sc.gov.br

E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347, Itacorubi

Florianópolis, SC – Brasil – CEP 88034-901

Fone: (48) 3665-5078

Site: <https://cepa.epagri.sc.gov.br/>

E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação: Luis Augusto Araujo

Colaboração:

Adelina Cecilia de Andrade Berns

Andriele Caroline De Moraes

Bruna Parente Porto

Catherine Amorim

Édila Gonçalves Botelho

Emile Dayara Rabelo Santana

Evandro Uberdan Anater

Gabriella Cristina Sevald

Lucas Trindade Borges

Maiara Antunes

Valdenize Pianaro

Valmir Kretschmer

Diagramação: Sidaura Lessa Graciosa

Capa: Bianca Ariela Eickel Barel

Edição: mai/2026 – (on-line)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

Ficha Catalográfica

Boletim Agropecuário. Florianópolis: Epagri, n.1 (2014)

Publicação iniciada em maio/2014 (nº de 1 –70). Em abril/2019 até dezembro/2021 integrou a série Documentos com numeração própria.

A partir de 2022 passou a ter ISSN próprio.

Análise de mercado; Conjuntura; Safras.

ISSN: 2764-7579 (on-line)

Apresentação

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa), unidade de pesquisa da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri), tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário *on-line*. Ele reúne as informações conjunturais de alguns dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina.

O objetivo deste documento é apresentar, de forma sucinta, as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para os produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos, a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende ser uma ferramenta para que o produtor rural possa vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <https://cepa.epagri.sc.gov.br/>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Dirceu Leite
Presidente da Epagri



Sumário

Levantamento anual de preços de terras agrícolas municipais em Santa Catarina.....	7
Fruticultura.....	13
Grãos.....	19
Hortaliças.....	45
Pecuária.....	54

Levantamento anual de preços de terras agrícolas municipais em Santa Catarina

Glaucia Padrão

Economista, Dra. – Epagri
glauciapadrao@epagri.sc.gov.br

Introdução

Santa Catarina é um estado pequeno em extensão, porém caracterizado pela diversidade na produção agropecuária e forte presença da agricultura familiar. Essa característica do estado tem forte influência sobre o comportamento dos preços de terra agrícola. Se por um lado a dificuldade de expansão rural atua como um fator limitante ao mercado de terras, por outro, a forte influência urbana e presença do turismo rural, exercem forte pressão sobre os preços das terras rurais.

Neste contexto, a Epagri/Cepa publicou em abril de 2026 os preços de terras agrícolas dos municípios catarinenses, referentes ao ano de 2025. O levantamento de preços de terras agrícolas em Santa Catarina é um trabalho realizado anualmente pela Epagri/Cepa desde 1997 e apresenta resultados por município para sete classes de terra, a saber: Terra de Primeira, Segunda, Terceira (alta declividade), Várzea Sistematizada, Campo Nativo e Terra para Servidão Florestal (Reserva Legal). Realizar o levantamento anual e sistemático a fim de conhecer a evolução dos preços das terras utilizadas na produção agropecuária, de modo a permitir e subsidiar o gerenciamento de políticas agrícolas e dar suporte a estudos e projetos. No entanto, esses preços podem ser utilizados como referência pelas prefeituras municipais e também pelos produtores rurais ao realizarem sua declaração.

Cabe destacar que os preços das terras são valores referenciais do município, por isso, estão sujeitos a grandes variações, principalmente, devido à localização do imóvel, topografia e qualidade do solo, grau de aproveitamento agrícola, etc. Não está entre os objetivos, informar preços de terras para balizar negócios com terras ou referenciar arbitragens. Desta forma, para os casos que necessitam maior grau de precisão, a Epagri/Cepa recomenda a realização de levantamentos específicos, por intermédio de peritos em avaliações de imóveis rurais.

O levantamento dos preços ocorre entre os meses de outubro e janeiro e a pesquisa contempla o levantamento da terra nua (sem benfeitorias) para uso agrícola, e também de áreas aptas a se constituírem em servidão florestal (preservação permanente). O levantamento é feito pelos técnicos da Epagri/Cepa, os agentes de mercado, que estão localizados em todas as regiões do estado e são responsáveis pela coleta nos municípios integrantes das suas respectivas regiões de atuação, junto aos informantes-chave. Entende-se por informantes-chave aquelas pessoas físicas ou jurídicas e entidades ligadas ao setor agropecuário, tais como imobiliárias, corretores, cooperativas, empresas e secretarias de planejamento, extensionistas, sindicatos rurais, associações de produtores e cartórios de registro de imóveis. Para cada município e classe são considerados pelo menos três informantes-chave, que são validados após crítica estatística que verifica entre outros aspectos, a tendência/comportamento apresentada nas respostas. Para cada uma das categorias existentes no município são levantados os preços mínimos, mais comuns e máximos, considerando a localização e as características físico-químicas da terra. A referência de preço final das classes para o município é apresentada da seguinte forma:

- **preço mínimo** - menor valor observado entre todos os informantes;
- **preço mais comum** - cotação mais frequente entre os valores coletados;
- **preço máximo** - maior valor observado entre todos os informantes.

Análise de dados

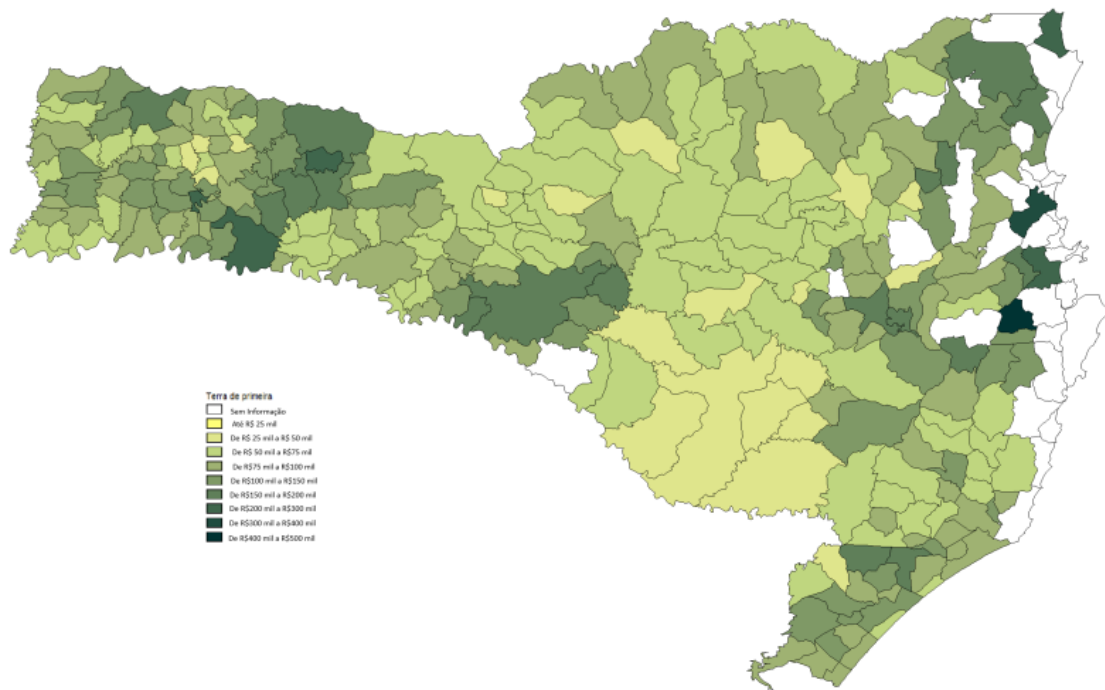
Os preços da terra agrícola são influenciados por uma variedade de fatores econômicos, sociais e ambientais.

- **Demanda por Produtos Agrícolas:** quanto maior a demanda por alimentos (mercado interno ou externo) maior tende a ser o preço da terra. Destaca-se aqui a demanda por commodities agrícolas (soja, milho e trigo) que impactou diretamente os preços da terra em SC.
- **Oferta da terra:** a quantidade de terra disponível para agricultura ou a competição com outros usos da terra tendem a influenciar os preços. (Ex.: urbanização e indústria no litoral norte; turismo rural na serra catarinense; etc.).
- **Políticas governamentais:** políticas de subsídios, regulamentações do uso da terra ou incentivos fiscais podem afetar a demanda e preços da terra. (Ex.: regulamentação tornou obrigatória a reserva legal)
- **Condições econômicas gerais:** taxas de juros mais baixas tornam mais barato o financiamento para compra de terras, o que pode aumentar a demanda e elevar os preços; a inflação elevada tende a aumentar o valor da terra (reserva de valor em tempos de alta inflação);
- **Tecnologia e inovação:** avanços tecnológicos que aumentam a produtividade agrícola, bem como tecnologias que melhoram a gestão de recursos hídricos e do solo, podem aumentar o valor da terra.
- **Fatores ambientais:** a fertilidade e capacidade produtiva do solo, bem como menor propensão à eventos extremos, tendem a valorizar os preços da terra.
- **Demografia e migração:** o aumento da população pode aumentar a demanda por alimentos (aumento do valor da terra) e a migração da população rural para áreas urbanas pode reduzir a preços sobre os preços da terra em áreas rurais, mas eleva o preço de áreas nas periferias urbanas.
- **Mercados internacionais:** abertura de mercados internacionais e investimentos diretos estrangeiros podem aumentar o preço de terra.
- **Outros fatores:** expectativas de mercado e especulação imobiliária.

O comportamento dos preços de terra tende a acompanhar o ganho de importância da atividade agropecuária na região. Nesse sentido, Santa Catarina é um estado de grande aptidão agrícola o que afeta diretamente os preços do principal ativo produtivo, a terra. O estado apresenta forte presença da agricultura familiar e sistemas produtivos intensivos com elevado nível tecnológico. Ao longo dos últimos dez anos, o Valor da Produção Agropecuária (VPA) no estado cresceu em média 0,87% ao ano. Em 2025, o Valor da Produção Agropecuária (VPA) do estado foi estimado em R\$ 74,9 bilhões, o que representa um aumento de 15,4% em termos nominais comparado a 2024. No referido ano, a pecuária representou 58% do VPA estadual, seguida pelos grãos (21%), lavouras temporárias (10%), lavouras permanentes (4%), produção florestal (5%) e aquicultura (1%), (TORESAN, 2024).

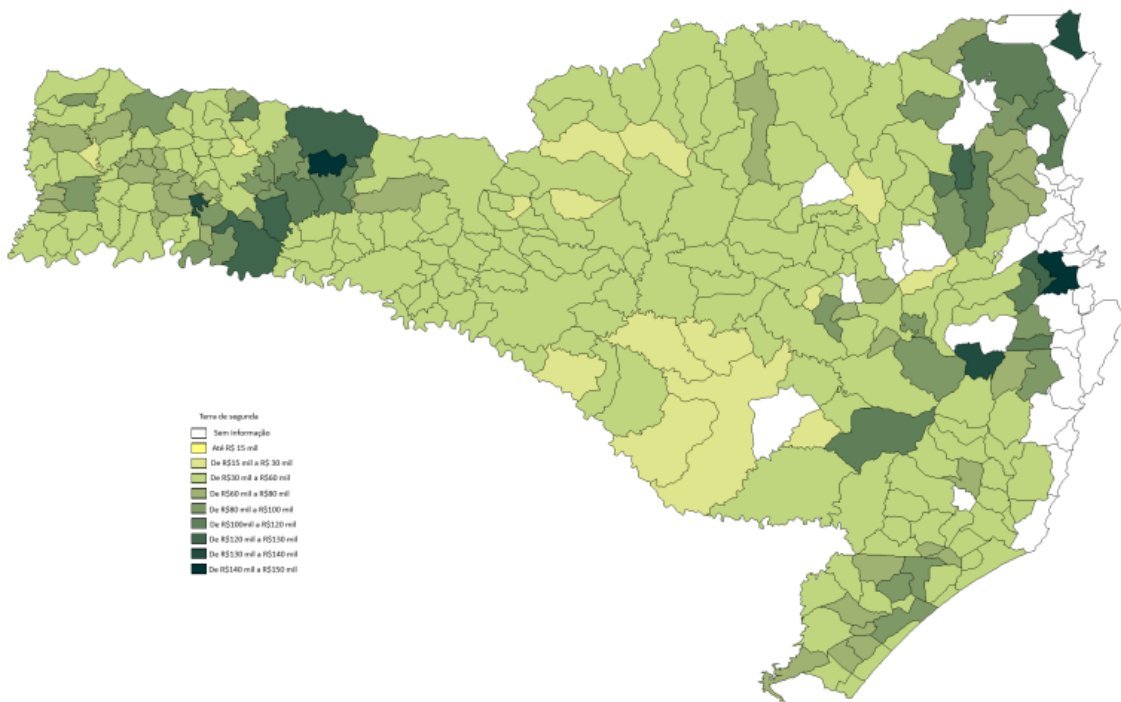
De maneira geral os preços das classes de terra no estado apresentaram tendência de crescimento em 2025, especialmente aquelas associadas à produção de grãos, que passou por expressiva valorização dos preços nos últimos anos, apesar das quedas observadas em 2025. As Figuras abaixo apresentam os mapas de distribuição dos preços municipais para as seis classes de terras.

Figura 1 - Preço mais comum de terra de primeira por município – 2025



Fonte: Epagri/Cepa, 2026

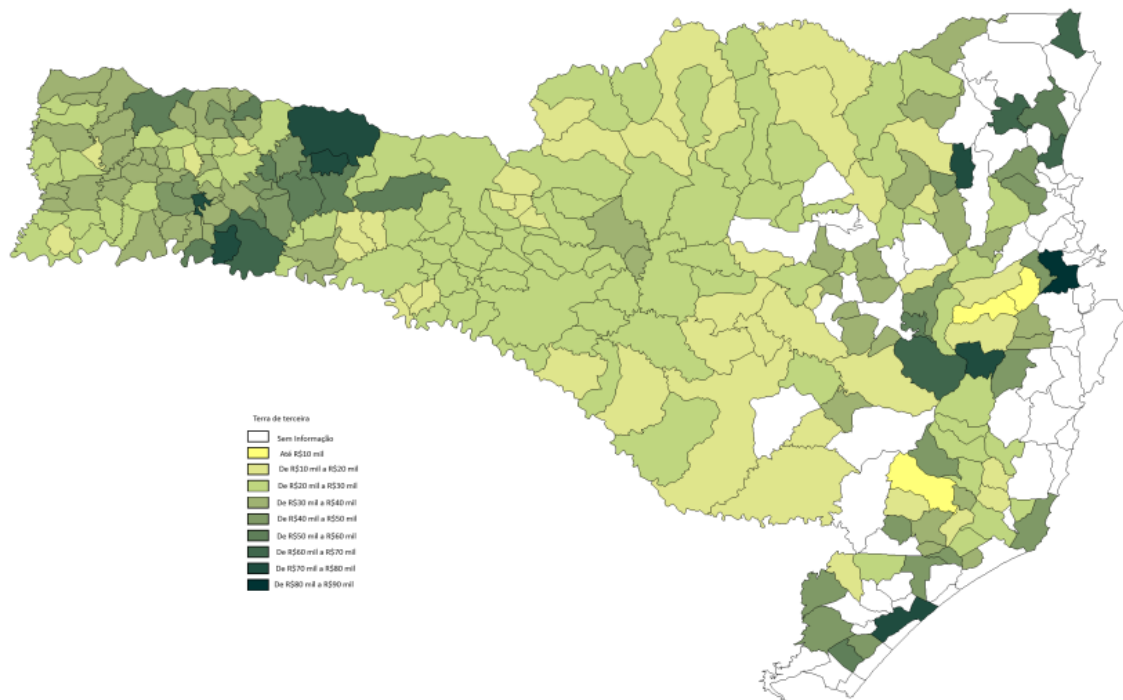
Figura 2 - Preço mais comum de terra de segunda por município – 2025



Fonte: Epagri/Cepa, 2026

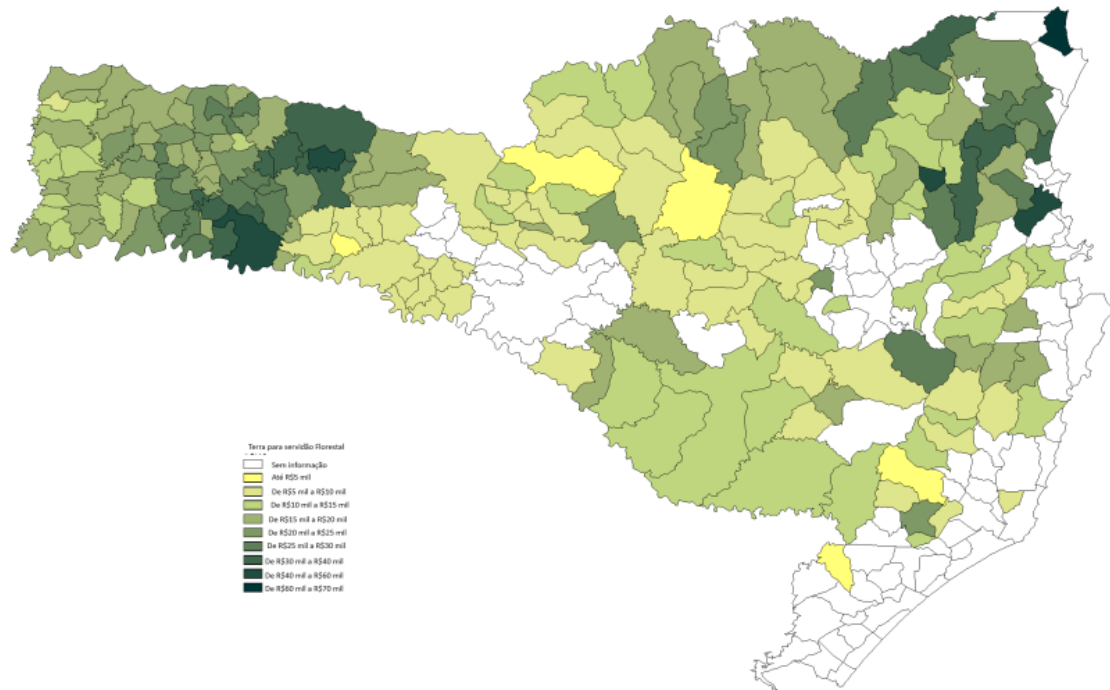
Observa-se que nas classes de terra de primeira e segunda, as regiões oeste e planalto norte são aquelas cujos valores estão nos scores mais altos. Isto porque nestas regiões predomina a produção de grãos, em especial soja, de alta liquidez e cujos preços tiveram valorização nos últimos anos, o que resulta em valorização das classes de terra associadas a esses cultivos. Em algumas regiões, as áreas agrícolas concorrem com o avanço da indústria, portos, pressão imobiliária, como é o caso das regiões litorâneas. Nas terras de segunda, além da influência do comportamento das terras de primeira, destaca-se a pecuária (áreas utilizadas para pastagens) que compõe o principal setor gerador em termos de valor bruto da produção no estado, bem como a produção de cebola, na região do Alto Vale do Itajaí e cujo estado é o maior produtor nacional.

Figura 3 - Preço mais comum de terra de terceira por município – 2025



Fonte: Epagri/Cepa, 2026

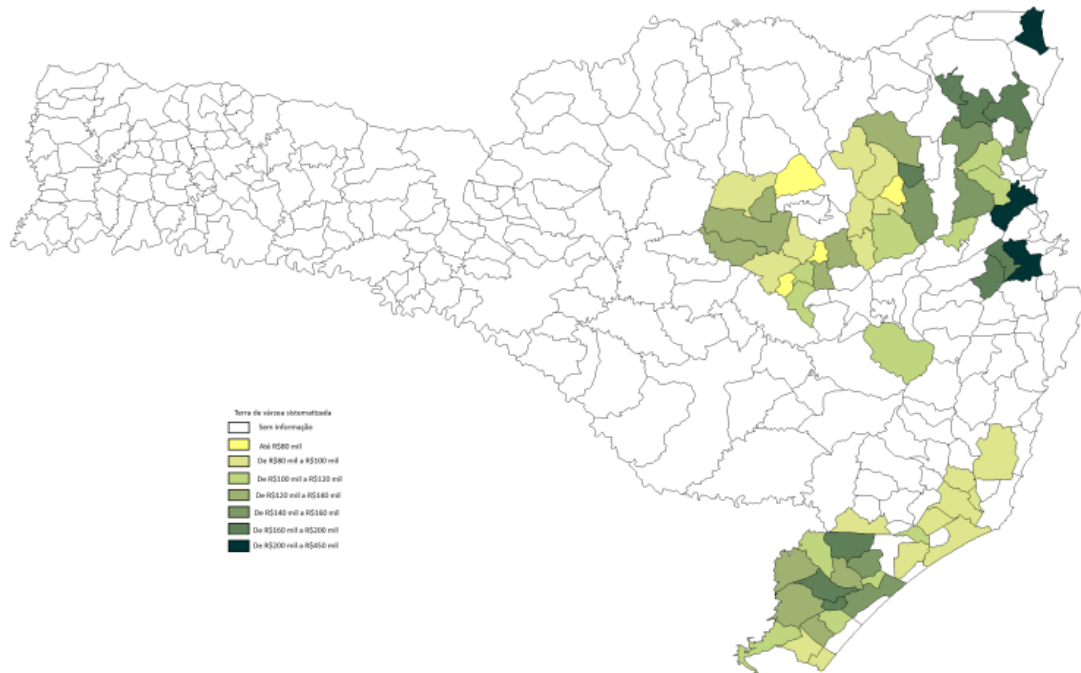
Figura 4 - Preço mais comum de terra de servidão florestal por município - 2025



Fonte: Epagri/Cepa, 2026

As classes de terra de terceira e servidão florestal, em geral têm comportamentos associados. As terras de terceira são áreas de topografia acidentada, impróprias à exploração de lavouras temporárias, lavouras permanentes e pastagem. Uma das poucas alternativas de exploração econômica é a implantação de reflorestamento. E as terras para servidão florestal são áreas cobertas de vegetação nativa primária (mata virgem) em estágio médio (capoeiras) ou avançado (capoeirão) de recomposição. Essas duas classes passaram por tendência crescente em razão da legislação ambiental, e nos últimos anos, especialmente as terras para servidão florestal valorizaram bastante em razão da ascensão do turismo rural. As duas classes caracterizam-se pela ocorrência de poucas negociações no estado.

Figura 5 - Preço mais comum de terra de várzea sistematizada por município – 2025



Fonte: Epagri/Cepa, 2026

As terras de várzea sistematizadas, concentradas na região litorânea, produtora de arroz, tem tendência crescente e a principal explicação é o aumento do preço do arroz nos anos anteriores a 2025. Esta área sofre muita influência das áreas urbanas. Como a atividade está concentrada em propriedades familiares, em geral há pouca comercialização de terras. O aumento da área média do produtor ocorre, em geral, pelo arrendamento que representa 60% da área cultivada no estado.



Fruticultura

Banana 14



Banana

Rogério Goulart Junior

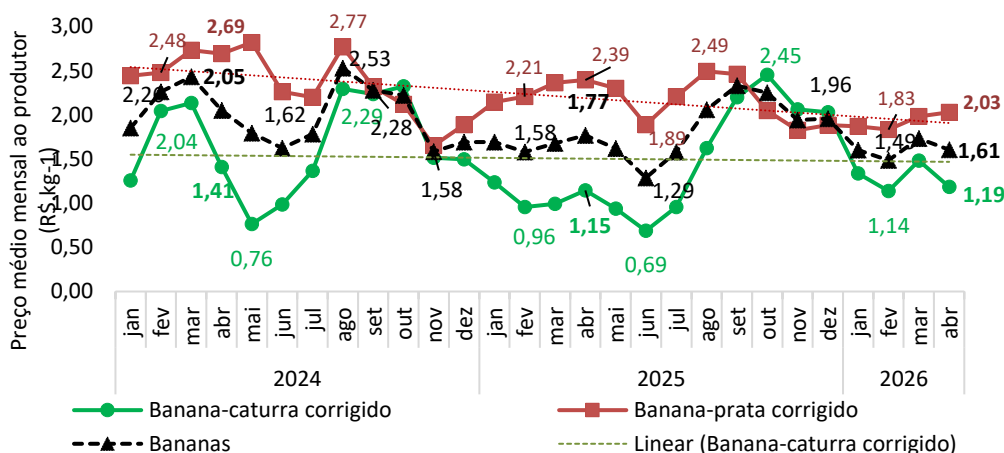
Economista, Dr. - Epagri/Cepa

rogeriojunior@epagri.sc.gov.br

O mercado de bananas em Santa Catarina entre março e abril de 2026 apresenta desvalorização de preços ao produtor da banana-caturra e valorização da banana-prata devido a ocorrência de altas temperaturas e precipitação nas regiões produtoras. No mercado nacional, as bananas-nanica e prata apresentam tendência de desvalorização das cotações, devido ao aumento da oferta nacional.

Preços e mercado estadual

Figura 1 - Banana – Santa Catarina: evolução do preço mensal ao produtor



Nota: preço mensal corrigido (IGP-DI/FGV – abr/26=100).

Fonte: Epagri/Cepa, 2026

Entre março e abril de 2026, as cotações da banana-caturra apresentaram desvalorização de 20,0% devido a maior produção de cachos nos bananais com temperaturas mais altas desde o verão. No comparativo entre abril de 2026 e os preços dos anos anteriores houve valorização de 1,8%, em relação ao ano anterior, mas desvalorização de 17,3%, em comparação a 2024. No 1º trimestre as cotações médias da banana-caturra foram valorizadas em 25,7% em relação ao mesmo período de 2025. No mês de maio, a expectativa é de manutenção na desvalorização nos preços ao produtor com a maior da oferta da fruta no mercado nacional.

Para a banana-prata, entre março e abril de 2026, houve valorização de 2,4% nos preços com menor oferta da variedade no mercado. Em abril, as cotações estão 16,6% desvalorizadas, em relação às do mesmo mês do ano anterior, e 25,9% em comparação a 2024. No 1º trimestre as cotações médias da banana-prata estavam desvalorizadas em 14,2% em relação ao mesmo período de 2025. Em maio, a expectativa é de manutenção nos preços da banana-prata com aumento na demanda.



Na média, entre março e abril de 2026, houve desvalorização nos preços das bananas, com redução de 7,2%. Em abril as cotações estão 10,7% desvalorizadas em relação ao ano anterior e 22,9% em comparação a 2024. No 1º trimestre os preços estavam desvalorizados 1,4% em comparação ao mesmo período de 2025, devido a maior oferta da fruta no mercado ocasionada pelas altas temperaturas e precipitações desde o verão que acelera o desenvolvimento dos cachos e a maturação.

Tabela 1 - Banana – Santa Catarina: preço médio ao produtor (R\$.kg⁻¹)⁽¹⁾ nas principais praças

Praça	Mês				Var. (%) Abr./Mar. 2026
	Fev.26	Mar.26	Abr.26	Mai.26 ⁽²⁾	
Litoral Norte					
Caturra	0,85	1,62	1,07	0,70	-33,9
Prata	2,29	2,25	2,33	2,17	3,6
Litoral Sul					
Caturra	1,43	1,28	1,30	1,31	2,0
Prata	1,38	1,62	1,73	1,73	6,6

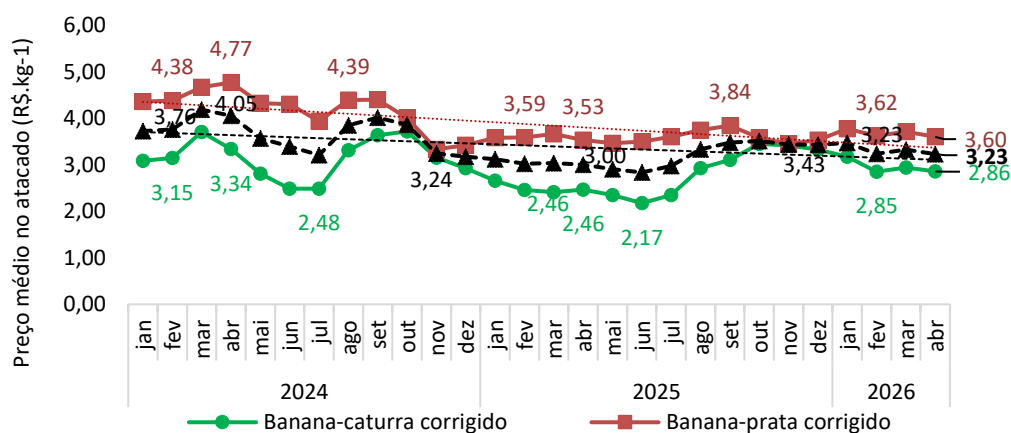
Fonte: Epagri/Cepa e Conaban, out./2025

Nota: ⁽¹⁾ valores em R\$/cx. 20 kg transformados em R\$.kg.⁻¹; ⁽²⁾ até o dia 9 do mês.

No Litoral Norte Catarinense, entre março a abril de 2026, houve desvalorização nos preços da banana-caturra com maior disponibilidade da fruta. Em abril, temperaturas elevadas e as precipitações acumuladas determinaram a maturação acelerada dos cachos nos bananais. Para maio é estimada manutenção na desvalorização das cotações da banana-caturra, mas com expectativa de redução na oferta ao longo do mês com temperaturas mais amenas.

No Litoral Sul Catarinense, a banana-prata apresentou valorização nas cotações, entre março e abril, com a menor disponibilidade da variedade em outras regiões. Em abril, a redução nos volumes de precipitação e a redução das temperatura mínimas na região mantiveram a produção mais controlada. Para maio é esperada a manutenção nas cotações da banana-prata com a menor oferta e aumento da demanda relativa no mercado nacional pela variedade.

Figura 2 - Banana – Santa Catarina: evolução do preço mensal no atacado da Ceasa/SC



Fonte: Epagri/Cepa, 2026

Nota: preço mensal corrigido (IGP-DI/FGV – abr/26=100).



No mercado atacadista estadual, entre março e abril, houve desvalorização de 2,8% nas cotações da banana-caturra, em função da maior oferta nacional da variedade; e desvalorização de 3,1% nas de banana-prata com maior disponibilidade. Ao comparar o mês de abril com o do ano anterior, os preços apresentaram valorização de 15,9% para a banana-caturra e de 1,9% para a banana-prata. No 1º trimestre de 2026 as cotações médias das bananas estavam 9,3% valorizadas que às de 2025, mas 14,0% desvalorizadas em comparação a 2024.

Entre janeiro e março de 2026, nas Centrais de Abastecimento de Santa Catarina (Ceasa-SC), o volume comercializado total de banana foi de 2.576 toneladas com redução de 4,2% entre fevereiro e março, sendo, 75,6% de origem catarinense no período. No período foram gerados R\$10,1 milhões em valores negociados com redução de 8,0% entre fevereiro e março.

No 1º trimestre de 2026, na Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo (Ceagesp-SP), o volume comercializado de banana foi de 17.377 toneladas com aumento de 4,3% entre fevereiro e março, sendo, 9,3% de origem catarinense no período. No período foram gerados R\$69,8 milhões em valores negociados com aumento de 10,3% entre fevereiro e março.

Preço e mercado nacional

Tabela 2 - Banana – Brasil: preço médio ao produtor (R\$.kg⁻¹)⁽¹⁾ nas principais praças

Praça	Mês				Varição (%)
	Fev./26	Mar./26	Abr./26	Mai./26 ⁽²⁾	Abr./Mar. 2026
Bom Jesus da Lapa (BA)					
Nanica	1,42	2,13	1,14	0,75	-46,5
Prata	3,09	3,23	3,09		-4,3
Norte de Minas Gerais (MG)					
Nanica	1,57	2,11	1,10	0,91	-47,9
Prata	2,83	3,21	3,48	3,45	8,4
Vale do Ribeira (SP)					
Nanica	1,50	2,11	1,65	1,23	-21,8
Prata	2,68	2,49	2,85	2,67	14,5
Vale do São Francisco (BA e PE)					
Nanica	-	-	-	-	-
Prata	2,50	3,18	2,87	2,37	-9,7

Fonte: Epagri/Cepa adaptado de Cepea/Esalq/USP

Nota: ⁽¹⁾ Preço médio mensal em R\$.kg⁻¹; ⁽²⁾ até dia 11 do mês.

No Sudeste, especialmente no Vale do Ribeira (SP) e no norte de Minas Gerais, o mercado iniciou o período com baixa oferta de nanica e prata, o que sustentou preços elevados em fevereiro e março. Entretanto, o avanço das colheitas a partir de abril, aliado ao menor consumo provocado pelos feriados e finais de mês, pressionou as cotações, principalmente da nanica. Em Minas Gerais, a prata manteve os preços devido à disponibilidade limitada, embora a concorrência com outras regiões tenha restringido novas altas.

Já no Nordeste, regiões como Bom Jesus da Lapa (BA) e Vale do São Francisco (BA/PE) enfrentaram baixa oferta de prata durante boa parte do semestre, sustentando os preços em alguns momentos. Contudo, a ampliação gradual da produção de nanica e o enfraquecimento do consumo em períodos de feriado também resultaram em quedas nas cotações.



De forma geral, o período analisado demonstrou que o clima favorável no verão contribuiu para a recuperação produtiva da nanica, especialmente no Sudeste, resultando em aumento da oferta e conseqüente queda de preços a partir de abril.

Por outro lado, a banana prata manteve oferta mais limitada em grande parte das regiões, sustentando preços relativamente firmes. Além disso, fatores como feriados, fim de mês, retorno das aulas tiveram papel importante no comportamento do mercado.

As perspectivas para os próximos meses indicam continuidade do aumento da produção, especialmente da nanica, enquanto a prata deve ganhar maior volume apenas no segundo semestre, podendo alterar novamente a dinâmica de preços e comercialização.

Comparativo e evolução de safra

Comparativo de safras – Banana total

Microrregiões	2024/25			Estimativa 2025/26			Variação (%)			2025/26
	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produtividade de média (kg.ha ⁻¹)	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produtividade de média (kg.ha ⁻¹)	Área colhida	Produção	Produtiv. média	Participação na produção (%)
Blumenau	5.354	161.491,55	30.163	5.177	159.808,54	30.869	-3,31%	-1,04%	2,34%	20,75%
Itajaí	3.919	121.993,00	31.129	3.929	118.740,43	30.222	0,26%	-2,67%	-2,91%	15,42%
Joinville	11.938	343.593,00	28.781	12.358	360.493,00	29.171	3,52%	4,92%	1,35%	46,81%
São Bento do Sul	510	14.420,00	28.275	510	13.011,56	25.513	0,00%	-9,77%	-9,77%	1,69%
Araranguá	5.329	99.952,25	18.756	5.775	94.091,65	16.293	8,37%	-5,86%	-13,13%	12,22%
Criciúma	1.318	25.316,90	19.209	1.320	23.013,80	17.435	0,15%	-9,10%	-9,23%	2,99%
Tubarão	98	1.558,08	15.899	95	1.039,20	10.939	-3,06%	-33,30%	-31,20%	0,13%
Total	28.466	768.324,78	26.991	29.164	770.198,18	26.409	2,45%	0,24%	-2,16%	100,00%

Fonte: Epagri/Cepa, abr/2026

Participação da banana-caturra

Microrregiões	2024/25			Estimativa 2025/26			Variação (%)			2025/26
	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produtividade de média (kg.ha ⁻¹)	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produtividade de média (kg.ha ⁻¹)	Área colhida	Produção	Produtiv. média	Participação na produção (%)
Blumenau	4.943	152.558,00	30.863	4.765	151.661,69	31.828	-3,60%	-0,59%	3,13%	24,25%
Itajaí	3.334	110.218,00	33.059	3.334	106.906,88	32.066	0,00%	-3,00%	-3,00%	17,09%
Joinville	10.328	309.994,00	30.015	10.581	322.010,00	30.433	2,45%	3,88%	1,39%	51,48%
São Bento do Sul	320	10.240,00	32.000	320	8.960,00	28.000	0,00%	-12,50%	-12,50%	1,43%
Araranguá	1.628	35.671,65	21.911	1.278	25.959,74	20.313	-21,50%	-27,23%	-7,30%	4,15%
Criciúma	504	11.626,40	23.068	478	9.956,00	20.828	-5,16%	-14,37%	-9,71%	1,59%
Tubarão	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Total	21.057	630.308,05	29.933	20.756	625.454,31	30.134	-1,43%	-0,77%	0,67%	100,00%

Fonte: Epagri/Cepa, abr/2026



Participação da banana-prata

Microrregiões	2024/25			Estimativa 2025/26			Variação (%)			2025/26
	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produtividade de média (kg.ha ⁻¹)	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produtividade de média (kg.ha ⁻¹)	Área colhida	Produção	Produtiv. média	Participação na produção (%)
Blumenau	411	8.933,55	21.736	412	8.146,85	19.774	0,24%	-8,81%	-9,03%	5,63%
Itajaí	585	11.775,00	20.128	595	11.833,55	19.888	1,71%	0,50%	-1,19%	8,18%
Joinville	1.610	33.599,00	20.869	1.777	38.483,00	21.656	10,37%	14,54%	3,77%	26,59%
São Bento do Sul	190	4.180,00	22.000	190	4.051,56	21.324	0,00%	-3,07%	-3,07%	2,80%
Araranguá	3.701	64.280,60	17.368	4.497	68.131,91	15.151	21,51%	5,99%	-12,77%	47,07%
Criciúma	814	13.690,50	16.819	842	13.057,80	15.508	3,44%	-4,62%	-7,79%	9,02%
Tubarão	98	1.558,08	15.899	95	1.039,20	10.939	-3,06%	-33,30%	-31,20%	0,72%
Total	7.409	138.016,73	18.628	8.408	144.743,87	17.215	13,48%	4,87%	-7,59%	100,00%

Fonte: Epagri/Cepa, abr/2026

No comparativo de safras a estimativa é de aumento de 0,24% na produção de banana, em relação à da safra anterior, com acréscimo de 2,45% na área em produção. As microrregiões do Norte Catarinense representam 84,7% do total, enquanto das microrregiões do Sul Catarinense representam os outros 15,3% da produção de banana no Estado. A expectativa é de redução de 0,77% na produção de banana-caturra e aumento de 4,87% na de banana-prata, entre as safras de 2024/25 e 2025/26.



Grãos

Arroz.....	20
Feijão	23
Milho	27
Milho Silagem	34
Soja	36
Trigo	42



Arroz

Glaucia de Almeida Padrão

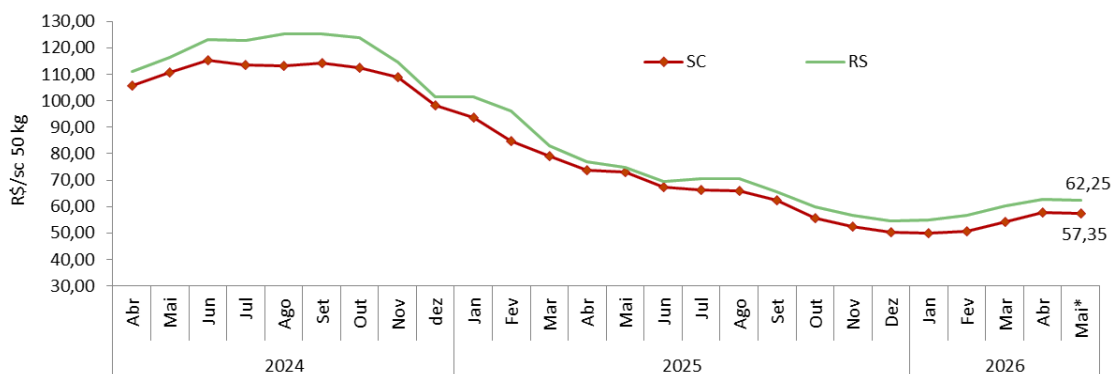
Economista, Dra. - Epagri/Cepa

glauciapadrao@epagri.sc.gov.br

Mercado

O mês de abril continuou a apresentar a trajetória de crescimento dos preços iniciada no mês de março. Entre abril e março, observou-se um aumento de 9,07% nos preço médio do arroz em Santa Catarina e 6,51% no Rio grande do Sul. Nos primeiros dias de maio, no entanto, o cenário já se apresenta diferente, com estabilização e redução pouco expressiva nos dois estados. No Rio Grande do Sul, principal estado produtor, a média de abril fechou em R\$ 62,66 a saca de 50kg e na média parcial de maio, os preços caíram para R\$ 62,25 (variação de -0,65% em relação a abril), segundo dados do Cepea. Em Santa Catarina, segundo maior produtor e mercado fortemente influenciado pelo estado gaúcho, foi observado comportamento similar ao do Rio Grande do Sul, porém com mais intensidade. No mês de abril, o preço médio pago ao produtor no estado totalizou R\$ 57,72 por saca de 50 kg e no primeiro decêndio de maio, a média parcial foi de R\$ 57,35 por saca de 50 kg (variação de -0,64% em relação a abril).

Figura 1 - Arroz – SC: evolução do preço médio real mensal ao produtor – (abr./2024 a mai./2026*)



Fonte: SC - Epagri/Cepa, RS – Cepea, mai./2026

Preço médio mensal corrigido pelo IGP DI.

(*) Refere-se à média dos 10 primeiros dias do mês.

Entre as explicações para essa elevação pontual dos preços do arroz em abril está a baixa liquidez. Apesar da maior disponibilidade do grão, em razão da finalização da colheita em Santa Catarina e mais de 95% da área colhida no Rio Grande do Sul e Tocantins, os produtores têm se mantido resistentes em comercializar o grão ao preço praticado, visto que estes ainda são insuficientes para cobrir os custos de produção. A indústria por sua vez, se mantém cautelosa no repasse de preços ao varejo. No início de maio, por sua vez, o mercado reagiu após o leilão de Pepro da Conab, realizado no dia 5 de maio, que registrou um arremate de apenas 30% do volume total ofertado em nível nacional, porém com grandes disparidades regionais, com 100% da cota arrematada na Fronteira Oeste e nenhum arremate na Zona Sul e Planície Costeira



Interna, no Rio Grande do Sul. Em Santa Catarina, o arremate foi de 79% da cota disponibilizada pelo governo.

Adicionalmente, a alta nos preços do diesel e as instabilidades geopolíticas no cenário externo têm acentuado a cautela entre os produtores. Embora o aumento da demanda industrial durante a colheita possa oferecer um suporte temporário às cotações, os fundamentos de mercado ainda barram uma recuperação mais robusta. Como resultado, o setor produtivo permanece operando com margens negativas, já que os valores atuais de comercialização não são suficientes para cobrir os custos de produção.

Comércio Exterior

No que diz respeito ao comércio internacional de arroz, no ano de 2026, o mercado parece estar mais atrativo do que o ano anterior. Entre janeiro e abril foram exportados o equivalente a US\$1,55 mil, o que representa uma variação de 111,07% em relação ao mesmo período do ano anterior. As exportações são apontadas como uma saída para reduzir a pressão da oferta interna sobre os preços. No entanto, embora o volume exportado até o momento supere significativamente o observado em 2025, este ainda não é suficiente para reduzir a oferta interna e resultar em elevação significativa dos preços domésticos, haja vista a atuação dos demais países do Mercosul de forma mais competitiva do que o Brasil. Entre os principais parceiros comerciais, destacam-se Cuba (37,6%), Estados Unidos (16,2%) e Senegal (9,8%). De maneira geral, os destinos comerciais apresentaram crescimento expressivo dos volumes originados de Santa Catarina. Isto porque, o estado apresentou boa disponibilidade do grão após a safra recorde obtida e competitividade de preços, favorecida pelo câmbio e pela eficiência logística (localização dos portos), o que abriu uma janela de comércio externo.

Figura 2 - Arroz – SC: evolução das exportações anuais – (2020 a 2026*)



Nota: * Para o ano de 2026 estão os dados acumulados de janeiro a abril.

Fonte: Comex Stat/Mdic, mai./2026



Do lado das importações, entre janeiro e abril de 2026, o estado importou o equivalente a US\$4,12 milhões, o que representa uma variação de 19,67% em relação ao mesmo período de 2025. Apesar da alteração de trajetória das importações, visto que no primeiro trimestre do ano elas estavam abaixo do volume importado no mesmo período de 2025, o mercado segue desaquecido em face da oferta interna que continua alta e desestimula a busca por produto em outros mercados. Entre os principais parceiros comerciais, destacam-se Uruguai (49,66%), Argentina (17,32%) e Paraguai (13,26%). O Paraguai, principal origem das importações catarinenses destaca-se momentaneamente como terceiro no ranking nesse primeiro quadrimestre do ano. Isto porque, a importação originada neste país tem início entre maio e junho e intensifica no segundo semestre, quando ocorre o período de entressafra nacional.

Acompanhamento de safra

A colheita de arroz em Santa Catarina encontra-se encerrada, restando apenas algumas áreas de soca, especialmente no Litoral Norte. As estimativas da Epagri/Cepa apontam para uma leve redução de área cultivada, projetada em 1,32% em relação à safra anterior. A produtividade também deve ser menor, estimada em 8.787 kg/ha, o que representa uma redução de 1,78% frente à safra passada. Essa queda, porém, reflete principalmente o desempenho excepcional registrado no ciclo anterior, com a atual safra retornando a níveis mais próximos da normalidade, mas também o menor aporte de recursos em insumos como adubação e agrotóxicos, diante do cenário de preços pagos menores que os custos de produção. A combinação entre menor área plantada e redução de produtividade deverá resultar em uma produção total de 1,260 milhão de toneladas. Os resultados até o momento apontam para uma safra normal com problemas pontuais nas regiões produtoras, ainda que menos expressiva do que a obtida em 2024/25.

Tabela 1 - Arroz – Comparativo de safras

Microrregião	2024/25			Estimativa safra 2025/26				Variação		
	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Participação da produção em relação a SC (%)	Área (%)	Produtiv. (%)	Produção (%)
Araranguá	58.848	9.058	533.039	58.434	9.133	533.705	42,36	-0,70	0,83	0,12
Blumenau	7.048	9.883	69.654	6.993	8.950	62.590	4,97	-0,78	-9,44	-10,14
Criciúma	21.829	9.185	200.501	21.889	8.716	190.789	15,14	0,27	-5,10	-4,84
Florianópolis	1.894	6.946	13.155	2.080	6.571	13.668	1,08	9,82	-5,40	3,90
Itajaí	8.987	8.424	75.707	8.504	8.330	70.839	5,62	-5,37	-1,11	-6,43
Ituporanga	170	8.405	1.429	175	9.000	1.575	0,13	2,94	7,08	10,22
Joinville	17.709	8.366	148.150	17.525	8.313	145.685	11,56	-1,04	-0,63	-1,66
Rio do Sul	9.990	9.861	98.510	9.896	10.253	101.465	8,05	-0,94	3,98	3,00
Tabuleiro	132	8.045	1.062	120	8.900	1.068	0,08	-9,09	10,63	0,56
Tijucas	2.164	7.377	15.963	1.960	7.322	14.352	1,14	-9,43	-0,74	-10,09
Tubarão	16.523	8.633	142.648	15.802	7.856	124.134	9,85	-4,36	-9,01	-12,98
Santa Catarina	145.294	8.946	1.299.818	143.378	8.787	1.259.871	100,00	-1,32	-1,78	-3,07

Fonte: Epagri/Cepa, mai./2026

No âmbito nacional, a colheita de arroz encerra até final de maio. De acordo com o acompanhamento de lavouras realizado pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), o Brasil já atingiu 94,6% da sua área total de arroz colhida. O volume total de produção estimado pelo 7º Levantamento aponta para 11,1 milhões de toneladas, uma redução de 12,9% motivada pela redução de 13,1% na área plantada do país.

No Rio Grande do Sul, o Instituto Rio Grandense do Arroz (IRGA) aponta que, da área plantada, 96,41% já foi colhida. As lavouras remanescentes, semeadas mais tardiamente, enfrentaram volumes expressivos de chuva na virada de abril para maio, o que gerou perdas pontuais de qualidade e produtividade. Mesmo diante destas intercorrências, as médias de produtividade permanecem elevadas.



Feijão

João Rogério Alves

Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa

joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

Ao final de abril, confirmou-se a tendência de alta nas cotações do feijão observada no início do período. O feijão-carioca registrou variação positiva de 9,23%, fechando o mês em R\$259,29/sc 60kg. Já o feijão-preto apresentou alta mensal de 2,18%, encerrando o período cotado a R\$159,43/sc 60kg. Na comparação anual, o preço médio da saca de feijão-preto está 11,12% acima do valor registrado em abril de 2025 (R\$143,47), enquanto o feijão-carioca registra uma variação anual positiva de 51,85%.

Tabela 1 - Feijão BR – Comparativo de preços pagos ao produtor (sc 60kg)

Estado	Tipo	Mar./26	Abr./26	Variação mensal (%)	Abr./25	Variação anual (%)
Santa Catarina		237,38	259,29	9,23	170,75	51,85
Paraná		300,37	300,06	-0,10	216,00	38,92
Minas Gerais	Feijão-carioca	333,57	328,33	-1,57	241,79	35,79
Bahia		337,50	320,69	-4,98	249,87	28,34
São Paulo		319,00	308,18	-3,39	237,67	29,67
Goiás		305,60	302,32	-1,07	236,88	27,63
Santa Catarina		156,03	159,43	2,18	143,47	11,12
Paraná	Feijão-preto	177,22	159,64	-9,92	140,00	14,03
Rio Grande do Sul		139,56	148,83	6,64	156,37	-4,82

Fonte: Epagri/Cepa (SC), Conab (BA, GO, MG, SP), Deral (PR), mai./2026

Em maio, com dados levantados até o dia 11, o preço médio do feijão-carioca mantém a trajetória de alta no mercado catarinense, atingindo R\$ 268,77/sc 60kg, uma elevação de 3,6% em relação à média de abril. Esse movimento altista deve-se, sobretudo, à redução da oferta no mercado nacional. Prova disso é a redução expressiva de 44% da área colhida de feijão primeira safra no Paraná, principal produtor do país. Segundo o Deral, os dados da segunda safra, cuja colheita está em curso, apontam uma produção de 377 mil toneladas, volume 30% inferior as 540 mil toneladas obtidas na segunda safra de 2025.

Safra Nacional

De acordo com a Conab, a estimativa de abril para as três safras nacionais indica uma redução de 4,1% na área plantada em relação ao ciclo anterior, recuando de 2,7 milhões para 2,6 milhões de hectares. A produtividade média nacional também deve sofrer queda de 1,1%, situando-se em 1.124kg/ha. Para o ciclo 2025/26, a previsão da companhia é de uma produção total de aproximadamente 2,9 milhões de toneladas, o que representa um recuo de 5,2% frente à safra anterior.



Tabela 2 - Feijão Total BR (1ª, 2ª e 3ª safras) – Comparativo de área, produtividade e produção – Safras 2024/25 e 2025/26

Região	Área (mil ha)			Produtividade (kg/ha)			Produção (mil t)		
	Safra 2024/25	Safra 2025/26	Variação (%)	Safra 2024/25	Safra 2025/26	Variação (%)	Safra 2024/25	Safra 2025/26	Variação (%)
Norte	107,50	124,80	16,1	1.087,63	1.031,69	-5,1	116,90	128,90	10,3
Nordeste	1.312,40	1.312,70	0,0	460,22	516,28	12,2	604,00	677,80	12,2
Centro-Oeste	304,00	322,10	6,0	2.111,11	2.021,99	-4,2	641,70	651,30	1,5
Sudeste	374,00	384,30	2,8	1.737,69	1.803,03	3,8	650,00	692,90	6,6
Sul	595,10	439,10	-26,2	1.759,94	1.711,12	-2,8	1.047,30	751,30	-28,3
Brasil	2.693,00	2.583,00	-4,1	1.136,25	1.123,50	-1,1	3.059,90	2.902,20	-5,2

Nota: Estimativa em abril/2026.

Fonte: Conab, mai. 2026.

O Monitoramento Semanal das Condições de Lavoura da Conab (até 04 de maio de 2026) indica que a colheita da primeira safra foi finalizada na Bahia, com grãos de boa qualidade e rendimento. No Piauí, as chuvas esparsas mantêm a umidade do solo, e a colheita já atingiu dois terços da área total.

Quanto à segunda safra, a semeadura foi 100% concluída no país. Na Bahia, tanto o feijão-caupi quanto o feijão-cores apresentam bom desenvolvimento. No Paraná, as lavouras precoces já começaram a ser colhidas, embora existam diferentes estádios fenológicos entre as regiões; as chuvas recentes beneficiaram as condições gerais da cultura. Em Minas Gerais, a produção enfrentou desafios devido à alta pressão de mosca-branca e ao excesso de chuvas no início do ciclo.

Safra Catarinense

Feijão 1ª Safra

A colheita da primeira safra em Santa Catarina está tecnicamente encerrada, atingindo 98% da área total até a última semana de abril. Atualmente, 82% das áreas apresentam boas condições, enquanto 16% são classificadas como regulares. O ciclo foi marcado por forte oscilação climática: na primavera de 2025, o desenvolvimento inicial foi retardado por temperaturas abaixo da média (anomalias de -0,5°C a -1,5°C) e geadas tardias no Planalto Sul entre novembro e dezembro.

No verão, predominou a irregularidade das chuvas. Enquanto o Litoral registrou volumes elevados e temporais frequentes, o Grande Oeste enfrentou restrições hídricas típicas do fenômeno *La Niña*. Em suma, o excesso de chuva ao final do ciclo e os temporais entre dezembro e janeiro prejudicaram a qualidade dos grãos em certas regiões, embora o volume total tenha atendido às expectativas de abastecimento.





A temporada 2025/26 de feijão primeira safra está se consolidando com o registro de uma redução de 24% na área plantada, totalizando 26,5 mil hectares. A produtividade média foi revisada para 1.978kg/ha, um recuo de 3,7%. Com isso, a produção estimada é de 52,5 mil toneladas, uma retração de 26,6% em comparação ao ano anterior.

Tabela 3 - Feijão 1ª Safra – SC: comparativo de safras

Microrregião	Safrá 2024/2025			Estimativa Safrá 2025/2026				Variação (%)		
	Área (ha)	Produt. (kg/ha)	Prod. (t)	Área (ha)	Produt. (kg/ha)	Prod. (t)	Partic. Prod. (%)	Área	Produt.	Prod.
Araranguá	60	1.355	81	11	1.304	14	0,03	-81,7	-3,8	-82,4
Blumenau	117	1.264	148	117	1.416	166	0,32	0,0	12,0	12,0
Campos de Lages	6.185	1.677	10.370	3.655	1.890	6.908	13,14	-40,9	12,7	-33,4
Canoinhas	7.700	1.856	14.293	6.850	1.780	12.196	23,21	-11,0	-4,1	-14,7
Chapecó	4.330	2.592	11.224	2.856	1.640	4.683	8,91	-34,0	-36,7	-58,3
Concórdia	305	1.236	377	298	1.502	448	0,85	-2,3	21,5	18,8
Criciúma	568	1.461	830	30	1.210	36	0,07	-94,7	-17,2	-95,6
Curitibanos	1.830	2.450	4.484	1.379	1.799	2.481	4,72	-24,6	-26,6	-44,7
Itajaí	150	1.200	180	3	1.500	5	0,01	-98,0	25,0	-97,5
Ituporanga	845	2.001	1.691	915	1.984	1.815	3,45	8,3	-0,9	7,3
Joaçaba	2.640	2.579	6.810	2.649	2.579	6.831	13,00	0,3	0,0	0,3
Rio do Sul	757	1.879	1.422	687	1.900	1.306	2,48	-9,2	1,1	-8,2
São Bento do Sul	600	1.648	989	530	1.557	825	1,57	-11,7	-5,5	-16,6
São Miguel do Oeste	1.828	2.380	4.350	1.277	2.358	3.012	5,73	-30,1	-0,9	-30,8
Tabuleiro	325	1.791	582	305	1.800	549	1,04	-6,2	0,5	-5,7
Tijucas	170	1.489	253	55	1.585	87	0,17	-67,6	6,5	-65,5
Tubarão	570	1.385	790	250	1.212	303	0,58	-56,1	-12,5	-61,6
Xanxerê	5.908	2.162	12.774	4.704	2.315	10.890	20,72	-20,4	7,1	-14,7
Total Geral	34.888	2.054	71.647	26.571	1.978	52.553	100,00	-23,8	-3,7	-26,6

Fonte: Epagri/Cepa, mai./2026

Feijão 2ª Safra

A segunda safra de feijão (2025/26) teve uma forte redução nessa temporada, com cerca de 7% da área plantada já colhidos, as condições de lavoura ao longo do mês de abril foram consideradas boas para 89% da área e médias para 11%. Quanto aos estádios fenológicos, 62% da área encontra-se em maturação e 32% em floração.

Nas MRG's de Araranguá, Criciúma e Tubarão, na região do Litoral Sul Catarinense, que nessa safra responde por apenas 1,7% da área plantada com feijão segunda safra, 25% das lavouras estão em fase de maturação. O mês de abril se caracterizou pela alternância de períodos ensolarados e nublados, com bom volume de chuvas, mas mal distribuídas ao longo das semanas.

Na MRG de Canoinhas, que responde por aproximadamente 14% da área plantado com feijão segunda safra, as operações de colheita já iniciaram, alcançando pouco mais de 5% da área plantada. Até o momento, lavouras avaliadas como boas a ótimas. O mês de abril foi marcado por um bom volume de precipitação na maioria dos municípios da região, mas abaixo do esperado sem, contudo, representar problema por falta de umidade no solo.





Para as MRG's de Chapecó e Xanxerê, que respondem por mais de 63% da área plantada com feijão segunda safra no estado, a cultura se encontra majoritariamente em fases finais de desenvolvimento, com áreas já prontas ou próximas da colheita. No entanto, o elevado volume de chuvas na última semana do mês tem gerado preocupação, podendo atrasar o início da colheita e impactar a qualidade dos grãos em algumas áreas.

Já na MRG de Curitibaanos, responsável por cerca de 9,6% da área plantada com feijão segunda safra, a segunda quinzena de abril foi marcada por chuvas volumosas em toda região, o que impediu que o ritmo de colheita transcorresse conforme programado. Com solo encharcado, produtores tiveram que aguardar a melhora do tempo para retomar os trabalhos de colheita. Lavouras com expectativa de colheita próximas a 2.400kg/ha.

Na MRG de São Miguel do Oeste, com uma contribuição de quase 10% da área plantada com feijão segunda safra, o desenvolvimento das lavouras é considerado muito bom, áreas em diversas fases de desenvolvimento. O Excesso de chuvas observada na segunda quinzena de abril, associado a busca diminuição nas temperaturas, deve comprometer a qualidade dos grãos colhidos, reduzindo a produtividade médias das lavouras da região.

A segunda safra (2025/26) de feijão em Santa Catarina teve uma redução importante na área plantada. Apesar da valorização dos preços pela escassez de oferta, o risco climático desencorajou os produtores a apostar na cultura, reduzindo a intenção do plantio da leguminosa. A produtividade média estimada é de 1.787kg/ha, mas poderá sofrer revisões a depender o andamento das operações de colheita e da região onde o produto está sendo colhido. Até o momento, é esperado um recua na produção de aproximadamente 40%.

Tabela 4 - Feijão 2ª Safra – SC – Comparativo de safras

Microrregião	Safra 2024/25			Estimativa Safra 2025/26				Variação (%)		
	Área (ha)	Produt. (kg/ha)	Prod. (t)	Área (ha)	Produt. (kg/ha)	Prod. (t)	Particip. Prod. (%)	Área	Produt.	Prod.
Araranguá	583	1.139	664	164	1.091	179	0,52	-71,9	-4,2	-73,0
Canoinhas	2.960	1.675	4.959	2840	1.641	4.660	13,51	-4,1	-2,1	-6,0
Chapecó	5.692	1.816	10.338	3.259	1.698	5.533	16,04	-42,7	-6,5	-46,5
Criciúma	848	1.118	948	118	1.527	180	0,52	-86,1	36,6	-81,0
Curitibaanos	1.690	2.113	3.571	1.380	2.400	3.312	9,60	-18,3	13,6	-7,3
Ituporanga	615	814	500	390	723	282	0,82	-36,6	-11,1	-43,6
Rio do Sul	320	854	273	230	1.135	261	0,76	-28,1	32,9	-4,5
São Bento do Sul	140	1.536	215	140	1.536	215	0,62	0,0	0,0	0,0
São M. do Oeste	3.180	1.470	4.673	1908	1.749	3.337	9,68	-40,0	19,0	-28,6
Tijucas	-	-	-	25	1.520	38	0,11	-	-	-
Tubarão	724	1.212	877	202	1.080	218	0,63	-72,1	-10,8	-75,1
Xanxerê	16.760	1.813	30.379	8640	1.883	16.270	47,18	-48,4	3,9	-46,4
Total Geral	33.512	1.713	57.399	19.296	1.787	34.485	100,00	-42,4	4,3	-39,9

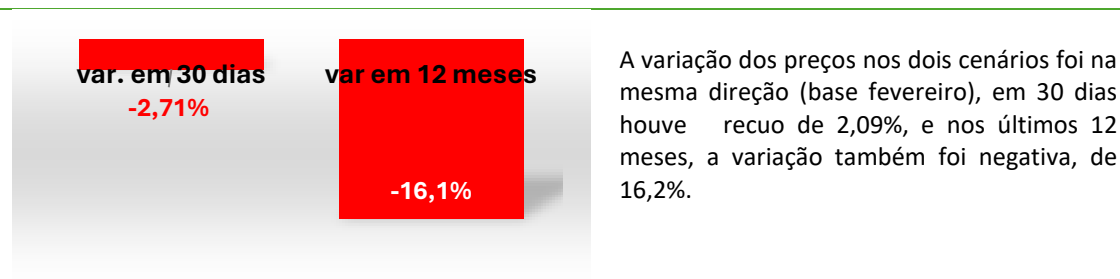
Fonte: Epagri/Cepa, mai./2026

Erro! Vínculo não válido.



Variação de preços

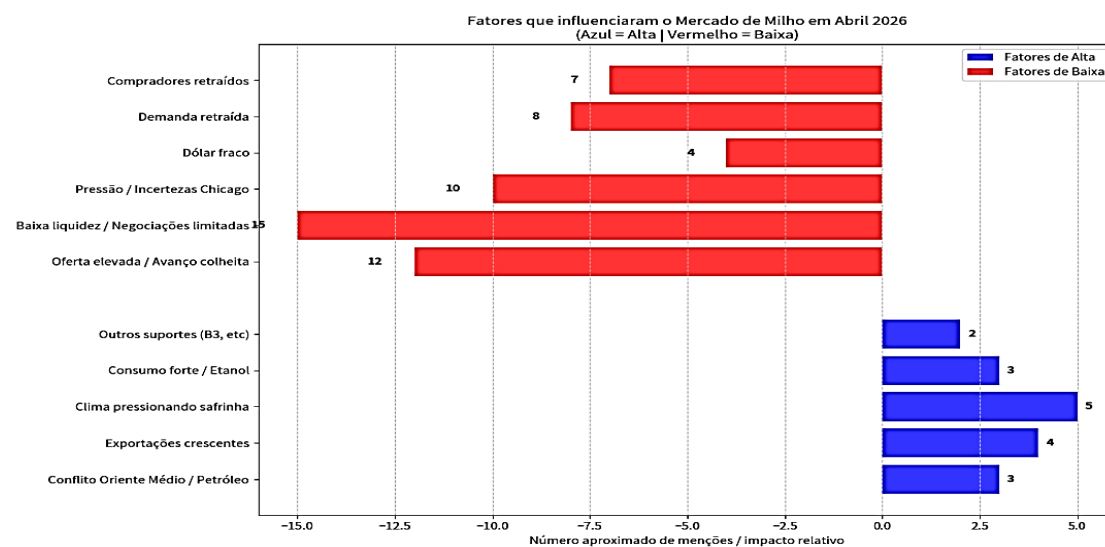
Figura 2 - Milho – SC: Variação dos preços em 12 meses e 30 dias (base abril, 2026)



Fonte: Epagri/Cepa, maio/2026

Fatores de mercado do milho em abril de 2026

Figura 3 - Milho – Mercado: principais fatores que atuaram no mercado em abril de 2026, impacto relativo citados em mais de 50 matérias



Fonte: Epagri/Cepa, maio/2026

Perspectivas de preços e análise de Mercado maio/2026

Maio é o mês crítico para a definição da produtividade da 2ª safra no Brasil. Embora o Mato Grosso apresente condições satisfatórias (mas com redução da produtividade em relação à anterior³), há alertas para estresse hídrico em São Paulo, Minas Gerais e Goiás, o que pode adicionar um "prêmio de risco" aos preços se as chuvas não se regularizarem. O foco no

³ Imea, Boletim Semanal, n. 896, 11 de maio de 2026. <https://www.imea.com.br/imea-site/relatorios-mercado>



momento também está no desenvolvimento do plantio nos EUA, que ultrapassou 40% da área prevista na primeira quinzena de maio. A valorização do real frente ao dólar deverá continuar impactando nos preços. No entanto o mercado interno continua com forte consumo pelas indústrias de proteína animal e usinas de etanol.

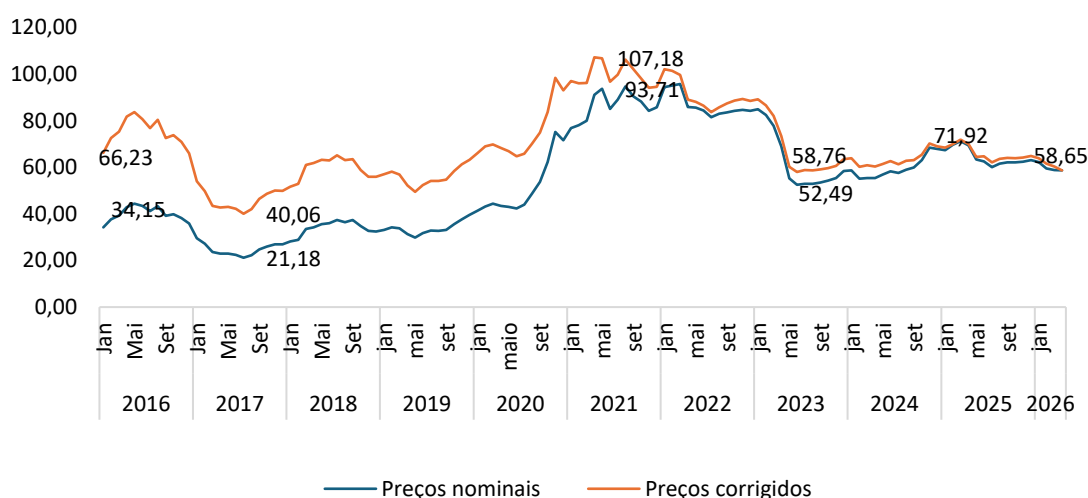
Análise Decenal: Dinâmica dos Preços do Milho (2016-2026)

1. Conceituação Técnica: Nominal vs. Real, distinção entre os tipos de preço é vital:

Preço Nominal: É o valor observado de um bem ou serviço em moeda corrente, no momento da transação econômica (compra ou venda). Esse preço, também conhecido como “preço corrente” é o que orienta e viabiliza a troca, sendo o montante bruto recebido pelo produtor ou montante bruto pago pelo comprador, sem qualquer correção relacionada a inflação.

Preço Corrigido (IGP-DI): É o valor ajustado que mede o “poder de compra” atual em relação a um período de referência. Diferente do preço nominal a função do preço corrigido ou “deflacionado” é permitir a comparação justa, contabilizando os efeitos da inflação, em diferentes períodos. Com base na análise desse preço é possível avaliar se houve um ganho real no poder de compra, ou seja, se a mudança nominal foi suficiente para cobrir a inflação do período analisado (Figura 4).

Figura 4 - Milho – Preços: evolução dos preços nominais e corrigidos (IGP-DI) – 2016 a abril de 2026



Fonte: Epagri/Cepa, maio/2026

2. Análise da Última Década (maio/2016 – abril/2026)

Ao realizarmos a análise aos últimos 10 anos, observamos um mercado marcado por picos de valorização extrema seguidos por acomodações técnicas.



Resumo Estatístico do Período:

- Preço Médio Nominal: R\$55,04/saca
- Preço Médio Corrigido (Valor Real): R\$69,39/saca

Referência	Mês/ano	Preço nominal (R\$)	Preço corrigido (R\$)
Início do Período	mai/16	44,33	83,67
Final do Período	abr/26	58,65	58,65
Média Decenal	2016-2026	55,04	69,39

3. Comparativo e Interpretação de Mercado

A análise dos dados revela informações relevantes para o planejamento estratégico:

Poder de Compra em declínio relativo: Embora o preço nominal atual (R\$58,65) seja **32,3% superior** ao de maio de 2016 (R\$44,33), o preço corrigido mostra uma realidade distinta. Em valores reais, esse valor de R\$44,33, para preços que representam o poder de compra atual seria convertido para **R\$83,67**. Isso significa que, em termos reais, o poder de compra do produtor é **29,9% menor** do que possuía no início deste ciclo decenal.

Posicionamento Frente à Média: O preço atual de R\$ 58,65 está ligeiramente acima da **média nominal** da década (R\$55,04), o que sinaliza um mercado nominalmente aquecido. Contudo, quando comparado à **média corrigida** (R\$ 69,39), o preço atual encontra-se **15,5% abaixo** do valor médio real do período.

Conclusão Técnica:

O mercado de milho em Santa Catarina atravessa um momento de pressão sobre as margens reais. O produtor está operando com preços nominais satisfatórios em relação ao histórico bruto, mas com um poder de compra significativamente inferior no comparativo com a média real dos últimos 10 anos. Este cenário exige uma gestão de custos rigorosa, uma vez que a valorização nominal não tem acompanhado a paridade de poder de compra observada em ciclos anteriores de alta (como o pico real de 2016-2021).

Safra 2025/2026 – primeira safra

Principais tendências observadas na safra 2025/26, conforme descritivo na Tabela 1.

Expansão de área com ganhos de produção: Chapecó e São Miguel do Oeste ampliaram área e conseguiram aumentar a produção, mesmo com leve queda na produtividade.

Redução expressiva de produtividade: Campos de Lages e Canoinhas tiveram quedas fortes na produtividade (-23,8% e -16,9%), o que impactou diretamente a produção.

Microrregiões estáveis: Xanxerê manteve produtividade relativamente alta e conseguiu segurar a produção.

Redução em regiões líderes: Joaçaba, que era a maior produtora, perdeu produção significativa (-11,4%), cedendo espaço para Chapecó, com produção equivalente.

A safra 2025/26 mostra um cenário de expansão de área, mas com desafios de produtividade. Regiões como Chapecó e São Miguel do Oeste se destacam positivamente, enquanto Campos de Lages e Canoinhas enfrentam quedas na produtividade em função de problemas climáticos,



estiagem e temperaturas elevadas em janeiro de 2026. O resultado estadual foi uma produção menor, apesar da maior área cultivada. No entanto, de modo geral as produções das últimas duas safras no Estado são consideradas relevantes no contexto de amenizar o déficit do produto para o estado, os dados finais da safra serão em junho.

Tabela 1 - Milho-SC – Área, produção e rendimento – Comparativo das safras 2024/25 e 2025/26 por microrregiões do estado

Rótulos de Linha	Safra 2024/2025			Safra 2025/2026		
	Área plant. (ha)	Prod. méd. (t/ha)	Produção (t)	Área Plant (ha)	Prod. méd. (t/ha)	Produção (t)
Araranguá	7.532	8.140	61.311	6.930	7.973	55.249
Blumenau	1.721	4.733	8.146	1.682	4.187	7.042
Campos de Lages	23.730	9.063	215.065	24.690	6.900	170.361
Canoinhas	26.745	11.100	296.868	27.712	9.220	255.507
Chapecó	33.630	10.436	350.948	39.600	10.278	407.015
Concórdia	18.830	10.573	199.083	19.270	10.131	195.222
Criciúma	6.903	8.117	56.031	7.359	7.707	56.717
Curitibanos	14.753	11.369	167.732	15.722	10.566	166.116
Itajaí	30	4.800	144	33	3.650	120
Ituporanga	7.720	8.233	63.559	8.000	8.150	65.200
Joaçaba	53.996	10.064	543.439	51.250	9.399	481.712
Joinville	390	4.981	1.943	445	4.114	1.831
Rio do Sul	14.590	7.190	104.902	14.660	7.183	105.295
São Bento do Sul	3.005	9.204	27.658	3.065	8.000	24.520
São Miguel do Oeste	14.400	9.958	143.388	18.005	9.695	174.563
Tabuleiro	2.070	6.389	13.226	1.995	5.628	11.227
Tijucas	3.635	5.911	21.487	3.210	4.608	14.793
Tubarão	4.281	8.250	35.317	3.372	6.483	21.862
Xanxerê	17.790	11.768	209.358	18.530	11.447	212.114
Total Geral	255.751	9.852	2.519.604	265.530	9.138	2.426.466

Fonte: Epagri/Cepa, maio/2026

Segunda safra – milho grão

Figura 5 - Milho-grão – Segunda safra 2025/26: área, produção e rendimento, comparativo com a safra 2024/25

	2025 / 26	2024 / 25	Variação
Área plantada (ha)	24.267	34.672	-30,01%
Produtividade Média (kg/ha)	6.370	5.651	12,72%
Quantidade Produzida (t)	154.570	195.930	-21,11%

A safra de milho 2ª safra 2025/26 em Santa Catarina apresenta redução significativa de área (-30%), refletindo menor intenção de plantio. Apesar disso, há expectativa de aumento de produtividade média (+12,7%), indicando melhor desempenho das lavouras implantadas. Ainda assim, a produção total deve cair cerca de 21%, impactada principalmente pela menor área e por perdas causadas pela estiagem de março de 2026, especialmente no Alto Vale do Itajaí. Além disso, inicia-se o monitoramento do milho para silagem na segunda safra.

Fonte: Epagri/Cepa, maio/2026



Síntese geral (visão técnica)

- A 1ª safra de Milho está em fase final ou já concluída na maior parte do estado.
- Produtividade e qualidade predominantemente boas, com destaque para Oeste e Meio-Oeste.
- Estiagem em alguns municípios do Alto Vale do Itajaí afetam produtividade da segunda safra.
- A produção total das duas safras soma cerca de 2,58 milhões de toneladas.

Safra Nacional

A produção total, somando as três safras, está estimada em 138,4 milhões de toneladas, redução de 1,9% em relação à safra anterior. Em relação a primeira safra, na atual safra teve crescimento da área cultivada de 7,2%, com reflexo na elevação da produção que representa 27,9 milhões de toneladas⁴, aumento de 7,1% frente ao ciclo anterior. O plantio da segunda safra, em fase final de implantação, tem previsão de 17,9 milhões de hectares, e produção estimada de 109 milhões de toneladas. O plantio desta safra no centro Oeste está atrasado, o que poderá repercutir no rendimento e no mercado no segundo trimestre. A terceira safra com produção prevista de 2,5 milhões de toneladas.

Figura 6 - Milho – Brasil: Área Condição de desenvolvimento das lavouras, na primeira semana de dezembro

ÁREA	PRODUTIVIDADE	PRODUÇÃO
22.483,2 mil ha	6.208 kg/ha	139.571,9 mil t
+ 3,0%	- 4,0%	- 1,1%

Comparativo com safra anterior.

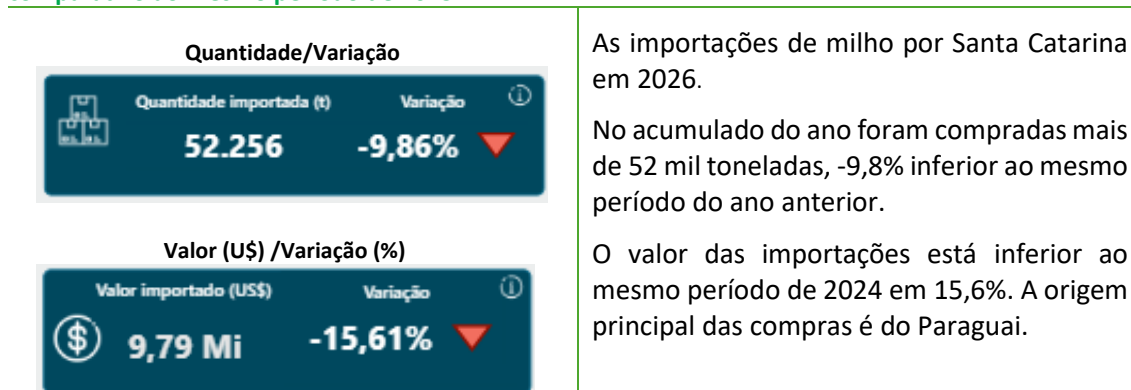
Fonte: Conab, maio/2026

⁴ Conab | Acompanhamento da Safra brasileira de grãos | v.13 – safra 2025/26, n° 5 – Quinto levantamento | fevereiro 2026.



Importações de milho por Santa Catarina

Figura 7 - Milho-grão – Importações por Santa Catarina em 2025, no acumulado até abril de 2026 e comparativo ao mesmo período de 2025

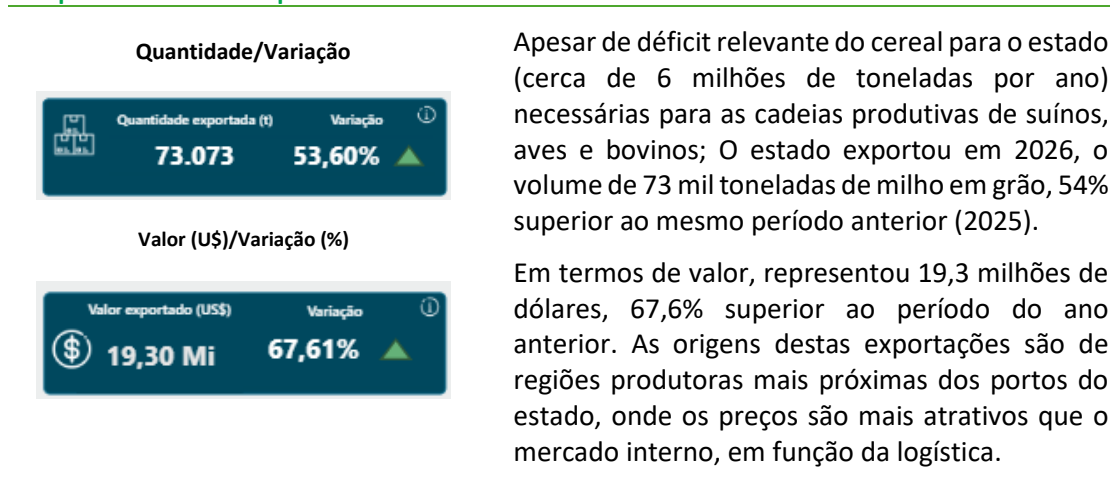


Fonte: Observatório do Agro SC. ComexStat/Mdic, maio/2026

Elaboração: Epagri/Cepa.

Exportações de milho por Santa Catarina

Figura 8 - Milho-SC – Exportações por Santa Catarina em 2026, acumulado até novembro de 2025 – Comparativo ao mesmo período do ano anterior – 2025



Fonte: Comex Stat/Mdic, maio/2026

Elaboração: Epagri/Cepa.



Milho Silagem

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Felipe Jochims
Zootecnista, Dr. – Epagri/Cepaf
felipejochims@epagri.sc.gov.br

Milho para produção de silagem

A silagem é um alimento volumoso fundamental nos sistemas produtivos de leite, utilizado como fonte de alimento complementar em sistemas a pasto e principalmente utilizado para suplementar os animais quando existe uma baixa disponibilidade de forragem, em especial no inverno. É usada também de forma constante como o principal volumoso nos sistemas com animais estabulados onde se adota confinamento parcial ou total como sistema produtivo adotado pelo produtor. Pela ele dada importância do milho para silagem, a Epagri/Cepa monitora há mais de 10 anos a área, a produção e rendimento de milho em Santa Catarina. O objetivo é auxiliar no aperfeiçoamento de políticas públicas para o setor da produção pecuária no estado.

Safra 2025/26 – Primeira safra – Visão por microrregiões do estado

Primeira safra

As microrregiões com maior representatividade no cultivo de milho para confecção de silagem são: São Miguel do Oeste, Chapecó e Concórdia que, devido à grande produção leiteira nos municípios, representam mais de 50% da área plantada para silagem do estado. A produtividade média estadual se manteve na atual safra quando comparada a anterior, no entanto, nas regiões citadas, foram registradas maiores produtividades na atual safra. Como as propriedades apresentam áreas reduzidas e áreas de lavoura inferiores a 10 hectares de milho para silagem, os produtores, pela alta dependência da silagem como fonte alimentar, empregam bons níveis tecnológicos e técnicos na área, o que reflete no aumento da produtividade das áreas. Chapecó, São Miguel do Oeste e Concórdia responde por 55% da produção total do estado, justificado pela forte produção leiteira nestas regiões (Tabela 1).

Segunda safra

A partir do ciclo de 2026, o levantamento sistemático da Epagri/Cepa identificou uma área de cerca de 50 mil hectares para a “safrinha” (segunda safra). De acordo com o levantamento da Epagri/Cepa, o objetivo principal é a produção de silagem (dados não publicados). O cenário produtivo é caracterizado predominantemente pelo monocultivo sucessivo (milho sobre milho), manejo que contraria as diretrizes de conservação do solo e de rotação de culturas, práticas essenciais para a sustentabilidade do sistema produtivo, manutenção da fertilidade e preservação das características físicas do solo. Apesar do entendimento dos motivos que levam a essa cultura (necessidade de produção de alimentos), esse modelo de cultivo tende a intensificar problemas fitossanitários, aumentar a dependência de insumos externos e comprometer a estabilidade produtiva ao longo dos anos. Nesse contexto, é fundamental incentivar sistemas de produção mais diversificados e sustentáveis, com adição de novas técnicas de manejo de pastagens para garantir uma produção mais eficiente (e menor dependência de



silagem), capazes de promover maior equilíbrio do sistema produtivo, conservação dos recursos naturais e resiliência da atividade agropecuária.

Tabela 1 - Milho silagem, primeira safra – Santa Catarina: estimativa de área, rendimento e produção – Safra 2025/26 – Comparativo com safra anterior por microrregiões

Rótulos de Linha	Safra 2024/25			Safra 2024/25		
	Área plant. (ha)	Prod. méd. (t/ha)	Qtd. Prod. (t)	Área plant. (ha)	Prod. méd. (t/ha)	Qtd. Prod. (t)
Araranguá	4.859	44,4	215.853	4.539	38,1	172.802
Blumenau	2.157	32,4	69.786	2.318	34,0	78.811
Campos de Lages	8.290	43,7	362.100	8.390	39,0	327.555
Canoinhas	6.900	42,8	295.280	7.151	37,6	268.580
Chapecó	52.930	47,7	2.525.883	49.193	47,2	2.319.888
Concórdia	25.103	53,0	1.330.410	25.408	44,2	1.122.197
Criciúma	4.770	45,9	219.148	5.344	43,3	231.616
Curitibanos	3.903	51,6	201.585	4.145	46,8	193.900
Florianópolis	200	39,3	7.865	921	38,2	35.150
Itajaí	240	36,7	8.800	202	38,4	7.750
Ituporanga	2.210	42,7	94.450	2.220	43,2	95.900
Joaçaba	21.281	50,1	1.066.019	22.705	48,5	1.100.315
Joinville	465	29,4	13.675	625	33,1	20.700
Rio do Sul	11.480	37,9	434.900	11.555	40,8	471.800
São Bento do Sul	200	37,3	7.460	210	37,3	7.829
São Miguel do Oeste	40.550	54,9	2.226.650	39.280	48,7	1.913.725
Tabuleiro	1.520	47,9	72.775	1.476	45,5	67.094
Tijucas	1.717	43,5	74.645	2.230	35,5	79.249
Tubarão	11.585	47,0	544.881	14.261	38,7	552.191
Xanxerê	21.770	44,3	964.200	22.250	46,2	1.027.748
Total Geral	222.130	48,3	10.736.365	224.423	45,0	10.094.799

Fonte: Epagri/Cepa, maio de 2025



Soja

Haroldo Tavares Elias

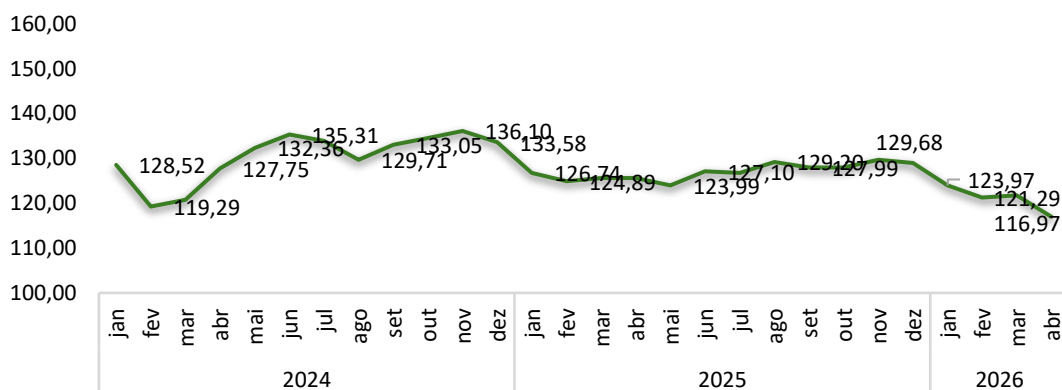
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa

htelias@epagri.sc.gov.br

Mercado da soja

Em abril a cotação do preço médio da soja ao produtor apresenta queda de 4% (Figura 1 e 2), registro de R\$116,97 reais/sc. A safra volumosa no Brasil de 178 milhões de toneladas¹ que está sendo colhida e a elevação da oferta global da oleaginosa tem pressionado os preços no início deste ano. O conflito no Oriente médio (alta do petróleo/óleo de soja) tem sido o principal fator das instabilidades do mercado. O relatório do USDA⁵ de maio/26 elevou a produção mundial de soja de 427,6 para 441,5 milhões de tonelada, informação que poderá pressionar ainda mais os preços.

Figura 1 - Soja-SC – Evolução do preço médio real mensal ao produtor por saca de 60Kg – (jan./2024 a abr./2026)



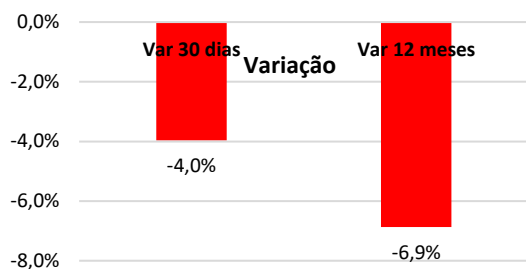
Fonte: Epagri/Cepa, maio/2026

⁵ Global Market Analysis. Foreign Agricultural Service/USDA 2 May 2026 Global Market Analysis



Variação dos preços

Figura 2 - Soja-SC – Variação dos preços médio real mensal ao produtor em 30 dias e 12 meses (base abril/2026)



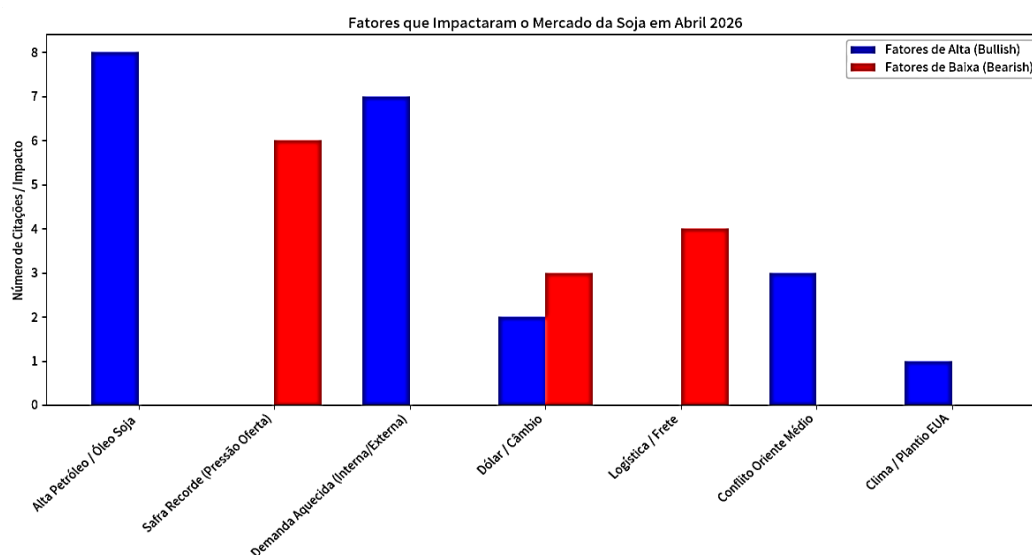
A variação dos preços apresentou retração nos dois cenários: em 30 dias (base abril-2026) foi de 4%, e nos últimos 12 meses a variação foi negativa de 6,9% em relação a abril de 2025.

Fonte: Epagri/Cepa, maio/2026

Fatores de mercado da soja em abril de 2026

Apesar de fatores externos que poderiam impulsionar os preços, como a alta do petróleo/óleo e demanda interna, contudo, a safra recorde no Brasil e o câmbio pressionaram os preços em abril.

Figura 3 - Soja – Mercado: principais fatores que atuaram no mercado em abril de 2026, impacto relativo citados em mais de 50 matérias



Fonte: Epagri/Cepa, maio/2026
Auxílio Grok IA, Google alert



Safra Catarinense 2025/2026 - primeira safra

Área total plantada: caiu de 768.717ha para 757.058ha, redução de -1,5%.

- Produtividade média estadual: reduziu de 4.056kg/ha para 3.812kg/ha, queda de -6,0%.
- Produção total: caiu de 3.117.750t para 2.886.089t, retração de -7,4%.

Tabela 1 - Soja – SC: área, produção e produtividade média e produção, por microrregiões do estado e produção total – Comparativo entre as safras 2024/25 e 2025/26

Rótulo de Linha	Safra 2024/25			Safra 2025/26		
	Área plant. (ha)	Prod. méd. (kg/ha)	Produção (t)	Área plant. (ha)	Prod. méd. (kg/ha)	Produção (t)
Araranguá	793	3.534	2.803	572	3.307	1.891
Blumenau	400	4.150	1.660	400	4.150	1.660
Campos de Lages	87.400	3.788	331.030	88.511	3.274	289.806
Canoinhas	161.917	4.796	776.535	163.523	3.884	635.155
Chapecó	87.470	3.667	320.745	81.190	3.505	284.558
Concórdia	10.165	3.851	39.143	10.090	3.559	35.906
Criciúma	2.933	3.570	10.471	2.567	3.182	8.169
Curitibanos	129.760	3.955	513.243	129.833	4.042	524.819
Ituporanga	9.800	3.663	35.895	9.450	4.205	39.740
Joaçaba	67.279	4.005	269.465	65.960	3.952	260.686
Rio do Sul	11.670	3.448	40.236	10.400	3.935	40.924
São Bento do Sul	12.000	5.168	62.016	12.100	3.940	47.672
São Miguel do Oeste	45.370	3.571	162.021	44.860	3.865	173.367
Tubarão	1.250	3.412	4.265	1.840	3.285	6.045
Xanxerê	140.510	3.902	548.222	135.760	3.946	535.692
Total Geral	768.717	4.056	3.117.750	757.058	3.812	2.886.089

Fonte: Epagri/Cepa, maio de 2026

Queda acentuada de produtividade: Canoinhas e Campos de Lages tiveram as maiores reduções, acima de 12%, o que impactou fortemente a produção total (Tabela 1).

Regiões com melhora: Ituporanga e São Miguel do Oeste conseguiram **aumentar produtividade e produção**, mesmo com leve redução de área. Em Ituporanga o plantio se dá após cultivo da cebola.

Estabilidade: Curitibanos/Campos Novos manteve área praticamente igual e teve leve ganho de produtividade.

Retrocesso em polos tradicionais: Chapecó e Joaçaba apresentaram queda simultânea de área e produtividade.



Segunda Safra

Tabela 2 - Soja 1ª safra – Área, produção e rendimento. Comparativo de safras 2024/25 e 2025/26

2025 / 26	2024 / 25	Variação
Área plantada (ha)		
72.006	59.303	21,42%
Produtividade Média (kg/ha)		
2.421	2.538	-4,58%
Quantidade Produzida (t)		
174.358	150.495	15,86%

A segunda safra de soja 2025/2026, teve aumento significativo na área plantada de 21,4%. Mais de 72 mil hectares foram cultivados. No atual relatório, aponta para redução de 4,6% na produtividade em relação à safra anterior. O aumento da área cultivada reflete no aumento da produção estadual nesta safra em 15,9%.

Fonte: Epagri/Cepa, maio/2026 – Sistema de Acompanhamento de Safras – Infoagro

Calendário e condição das lavouras no estado (Primeira safra)

Figura 4 - Soja – Primeira safra SC: Calendário e condições das lavouras – Safra 2025/26, primeira semana de maio/2026



Até a primeira semana de maio, 95% da área estimada já foram colhidas. A condição das lavouras está 85% boa até o momento. As condições de estiagem observadas em janeiro e fevereiro associado a altas temperaturas reduziu a disponibilidade de umidade no solo, devido a este período sem chuvas, ocorreu uma redução no potencial produtivo em algumas regiões.

Na região Campos de Lages e do Meio Oeste, em alguns municípios houve estiagem superior a 20 dias. No entanto, a produção geral do estado não deverá ser afetada de maneira significativa.

Fonte: Epagri/Cepa, maio/2026



Calendário e condição das lavouras no estado (Segunda safra)

Figura 5 - Soja, segunda safra – SC: Calendário e condições das lavouras, safra 2025/26, primeira semana de maio/2026

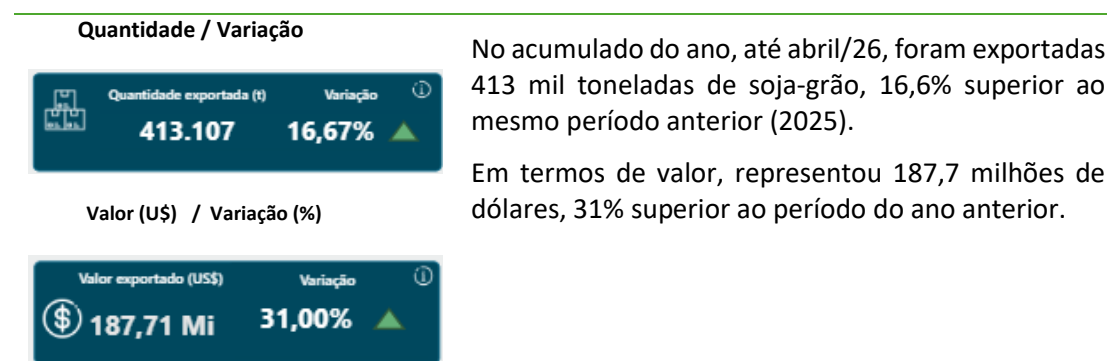


Recuperação hídrica no Oeste: As chuvas da primeira semana de abril reverteram o alerta de estiagem em Chapecó, Xanxerê e São Miguel do Oeste, estabilizando as lavouras que apresentavam baixa inserção de vagens. **Condição das lavouras:** O índice de lavouras em condições boas/ótimas permanece elevado (entre 85% e 96%), Gestão de Custos: Observa-se uma redução estratégica no investimento em manejo e insumos por parte dos produtores em algumas regiões, o que pode limitar o teto produtivo da safra. **Transição Climática Favorável:** A entrada do outono trouxe temperaturas mais amenas e chuvas bem distribuídas.

Fonte: Epagri/Cepa, maio/2026

Exportações de soja por Santa Catarina 2026

Figura 6 - Soja-SC – Exportações por Santa Catarina em 2026, acumulado até abril de 2026 – Comparativo ao mesmo período do ano anterior – 2025



Fonte: ComexStat/Mdic, maio/2026
Elaboração: Epagri/Cepa.

Safra Nacional

A Conab⁶ estima em 48,47 milhões de hectares de área plantada na atual safra 2025/26, crescimento de 2%, sobre a safra anterior, com produção recorde prevista em 179 milhões de toneladas (Figura 6), que confere volume de 4,5% superior ao período anterior. A tecnologia aplicada e as condições climáticas no período favoreceram o desenvolvimento das lavouras.

⁶ Conab | Acompanhamento da Safra brasileira de grãos | v.13 – safra 2025/26, nº 7 – Quinto levantamento | abril 2026.



Figura 7 - Soja-Brasil – Área, produção e rendimento – Safra 2024/25, comparativo de safras 2025/26

ÁREA	PRODUTIVIDADE	PRODUÇÃO
48.472,7 mil ha	3.696 kg/ha	179.151,6 mil t
+2,4%	+2,0%	+4,5%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: CONAB, acompanhamento de safra, maio/2026



Trigo

João Rogério Alves

Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa

joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

No mercado brasileiro, o preço médio recebido pelos produtores de trigo teve altas importantes em todas as praças acompanhadas. Em Santa Catarina, na variação mensal, aumento de 1,94%, fechando o mês em R\$62,45sc/60 kg. Na variação anual, queda de 19,46%. No Rio Grande do Sul, o preço médio mensal registrou uma variação positiva de 6,15%. No Paraná, no mercado-balcão, variação mensal de 6,40%.

Tabela 1. Trigo (Pão, PH 78, tipo 1) – Comparativo de preços pagos ao produtor (R\$/sc 60kg)

Estado	Mar./26	Abr./26	Variação mensal (%)	Abr./25	Variação anual (%)
Santa Catarina	61,26	62,45	1,94	77,54	-19,46
Goiás	78,75	82,91	5,28	96,55	-14,13
Minas Gerais	81,00	85,77	5,89	100,20	-14,40
Mato Grosso do Sul	63,75	69,18	8,52	79,09	-12,53
Rio Grande do Sul	56,76	60,25	6,15	73,55	-18,08
Paraná	61,92	65,88	6,40	79,99	-17,64

Erro! Vínculo não válido. Fonte: Epagri/Cepa (SC), Conab (GO, MG, MS, RS), Deral (PR), mai./2025

As tensões geopolíticas e as condições desfavoráveis de cultivo em importantes países exportadores alteraram drasticamente o mercado de trigo. Entre os principais fatores da alta (Maio 2026), podemos elencar: a) a seca persistente nas Grandes Planícies dos EUA afetou a safra de trigo de inverno, com um alto percentual das lavouras classificado entre ruim e muito ruim; b) preocupações com o impacto do fenômeno *El Niño* no verão de 2026, ameaçando ainda mais a produção, além de clima adverso em outras regiões produtoras; c) tensões no Oriente Médio aumentaram os custos de produção e geraram incertezas na oferta global; d) aumento elevado nos custos de fertilizantes, pressionando os produtores; d) previsões de menores safras em 2026, com agricultores reduzindo a área semeada devido a preços mais baixos em meses recentes.

No mercado internacional, as cotações do trigo em grão seguem em tendência de alta no mercado futuro. Os contratos para julho/26 estão cotados a US\$6,35/bu, enquanto os vencimentos para dezembro/26 operam negociados a US\$6,71/bu. Além desses indicadores financeiros, o setor monitora atentamente as condições climáticas no Hemisfério Norte. Nos Estados Unidos, 34% da safra nacional de trigo de inverno estava espigada até 26 de abril. Até essa data, apenas 30% da safra de trigo foi relatada como estando em boas a excelentes condições. As temperaturas estiveram acima do normal em grande parte da região central dos EUA. Condições de seca persistiram em grande parte do sudeste dos EUA, contribuindo para a diminuição da umidade superficial do solo.



As projeções apresentadas no Relatório Mundial de Estimativas de Oferta e Demanda Agrícola (WASDE) do Departamento de Agricultura do Estados Unidos (USDA) mais recentes para a safra mundial do trigo (2025/26), apontam para uma oferta total estimada de 1.103,2 milhões de toneladas, principalmente devido ao aumento da produção da UE e da Rússia. Pelo lado do consumo, foi reduzido para 820,1 milhões de toneladas, principalmente devido à diminuição do seu uso para alimentação, sementes e indústria na Índia. Os dados dos estoques governamentais de trigo daquele país nos primeiros 11 meses do seu ano comercial indicam estoques maiores do que os estimados anteriormente, o que implica menor consumo interno. O comércio mundial está em 221,9 milhões de toneladas, devido à redução das exportações da Ucrânia, Austrália e Brasil, que não foi totalmente compensada pelo aumento das exportações da Rússia e do Cazaquistão. A projeção para os estoques finais globais em 2025/26 foi elevada para 283,1 milhões de toneladas, 9% maior do que no ano passado. Índia, Ucrânia, UE, Austrália e Bangladesh são responsáveis pela maior parte do aumento dos estoques até o momento.

Safra Brasileira

Segundo dados da Conab, os primeiros cultivos de trigo da nova safra foram iniciados em áreas de sequeiro em Goiás, Minas Gerais e Distrito Federal. Na principal produtora do país, o Rio Grande do Sul, as projeções da companhia apontam para uma diminuição de 24,5% na produção do grão, essa redução foi alavancada pela redução de aproximadamente 231,4 mil hectares na área plantada. Esse ajuste está associado à intensificação da estiagem no estado, que provocou perdas nas lavouras de verão, especialmente na soja, agravando a situação financeira dos produtores, reduzindo intenção de plantio do trigo.

Até o momento, para a safra nacional de trigo, a previsão é de uma redução de 9,2% na área plantada, com isso, a produção projetada é de 6,6 milhões de toneladas, redução de 16,0% em relação à safra anterior. A diminuição do interesse dos produtores no cultivo do trigo é motivada sobretudo, pelo aumento do risco produtivo, associado às previsões climáticas e à baixa expectativa de rentabilidade, além da elevação nos custos de insumos, como fertilizantes e combustíveis. Até a data de 01 de maio, 9,9% da área nacional destinada ao cultivo de trigo já foram semeados. Em relação a fenologia, 57,8% da área planta encontram-se em desenvolvimento vegetativo e 42,0% em emergência.

Safra Catarinense

A cultura do trigo é a principal lavoura de grãos de inverno em Santa Catarina. O seu cultivo normalmente ocorre em sucessão às culturas de verão, onde é muito comum a utilização do sistema de produção de plantio direto. Nesse sistema, a rotação de culturas, quando realizada adequadamente, deixa na superfície do solo os restos culturais do trigo, que além de proteger da erosão, mantém o solo úmido nos períodos de estiagem, entre outros benefícios que serão aproveitados pela cultura de verão em sucessão. Em nosso, estado, a janela de plantio vai do segundo decêndio de maio até o segundo decêndio de julho, mas com maior concentração de plantio acontece a partir do primeiro semestre de junho.

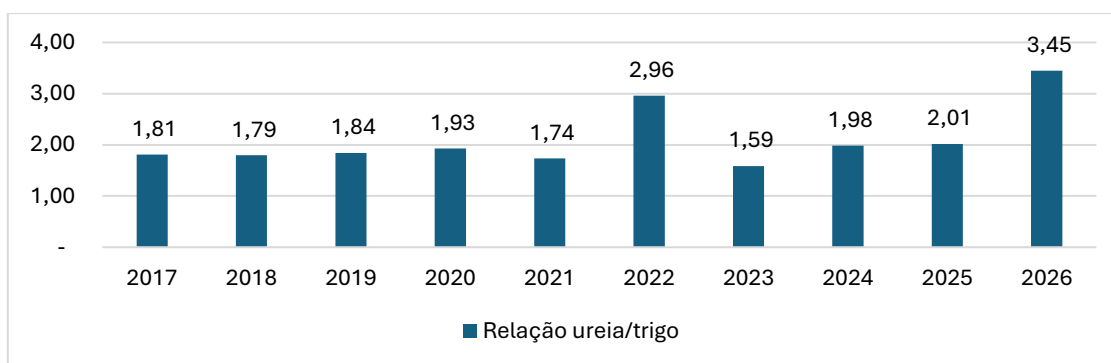
Nesse período e entressafra, os triticultores estão concentrados no planejamento da safra 2026. O cenário indica tendência de redução da área cultivada, influenciada por aspectos econômicos e climáticos. Em relação aos climáticos, os modelos meteorológicos apontam maior frequência de precipitações ao longo do inverno e da primavera, típicos do fenômeno *El Niño*, o que aumenta o risco produtivo, sobretudo em fases sensíveis, como florescimento e enchimento de grãos. Em relação aos econômicos, os produtores indicam elevação dos custos de produção, com



destaque para fertilizantes e operações mecanizadas, além de maior cautela na tomada de empréstimos bancários para a realização da safra.

Ainda em relação aos fertilizantes, a relação ureia/trigo está no nível mais alto em pelo menos uma década. Mais de dois meses após o início do conflito no Oriente Médio, que colocou em risco um terço do comércio global de fertilizantes, o mercado desse insumo ainda apresenta um cenário conturbado. Para maio de 2026, o preço futuro da ureia segue acima do valor de importação praticado em março de 2026, contudo, que o mercado de fertilizantes está sujeito a fortes oscilações, a depender dos movimentos geopolíticos nas regiões em conflito.

Figura 1 - Trigo-SC – Relação de troca ureia/trigo em abril de cada ano – 2017/26



Fonte: Epagri/Cepa, mai./2026

No mercado catarinense, a relação de troca ureia/trigo saltou de 2,01 para 3,45 em apenas um ano. Esse avanço representa uma valorização de 72% no custo relativo do insumo entre as safras, o maior patamar registrado na última década. O indicador supera, inclusive, os índices de 2022, auge do choque de oferta causado pelo início do conflito entre Rússia e Ucrânia. Este cenário de pressão econômica tem forçado o produtor catarinense a adotar estratégias defensivas, tais como: redução do aporte tecnológico e da área de cultivo; substituição parcial por culturas de inverno alternativas e, manutenção de plantas de cobertura (nabo/ervilhaca/azevém) durante o inverno, visando a melhoria do solo para a safra de verão.

Para o ciclo que se inicia, dados de cooperativas estaduais projetam uma retração severa na área plantada. No Extremo Oeste, a redução estimada varia entre 25% e 30%, enquanto no Oeste e Meio-Oeste os levantamentos preliminares são ainda mais pessimistas, apontando quedas de até 40%. No próximo mês, divulgaremos as estimativas oficiais de área e produtividade, permitindo uma análise mais precisa dos impactos econômicos decorrentes da instabilidade geopolítica mundial sobre a triticultura catarinense.



Hortalças

Alho	46
Cebola.....	50



Alho

Lillian Bastian

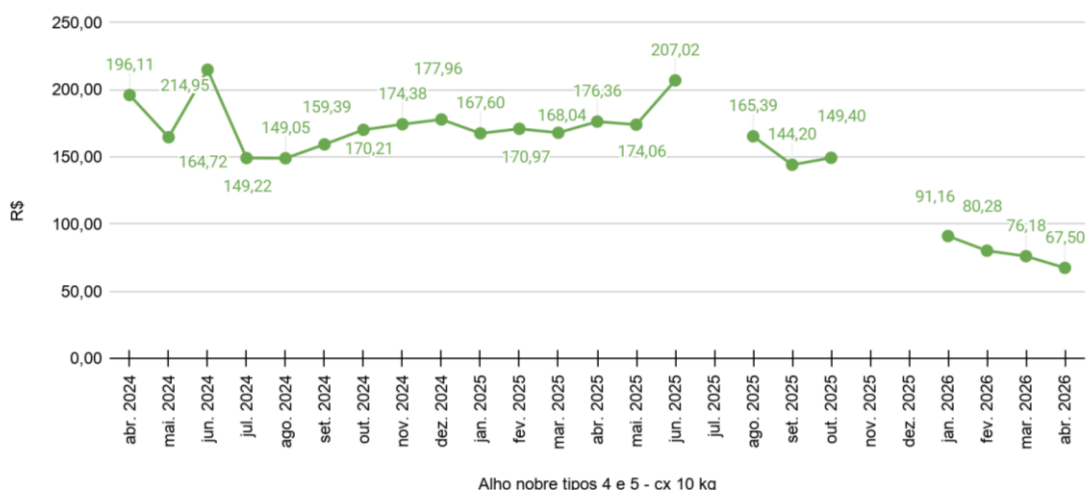
Desenvolvimento Rural, Dra – Epagri/Cepa

lillianbastian@epagri.sc.gov.br

Mercado – Preço ao produtor e no mercado atacadista

Durante o mês de abril, elevou-se a demanda por alho e no início do mês de maio houve uma pequena elevação do preço. Até o presente momento foram comercializados, aproximadamente, 65% da safra catarinense. O preço do alho no mês de abril foi de R\$6,75 o quilo. Esse valor é 11% inferior àquele de março e 62% inferior àquele de abril de 2025, quando os valores eram de R\$7,61 e R\$17,63 o quilo, respectivamente. Na Figura 1 consta o preço médio da caixa de 10 quilos para um período de dois anos. As lacunas na linha do gráfico indicam os momentos em que não houve comercialização do alho pelo produtor.

Figura 1. Alho – SC: evolução do preço médio real mensal ao produtor (abr./2024 a abr./2026)



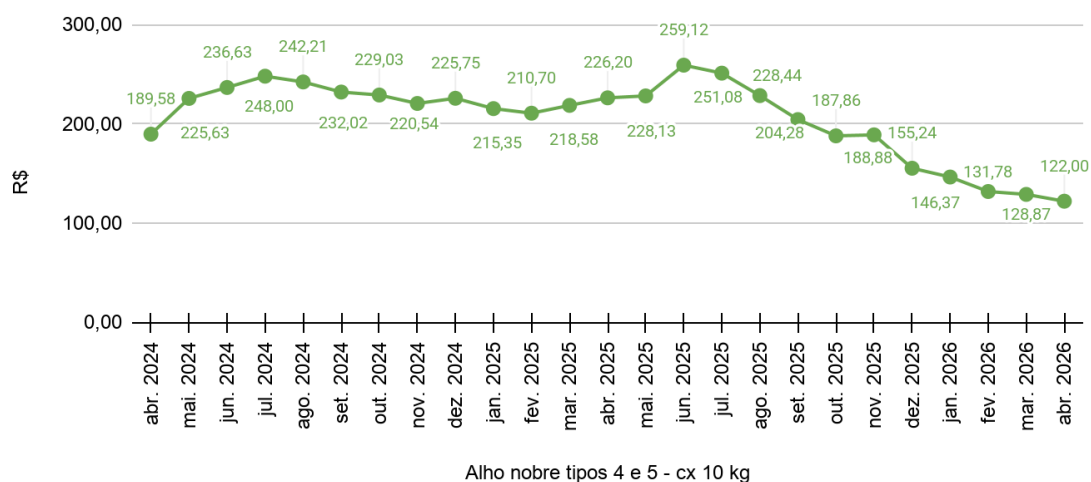
Fonte: Epagri/Cepa, maio/2026

Preço médio mensal. Em valores deflacionados conforme o IGP-DI/FGV.

A redução no preço do alho no mês de abril aumentou ainda mais a diferença entre o custo de produção por hectare e o valor bruto recebido pela venda do produto. A queda nos preços foi averiguada também no elo da cadeia produtiva posterior aos produtores, no atacado. No mercado atacadista, o quilo do alho foi comercializado a R\$12,20, retração de 5% ante março, quando o preço era de R\$12,88 e de 46% no comparativo com abril de 2025, quando o preço era de R\$22,61. A Figura 2 traz os preços da caixa de 10 quilos de alho nobre, tipos 4 e 5, no segmento da cadeia produtiva posterior ao produtor.



Figura 2 – Alho-SC – Evolução do preço médio mensal ao atacado – (abr./2024 a abr./2026)



Fonte: Epagri/Cepa, maio/2026

Preço médio mensal. Em valores deflacionados conforme o IGP-DI/FGV.

Embora a demanda tenha aumentado um pouco, os preços tiveram uma nova queda em abril de 2026. Esses são os menores preços praticados ao longo dos últimos dois anos. O problema no escoamento dessa safra é o excesso de oferta acompanhado de importações a preços não competitivos. Essa situação é dramática para o produtor que está com a produção armazenada nos galpões.

Safra Catarinense

Nesse período do ano se iniciam os preparativos para a nova safra, que começou com o preparo do solo, que se estabelece com análise do solo para acertar o pH entre 5,5 e 6,5 e verificar os níveis de fósforo, potássio e nitrogênio. Caso necessário é aplicado calcário e é incorporada matéria orgânica. Na sequência é feita a mecanização do solo, que pode ser feita com subsolagem, aração ou gradagem, a depender das características de cada área. Os canteiros são feitos com enxada rotativa, cuja largura varia entre um metro e um metro e vinte centímetros. Na sequência, entre junho e julho, são escolhidos os melhores bulbos e ocorre o plantio dos bulbos maiores. Uma pequena parte do plantio (2%) ocorre ainda em maio.

As estimativas iniciais para a próxima safra serão detalhadas no próximo boletim. Desta forma, na tabela que vem na sequência foram mantidos os dados de fechamento da safra 2025/26 que já foram publicados na edição passada deste boletim.



Tabela 1 - Alho-SC – Distribuição Microrregional – Comparativo entre área de plantio, produtividade e produção – Safras 2024/25 e 2025/26

Microrregião	Saфра 2024/2025			Estimativa Saфра 2025/2026				Variação (%)		
	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Participação Produção (%)	Área	Produtiv.	Produção
Campos de Lages	29	9.528	276	16	9.938	159	1,80%	-44,83	4,30	-42,39
Curitibanos	321	10.942	3.512	405	11.894	4.817	54,50%	26,17	8,70	37,16
Joaçaba	309	11.133	3.440	326	11.847	3.862	43,70%	5,50	6,41	12,27
Total Geral	659	10.969	7.229	747	11.831	8.838	100,00%	13,35	7,86	22,26

Fonte: Epagri/Cepa, maio/2026

Para a próxima safra, as projeções meteorológicas têm indicado que existem fortes indícios de ocorrência do fenômeno *El Niño*, que deve impactar diretamente o alho. O aquecimento das águas do Pacífico tem se espalhado, no entanto o fenômeno será configurado a partir do trimestre julho, agosto e setembro e, possivelmente, será caracterizado por um inverno curto e chuvas mais intensas na primavera. Os agricultores estão se preparando para adotar as melhores técnicas produtivas e manejos que reduzam os impactos desse fenômeno sobre o alho.

Importações

A quantidade de alho importado em abril retrocedeu em 14% em relação à março. Em volume, isso representa 2,37 milhões de quilos a menos. Esse volume também equivale a 27% da produção de alho catarinense na safra 2025/26. No comparativo com o mesmo mês do ano de 2025, o decréscimo é de 29%. Ao se considerar o triênio de 2024-2026, ressalta-se que a diminuição de março para abril no volume importado é específica de 2026. Em 2024 e 2025 houve aumento na quantidade importada de alho entre o terceiro e o quarto mês do ano, em 26% e 3%, respectivamente, conforme se observa na Tabela 2 logo a seguir.

Tabela 2 - Alho-Brasil – Evolução do volume das importações mensais – (jan./2024 a abr./2026)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2024	14,89	15,77	15,87	16,36	16,67	13,27	12,94	7,96	1,98	4,62	6,39	18,87	145,57
2025	15,32	14,62	15,97	20,11	17,74	15,25	10,48	8,30	10,73	4,43	4,69	21,14	158,78
2026	13,76	17,74	16,66	14,28									62,44

Fonte: Comex Stat/MDIC, maio/2026. Em mil toneladas

A diminuição no volume importado registrada em abril de 2026 deve estar ligada, muito provavelmente, ao volume do produto de origem interna armazenado nos galpões e câmaras frias dos produtores. Em termos de custo da importação, que é mensurado em dólares americanos (*Free on Board - FOB*), foi despendido US\$18,45 milhões com a importação de alho em abril, conforme Tabela 3 exposta logo a seguir. Esse montante financeiro é 8% inferior ao de março e 31% menor do despendido em abril de 2025.

Tabela 3 - Alho-Brasil – Evolução dos custos das importações mensais – (jan./2024 a abr./2026)



Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2024	16,34	17,83	20,48	24,10	24,33	18,14	16,10	8,94	2,51	5,62	7,48	25,65	187,5
2025	21,41	21,04	22,45	26,73	25,05	24,13	12,35	8,66	11,24	4,58	5,68	28,10	211,42
2026	17,64	20,83	20,11	18,45									77,03

Fonte: Comex Stat/MDIC, maio/2026. Valores nominais em milhões de dólares americanos

Assim, depreende-se que o preço médio pago pelo quilo do alho importado em abril deste ano foi de US\$1,29, sendo superior ao praticado em março. Em março, pagou-se, em média, US\$1,20 pelo quilo de alho importado. Já em abril de 2025 foram gastos US\$1,32 com cada quilo importado do produto. O principal país exportador de alho para o Brasil é a Argentina. Desse país advieram 83% do volume total importado. Da China advieram 14% e do Chile, 1%. O alho mais barato é aquele do Chile, US\$1,21. Já o alho tanto do país asiático como do país vizinho foi adquirido a um custo de US\$1,29.



Cebola

Lillian Bastian

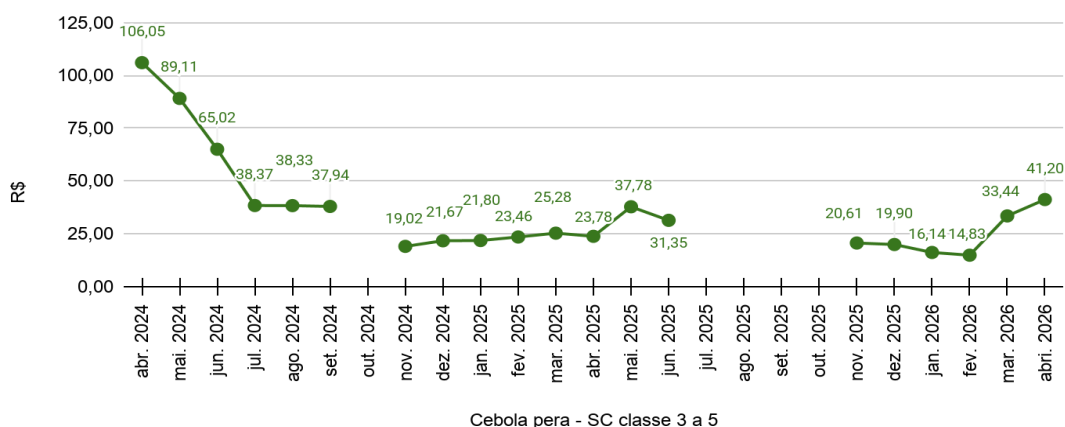
Desenvolvimento Rural, Dra – Epagri/Cepa

lillianbastian@epagri.sc.gov.br

Mercado - preço ao produtor e no mercado atacadista

Até o presente momento foram comercializadas 82% da produção de cebola de Santa Catarina. No mês de abril os preços tiveram mais um registro de aumento e, na média, cada quilo do produto foi comercializado a R\$2,06. Esse preço é 23% superior ao apurado no mês de março e 73% maior ao cotado em abril de 2025. Em março de 2026 o preço era de R\$1,67 e em abril de 2025 era de R\$1,18, em valores reais. Os preços em valores deflacionados para sacas de 20 quilos seguem na figura a seguir. Nessa figura, as descontinuidades na linha indicam os meses em que não houve comercialização pelo produtor.

Figura 1 - Cebola-SC – Evolução do preço médio real mensal ao produtor – (abr./2024 a abr./2026)



Fonte: Epagri/Cepa, maio/2026

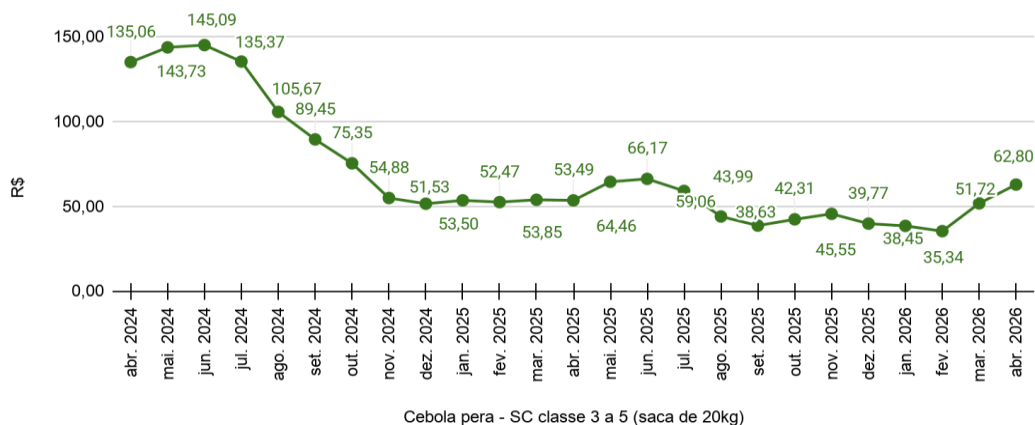
Preço médio mensal. Em valores deflacionados conforme o IGP-DI/FGV.

Esse comportamento no preço já era esperado, dado que este é o período do ano cuja oferta decorrente de produção interna é a mais reduzida. No momento, o mercado interno é abastecido pelas cebolas que advêm de Santa Catarina e, em alguma medida, das regiões de Irecê (Bahia) e do Vale do São Francisco. A cebola catarinense continua apresentando boa qualidade, mas com registros de ocorrência do mofo preto (*aspergillus niger*), podridão e perda da pele com exposição de escamas. A despeito da perda da integridade, a expectativa é de disponibilidade e comercialização de cebolas catarinenses até o início de junho.

O aumento nos preços foi, igualmente, registrado no atacado, cujo preço foi de R\$3,14 o quilo. O preço médio praticado no atacado corresponde a um acréscimo de 21% em relação à março, quando o preço era de R\$2,59 o quilo. Com relação ao mesmo mês do ano passado, o aumento foi de 17% ante um preço de R\$2,69 o quilo. A Figura 2 expressa os preços da cebola praticados no atacado para sacas de 20 quilos.



Figura 2 - Cebola-SC – Evolução do preço médio real mensal ao atacado – (abr./2024 a abr./2026)



Fonte: Epagri/Cepa, maio/2026

Preço médio mensal. Em valores deflacionados conforme o IGP-DI/FGV.

O novo cenário dos preços é um reflexo do abastecimento da cebola no mercado interno. Os agricultores que conseguiram armazenar a cebola por mais tempo, estão se beneficiando dos preços mais elevados, no entanto, amargam um descarte maior. Ao passo que os agricultores que tiveram a comercialização antecipada, obtiveram um preço aquém do esperado, mas as porcentagens descartadas foram em menor quantidade.

Safra catarinense

Nesse período do ano se iniciam os preparativos para a nova safra. Pelo menos desde abril começou o preparo dos canteiros para a produção de mudas. Nas regiões cujas altitudes são menores, esse trabalho está mais adiantado, pois nessas regiões o ciclo produtivo inicia mais cedo. As projeções iniciais para a próxima safra serão detalhadas no próximo boletim. Desta forma, na tabela que vem na sequência foram mantidos os dados de fechamento da safra 2025/2026 que já foram publicados na edição passada deste boletim.

Para a próxima safra as projeções meteorológicas têm indicado fortes indícios de ocorrência do fenômeno *El Niño*, que deve impactar diretamente a cebola. O aquecimento das águas do Pacífico tem se espalhado, no entanto o fenômeno será configurado a partir do trimestre julho, agosto e setembro e, possivelmente, será caracterizado por um inverno curto e chuvas mais intensas na primavera. Os agricultores estão se preparando para adotar as melhores técnicas produtivas e manejos que reduzam os impactos desse fenômeno sobre essa cultura. Presumivelmente, as áreas destinadas à cultura da cebola retrairão, dado o excesso de oferta ao nível nacional da safra passada, que prejudicou a remuneração obtida com a venda do produto, como já destacado. No entanto, essa redução não deve ser muito significativa, dado que a cebola faz parte da cultura produtiva de muitas famílias das principais regiões produtoras no estado.



Tabela 1 - Cebola- SC – Distribuição Microrregional – Comparativo entre área de plantio, produtividade e produção – Safras 2024/25 e 2025/26

Microrregião	Saфра 2024/2025			Estimativa Saфра 2025/2026				Variação (%)		
	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Participação Produção (%)	Área	Produtiv.	Produção
Blumenau	3	20.000	60	3	20.000	60	0,01%	0,00	0,00	0,00
Campos de Lages	1.178	25.907	30.519	1.215	31.081	37.764	5,99%	3,14	19,97	23,74
Canoinhas	160	40.000	6.400	170	43.235	7.350	1,17%	6,25	8,09	14,84
Curitibanos	230	41.130	9.460	312	45.833	14.300	2,27%	35,65	11,43	51,16
Ituporanga	9.123	27.622	252.000	8.723	34.211	298.422	47,37%	-4,38	23,85	18,42
Joaçaba	1.787	39.456	70.508	1.797	40.857	73.420	11,65%	0,56	3,55	4,13
Rio do Sul	1.757	25.135	44.163	1.757	32.461	57.034	9,05%	0,00	29,14	29,14
Tabuleiro	3.805	29.841	113.545	3.861	27.149	104.823	16,64%	1,47	-9,02	-7,68
Tijucas	1.252	23.825	29.829	1.282	28.748	36.855	5,85%	2,40	20,66	23,55
Santa Catarina	19.295	28.841	556.484	19.120	32.951	630.028	100,00%	-0,91	14,25	13,22

Fonte: Epagri/Cepa, maio/2026

Adicionalmente, uma das alternativas diante de cenários cujos preços estejam abaixo do custo de produção é, justamente, reduzir os custos de produção. Alternativas para um uso mais eficiente dos defensivos e da adubação química estão sendo discutidas por técnicos e pesquisadores junto às equipes de extensionistas e grupos de agricultores. A adoção em maiores proporções de áreas do plantio direto também pode impactar nos custos produtivos por reduzir a necessidade de mão-de-obra durante o preparo dos canteiros e o transplante das mudas, além de ser mais sustentável ambientalmente.

Importações

Após o aumento expressivo no volume importado de cebolas de fevereiro para março, de março para abril foi registrado mais um aumento, porém em magnitudes menos significativas. A variação foi de 81% com a aquisição de 42.265 toneladas. No comparativo com o mesmo mês do ano passado, o aumento foi ainda menor, de 44%. O aumento nos volumes importados de março para abril tem sido observado também nos demais anos que constam na Tabela 2. Em 2024 e 2025 as variações nos volumes importados do terceiro para o quarto mês foram de 71% e 54%, respectivamente.

Tabela 2 - Cebola-Brasil – Evolução do volume das importações mensais (jan./24 a abr./26)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2024	5.018	22.930	48.987	83.672	65.851	23.255	2.310	3.040	329	1.295	475	268	257.430
2025	308	2.584	19.075	29.422	60.207	22.391	2.477	137	26	0	327	882	137.835
2026	186	417	23.355	42.265									66.223

Fonte: Comex Stat/MDCS, maio/2026. Em toneladas



Essas variações são costumeiramente registradas devido a dois fatores interligados. Esse é o período do ano no qual o abastecimento do mercado interno pelo produto de origem própria é menor, causando um aumento do preço que é atrativo para os demais países fornecedores de cebola.

O custo da importação de cebola em abril foi de US\$10.250 mil, conforme Tabela 3. Assim como se registrou para o volume importado, em termos de recursos despendidos o aumento foi menos expressivo do que aquele registrado de fevereiro para março, com aumento de 90% de março para abril. Já com relação ao mesmo mês de 2025 a escalada foi um pouco mais expressiva, contabilizando um aumento de 101%.

Tabela 3 - Cebola-Brasil – Evolução dos custos das importações mensais – (jan./2024 a abr./2026)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2024	1.665	5.150	15.351	28.549	23.019	6.954	1.155	1.442	148	521	280	172	84.407
2025	199	573	4.057	5.106	9.749	3.913	451	29	18	-	225	523	24.843
2026	139	116	5.408	10.250									15.914

Fonte: Comex Stat/MDIC, maio/2026. Valores nominais em mil dólares americanos

Em abril o preço médio praticado com a aquisição de cada quilo de cebolas do exterior foi de US\$0,24. Já o preço de março foi de US\$0,23 e em abril de 2025 foi de US\$0,17. Os principais países exportadores foram a Argentina, Chile e Países Baixos. A maior parte da cebola importada veio da Argentina, 80%, seguida do Chile, 16%. Dos Países Baixos foram adquiridos 4%. As cebolas argentinas integraram o mercado nacional a um custo de US\$0,20, as cebolas chilenas a um custo de US\$0,38 e as cebolas originárias dos Países Baixos a um custo de US\$0,35. Desta forma, afere-se que as chuvas que atingiram regiões produtoras de cebola na Argentina no final de março e início de abril não afetaram significativamente a qualidade do produto, dado que o volume importado do país vizinho quase que dobrou de março para abril.



Pecuária

Avicultura.....	55
Bovinocultura	61
Suinocultura.....	65
Leite.....	72



Avicultura

Alexandre Luís Giehl

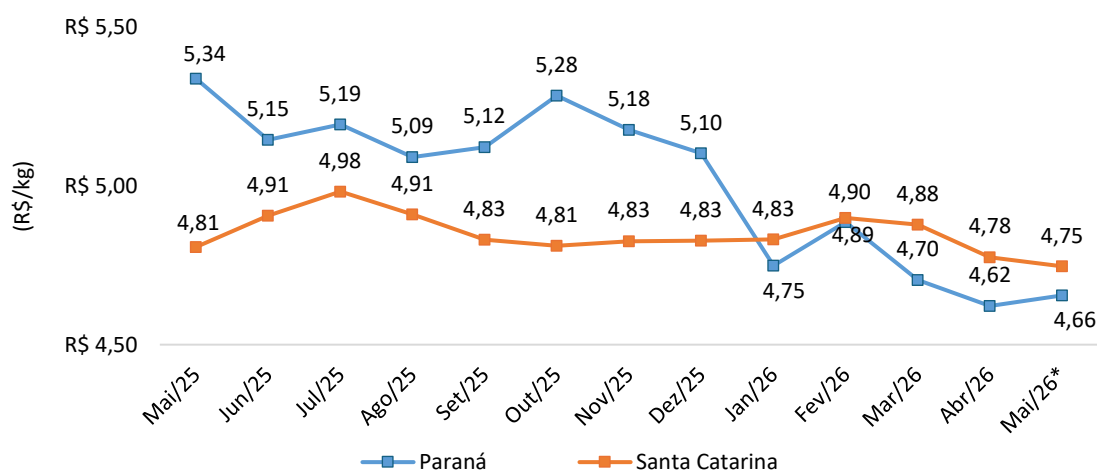
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa

alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Nas duas primeiras semanas de maio, os preços do frango vivo tiveram movimentos distintos nos dois principais estados produtores, na comparação com o valor registrado no mês anterior: alta de 0,7% no Paraná e queda de 0,6% em Santa Catarina. Quando comparados os preços do mês corrente com os de maio de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI –, verificam-se variações negativas nos dois estados, embora em patamares distintos: -12,8% no Paraná e -1,3% em Santa Catarina.

Figura 1 - Frango vivo – Santa Catarina e Paraná: preço médio mensal aos avicultores (R\$/kg)**



Fonte: Epagri/Cepa (SC); Seab (PR)

* Os valores de maio de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 13 do mês).

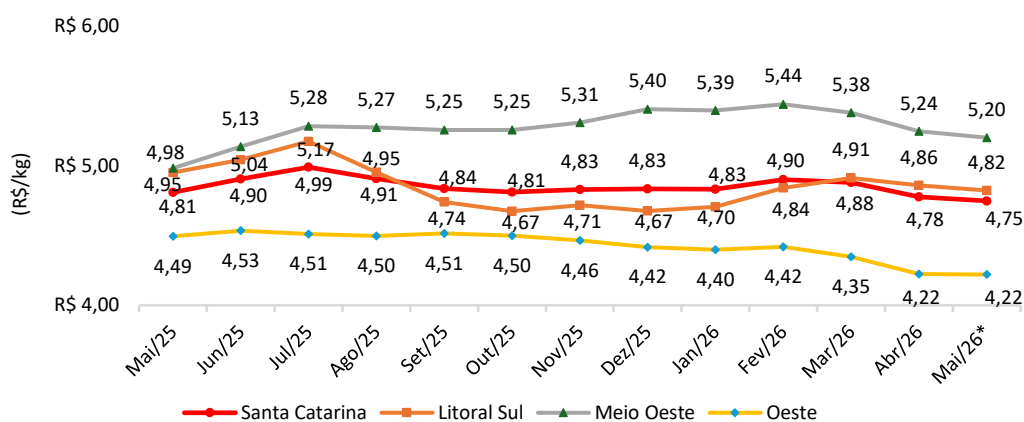
** Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

Os preços pagos aos avicultores catarinenses nas primeiras semanas de maio apresentaram variações negativas em todas as principais regiões produtoras do estado: -0,8% no Litoral Sul e no Meio Oeste, e -0,1% no Oeste. Quando comparados os preços atuais com os de maio de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI –, se observaram diferenças entre as três regiões: quedas de 6,1% no Oeste e 2,1% no Litoral Sul, enquanto o Meio Oeste registrou alta de 4,4%.



Figura 2 - Frango vivo – Santa Catarina: preço médio pago ao produtor nas principais regiões do estado (R\$/kg)



Fonte: Epagri/Cepa

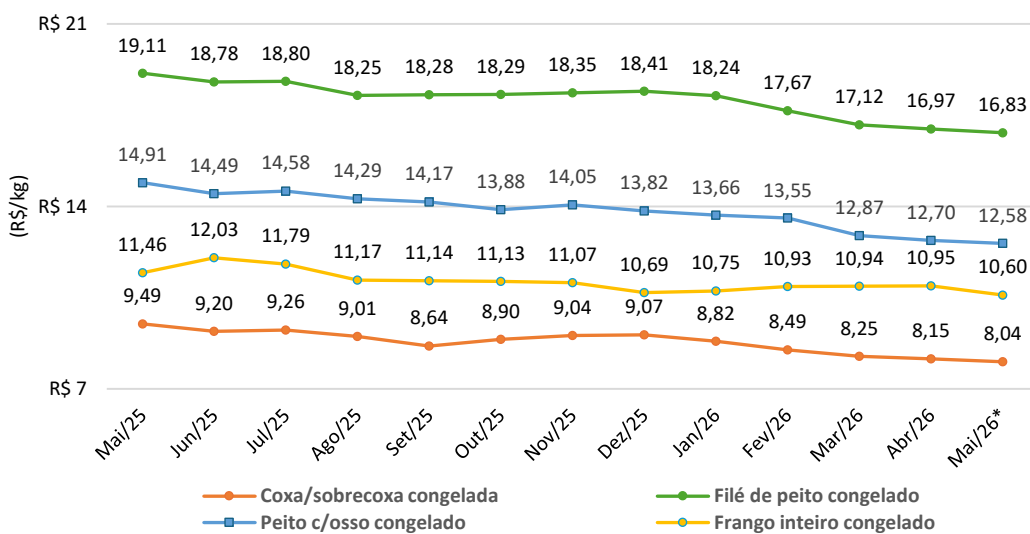
(!) Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria.

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

* Os valores de maio de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 13 do mês).

Já no mercado atacadista, depois da alta pontual em abril, nas duas primeiras semanas de maio os preços da carne de frango voltaram a cair: frango inteiro (-3,2% em relação ao mês anterior); coxa/sobrecoxa (-1,9%); peito com osso (-0,9%); e filé de peito (-0,8%). A variação média dos quatro cortes foi de -1,6%. No ano, a carne de frango acumula queda de 4,8%.

Figura 3 - Carne de frango – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual (R\$/kg)



Fonte: Epagri/Cepa

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

* Os valores de maio de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 13 do mês).



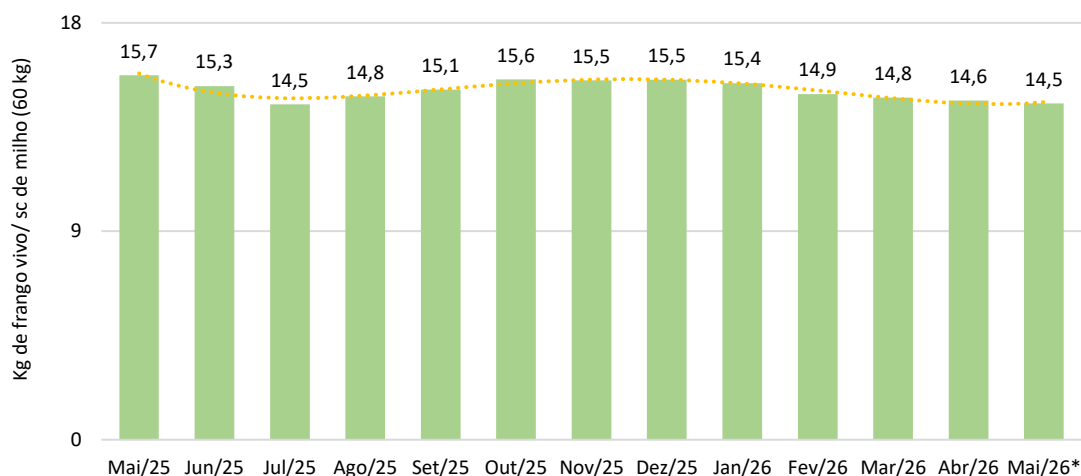
Ao comparar os valores deste mês com os de maio de 2025 – corrigidos pela inflação do período (IGP-DI) –, verifica-se que todos os cortes apresentaram variação negativa: peito com osso (-15,6%); coxa/sobrecoxa (-15,3%); filé de peito (-11,9%); e frango inteiro (-7,5%). A variação média dos quatro cortes foi de -12,6%.

Custos

Segundo a Embrapa Suínos e Aves, em abril, o custo de produção de frangos em aviário climatizado com pressão positiva em Santa Catarina foi de R\$ 4,90/kg de peso vivo, o que representa uma alta de 0,6% em relação ao mês anterior. No ano, acumula-se queda de 3,2% no custo de produção. Em relação ao custo de abril de 2025 (corrigido pelo IGP-DI), o valor atual está 8,8% menor.

A relação de troca insumo-produto registrou queda de 0,9% nas primeiras semanas de maio em relação ao mês anterior. Esse resultado se deve à queda de 1,5% no preço médio estadual⁷ do milho (atacado), variação parcialmente absorvida pelo recuo de 0,6% no preço do frango vivo. Na comparação entre maio de 2026 e o mesmo mês de 2025, registra-se queda de 7,9%. Isso significa que atualmente os produtores precisam de 1,2 kg a menos de frango vivo para comprar uma saca de milho.

Figura 4 - Frango vivo – Santa Catarina: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca (60kg) de milho



Fonte: Epagri/Cepa

Para o cálculo da relação de equivalência, utilizam-se os preços médios estaduais do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado).

* Os valores de maio de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 13 do mês).

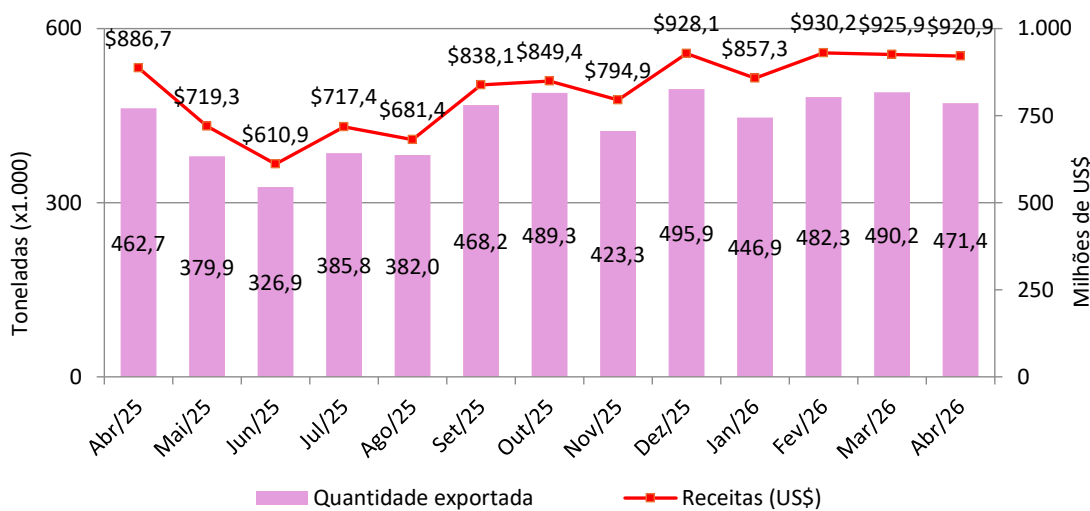
⁷ A partir da edição de janeiro do Boletim Agropecuário, a relação de troca insumo-produto passou a ser calculada levando em consideração os preços médios estaduais do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado), ao invés da praça de referência Oeste.



Comércio exterior

Em abril, o Brasil exportou 471,4 mil toneladas de carne de frango, o que representou queda de 3,8% em relação a março, mas alta de 1,9% na comparação com abril de 2025. As receitas totalizaram US\$ 920,9 milhões, recuo de 0,5% frente ao mês anterior, mas crescimento de 3,9% em relação a abril de 2025.

Figura 5 - Carne de frango – Brasil: quantidade exportada e receitas



Fonte: MDIC/Comex Stat

No 1º quadrimestre, o Brasil exportou 1,89 milhão de toneladas, com receitas de US\$3,63 bilhões, altas de 4,5% e 6,4%, respectivamente, em relação ao mesmo período do ano passado. Esses resultados representam o melhor desempenho da série histórica para o 1º quadrimestre do ano, tanto em quantidade quanto em valor.

Os principais destinos da carne de frango brasileira nos quatro primeiros meses deste ano foram: China (13,6% das receitas do período), Japão (10,4%), Arábia Saudita (9,2%) e Emirados Árabes Unidos (7,0%).

Santa Catarina, por sua vez, exportou **112,7 mil toneladas** de carne de frango em abril. O volume representa uma alta de 3,4% em relação a março e de 4,0% na comparação com abril de 2025. As receitas totalizaram **US\$242,3 milhões**, crescimento de 8,8% frente ao mês anterior e de 5,5% em relação a abril de 2025. O resultado de abril representa o melhor desempenho dos últimos sete anos (desde maio de 2019).

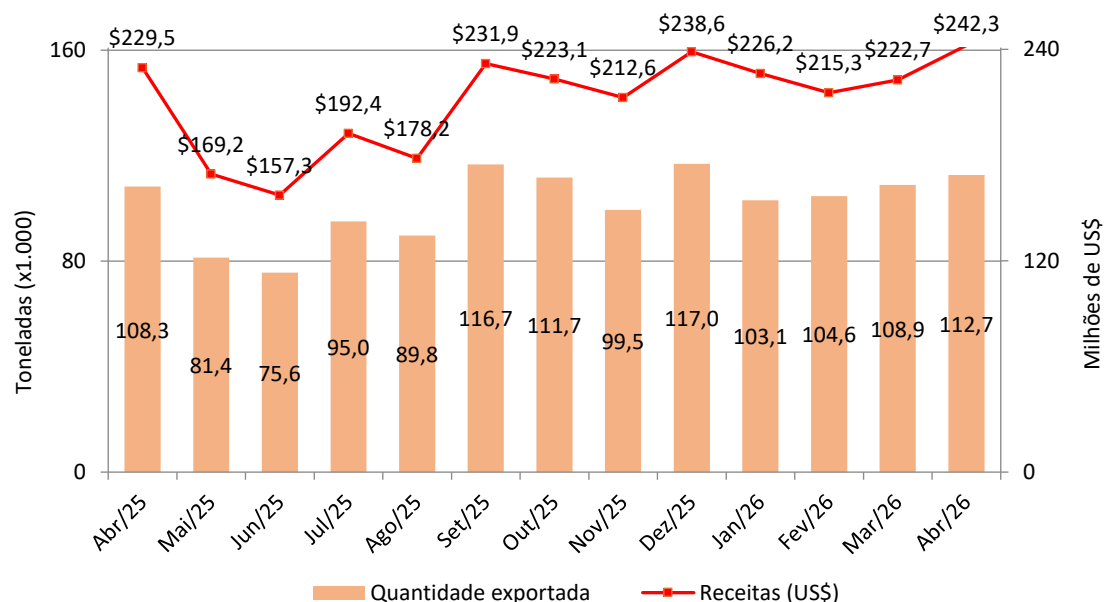
O valor médio da carne de frango *in natura* exportada por Santa Catarina em abril foi de US\$2.088,54 por tonelada – alta de 4,6% em relação a março, mas queda de 0,7% na comparação com abril de 2025.

No acumulado do 1º quadrimestre, o estado exportou **429,3 mil toneladas**, gerando **US\$906,5 milhões** em receitas. Esses valores representam aumentos de 3,4% e 7,1%, respectivamente, em relação ao mesmo período de 2025. Com esses números, Santa Catarina alcançou o **melhor**



desempenho da série histórica (iniciada em 1997) em termos de receitas, além do segundo melhor volume já registrado para o 1º quadrimestre do ano.

Figura 6 - Carne de frango – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas



Fonte: MDIC/Comex Stat

Assim como observado no mês anterior, em abril registrou-se queda nas exportações para o Oriente Médio, em razão do conflito envolvendo Estados Unidos e Israel, de um lado, e Irã, de outro. Nos últimos dois meses, os embarques de carne de frango catarinense para aquela região caíram 27,7% em quantidade e 35,5% em receitas na comparação com o mesmo período do ano passado.

Nos quatro primeiros meses do ano, os principais destinos da carne de frango catarinense foram Países Baixos (13,9% do total), Japão (10,9%), China (10,4%) e Arábia Saudita (9,3%). A Tabela 1 detalha os principais destinos das exportações catarinenses de carne de frango no 1º quadrimestre deste ano.

Tabela 1 - Carne de frango – Santa Catarina: principais destinos das exportações – 1º quadrimestre/2026

País	Valor (US\$)	Participação (%)	Quantidade (t)	Participação (%)
Países Baixos (Holanda)	126.075.150,00	13,9	35.355	8,2
Japão	98.390.161,00	10,9	40.592	9,5
China	94.628.456,00	10,4	40.409	9,4
Arábia Saudita	84.448.738,00	9,3	39.395	9,2
Coreia do Sul	53.948.751,00	6,0	22.825	5,3
Demais países	448.961.485,00	49,5	250.727	58,4
TOTAL	906.452.741,00	100	429.302	100

Fonte: MDIC/Comex Stat



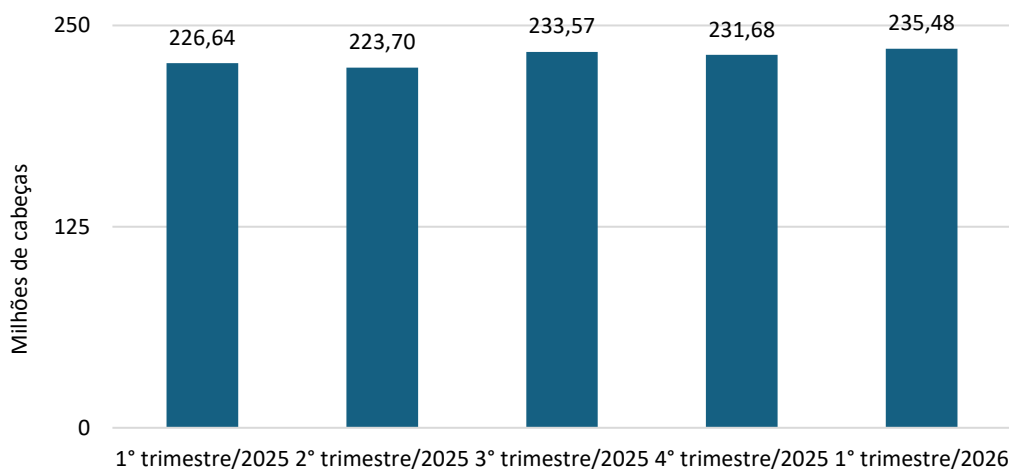
Santa Catarina foi responsável por 24,9% das receitas e 22,7% do volume exportado de carne de frango pelo Brasil no 1º quadrimestre de 2026.

Embora o cenário seja positivo, uma preocupação se coloca no horizonte do setor avícola. No dia 12 de maio, a União Europeia divulgou a lista de países que cumprem regras contra o uso de antimicrobianos na pecuária, a qual excluiu o Brasil. Essa lista define quem pode continuar exportando para a UE a partir de 3 de setembro. Caso a medida não seja revertida ou se encontre uma solução até a data limite, a cadeia de carne de frangos deve ser uma das proporcionalmente mais impactadas. Em 2025, Santa Catarina exportou 97,7 mil toneladas de carne de frango para a UE, com receitas de US\$337,4 milhões, o que representou 8,1% do volume e 13,8% das receitas das exportações do estado. Mas ainda é cedo para qualquer prognóstico mais apurado, já que o governo brasileiro afirmou que fará tratativas para que a medida seja revista.

Produção

Santa Catarina produziu 235,5 milhões de frangos de janeiro a março deste ano⁸ – um crescimento de 3,9% em relação ao mesmo período do ano anterior.

Figura 7 - Frangos – Santa Catarina: produção trimestral



Fonte: Cidasc

⁸ Os dados referentes a abril são preliminares, embora já tenham sido disponibilizados no Observatório Agro Catarinense. Para o presente boletim, optou-se por analisar somente os dados do 1º trimestre, de forma a evitar distorções na análise.



Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl

Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa

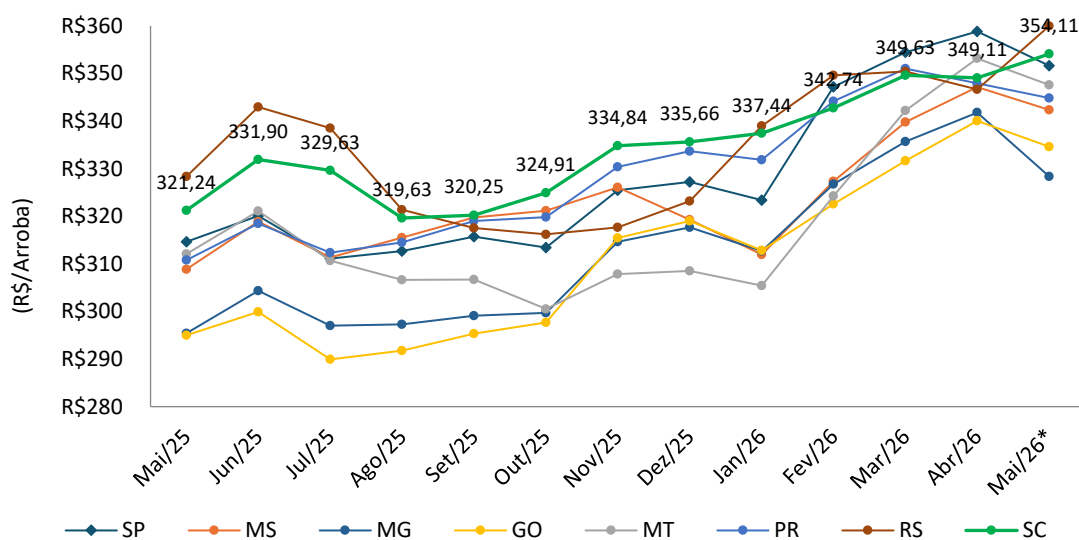
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Depois de vários meses seguidos de altas, nas duas primeiras semanas de maio os preços do boi gordo caíram na maioria dos principais estados produtores. Na comparação com os valores registrados em abril, observaram-se as seguintes variações: -3,9% em Minas Gerais; -2,0% em São Paulo; -1,6% no Mato Grosso; -1,6% em Goiás; -1,4% no Mato Grosso do Sul; e -0,9% no Paraná. Somente Santa Catarina e Rio Grande do Sul apresentaram variação positiva: 1,4% e 3,9%, respectivamente. As variações negativas são decorrentes, principalmente, da oferta ainda expressiva de animais, principalmente em função do início do período seco no Centro-Oeste, e da desaceleração da demanda interna. Apesar disso, a perspectiva é de que nos próximos meses a tendência de alta volte a ser predominante, dada a elevada demanda no mercado externo e a mudança do ciclo pecuário em curso.

Ao comparar os preços das primeiras semanas de maio deste ano com os do mesmo mês de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI –, verifica-se que todos os estados analisados registraram altas expressivas no período: 13,4% em Goiás; 11,8% em São Paulo; 11,4% no Mato Grosso; 11,2% em Minas Gerais; 11,0% no Paraná; 10,8% em Mato Grosso do Sul; 10,2% em Santa Catarina; e 9,6% no Rio Grande do Sul.

Figura 1 - Boi gordo – SC¹, SP², MG², GO², MT², MS², PR³ e RS⁴: evolução dos preços da arroba (R\$/arroba)



Fontes: ⁽¹⁾Epagri/Cepa; ⁽²⁾Cepea; ⁽³⁾Seab; ⁽⁴⁾Nespro

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

* Os valores de maio de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 13 do mês).

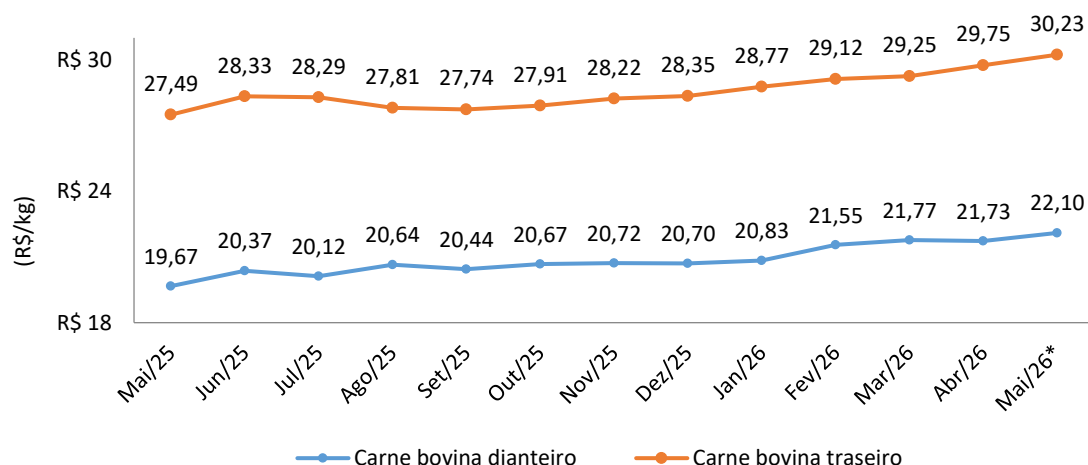


Das dez regiões agro de Santa Catarina, em nove se registrou variação positiva no preço do boi gordo na comparação entre os valores recebidos pelos produtores nas primeiras semanas de maio e os do mês anterior, com destaque para o Oeste, onde a alta foi de 3,0%. Uma única região (Alto Vale do Rio do Peixe) não apresentou variação.

Quando se comparam os valores preliminares de maio com os do mesmo mês de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI –, todas as dez regiões apresentam variações positivas, com destaque para o Planalto Sul e o Planalto Norte, onde as altas foram de 13,5% e 12,5%, respectivamente.

No atacado, todos os cortes apresentaram variações positivas nas primeiras semanas de maio frente ao mês anterior, movimento que vem predominando desde outubro do ano passado. A carne de dianteiro subiu 1,7% e a carne de traseiro apresentou alta de 1,6%. A variação média do período foi de 1,7%. No ano, a carne bovina no atacado acumula alta de 9,5%.

Figura 2 - Carne bovina – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual (R\$/kg)



Valores corrigidos pelo IGP-DI.

* Os valores de maio de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 13 do mês).

Fonte: Epagri/Cepa

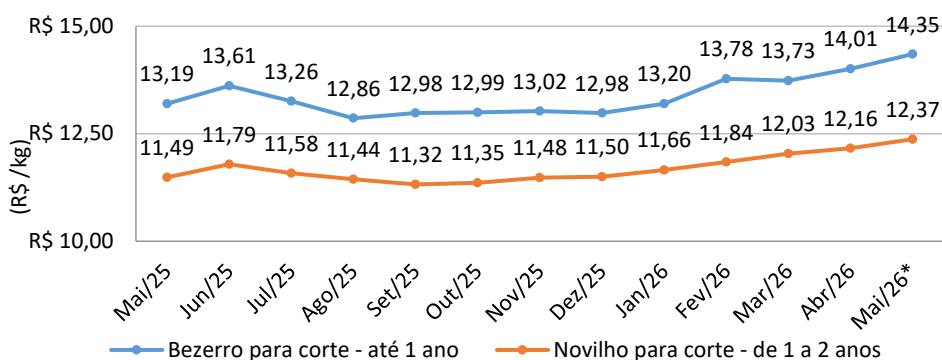
Ao comparar os preços das primeiras semanas deste mês com as médias de maio de 2025 – corrigidas pelo IGP-DI –, observam-se variações positivas expressivas em ambos os cortes: 12,4% para a carne de dianteiro e de 10,0% para a carne de traseiro, com média de 11,2%.

Custos

Nas primeiras semanas de maio, os preços das duas categorias de animais de reposição apresentaram altas em relação às médias do mês anterior. O preço dos bezerros de corte com até 1 ano subiu 2,4%, enquanto o dos novilhos de corte de 1 a 2 anos apresentou alta de 1,7%.



Figura 3 - Bezerro e novilho para corte – Santa Catarina: evolução do preço médio estadual (R\$/kg)



Valores corrigidos pelo IGP-DI.

* Os valores de maio de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 13 do mês).

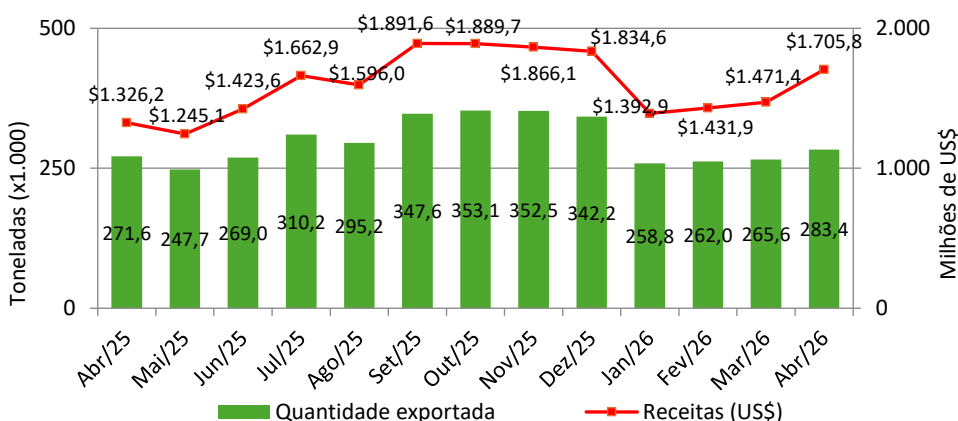
Fonte: Epagri/Cepa

Quando se comparam os preços do mês atual com os de maio de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI –, verificam-se altas consistentes nos dois casos: 8,8% para os bezerros com até 1 ano e 7,7% para os novilhos de 1 a 2 anos.

Comércio exterior

Em abril, o Brasil exportou **283,4 mil toneladas** de carne bovina, volume 6,7% superior ao de março e 4,3% maior do que o de abril de 2025. As receitas foram de **US\$1,71 bilhão**, crescimento de 15,9% frente ao mês anterior e de 28,6% em relação ao mesmo mês de 2025.

Figura 4 - Carne bovina – Brasil: quantidade exportada e receitas



Fonte: MDIC/Comex Stat

O valor médio da carne bovina *in natura* exportada pelo Brasil no último mês foi de **US\$6.241,46** por tonelada – alta de 7,3% ante março e de 24,1% em relação a abril de 2025.



No acumulado do 1º quadrimestre, o Brasil exportou **1,07 milhão de toneladas**, com receitas de **US\$6,00 bilhões**, altas de 13,7% e 32,5%, respectivamente, em relação ao mesmo período do ano passado. Esses são os melhores resultados para o 1º quadrimestre do ano desde o início da série histórica, em 1997.

O principal destino da carne bovina brasileira exportada nos quatro primeiros meses do ano foi a China, responsável por 44,9% das receitas geradas por esse produto. Os Estados Unidos, segundo principal destino, responderam por 16,0% das receitas deste ano.

Embora o cenário seja positivo, uma preocupação se coloca no horizonte do setor de carnes. No dia 12 de maio, a União Europeia divulgou a lista de países que cumprem regras contra o uso de antimicrobianos na pecuária, a qual excluiu o Brasil. Essa lista define quem pode continuar exportando para a UE a partir de 3 de setembro. Caso a medida não seja revertida ou se encontre uma solução até a data limite, a cadeia de carne bovina deve sofrer algum impacto, embora moderado. Em 2025, o Brasil exportou 129,2 mil toneladas de carne bovina para a UE, com receitas de US\$1,05 bilhão, o que representa 3,7% do volume e 5,9% das receitas totais do país. Mas ainda é cedo para qualquer prognóstico mais apurado, já que o governo brasileiro afirmou que fará tratativas para que a medida seja revista.

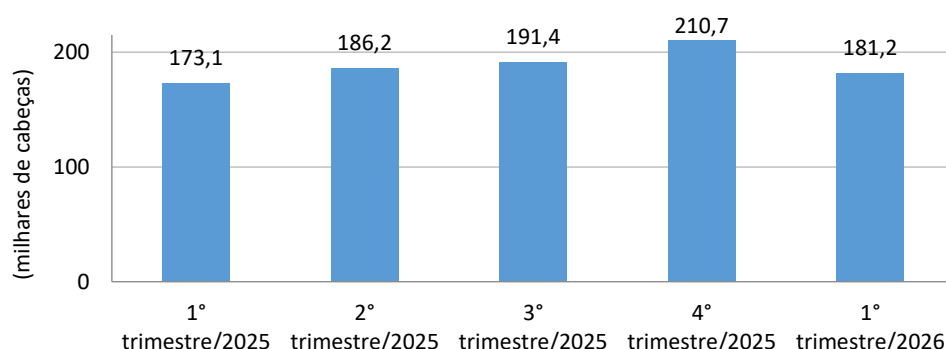
Santa Catarina exportou 458,2 toneladas de carne bovina em abril, com faturamento de US\$1,83 milhão, o que representou um crescimento de 103,7% em volume e de 83,8% em valor, na comparação com abril de 2025.

No acumulado do 1º quadrimestre, o estado já exportou 1,84 mil toneladas, com receitas de US\$8,13 milhões, altas de 160,9% e 174,7%, respectivamente, em relação ao mesmo período de 2025. Esses números representam o melhor desempenho da série histórica em termos de receitas e o segundo melhor em volume.

Produção

De janeiro a março⁹, foram produzidas e destinadas ao abate 181,2 mil cabeças de bovinos em Santa Catarina, montante **4,7% superior** ao registrado no mesmo período de 2025.

Figura 5 - Bovinos – Santa Catarina: produção trimestral (abates inspecionados)



Fonte: Cidasc

⁹ Os dados referentes a abril são preliminares, embora já tenham sido disponibilizados no Observatório Agro Catarinense. Para o presente boletim, optou-se por analisar somente os dados do 1º trimestre, de forma a evitar distorções na análise.



Suinocultura

Alexandre Luís Giehl

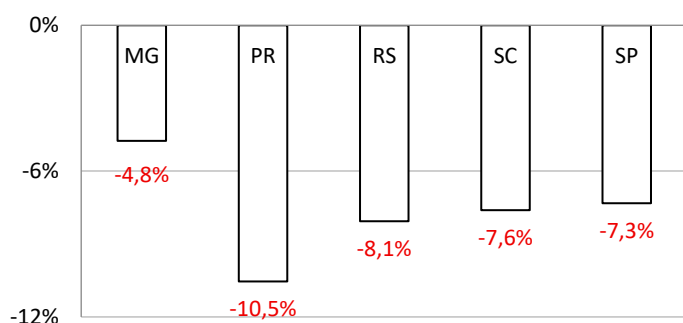
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa

alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Assim como observado nos meses anteriores, nas duas primeiras semanas de maio, observaram-se quedas expressivas nos preços do suíno vivo em todos os principais estados produtores, como evidencia a Figura 1.

Figura 1. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: variação do preço ao produtor (abr.-mai./2026^(*))



Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC) Valores corrigidos pelo IGP-DI

* Os valores de maio de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 13 do mês).

No ano, acumulam-se quedas bastante expressivas em todos esses estados, variando de -24,9%, em Santa Catarina, a -49,6%, no Paraná. Em grande medida, esse cenário decorre da elevada oferta de animais para abate.

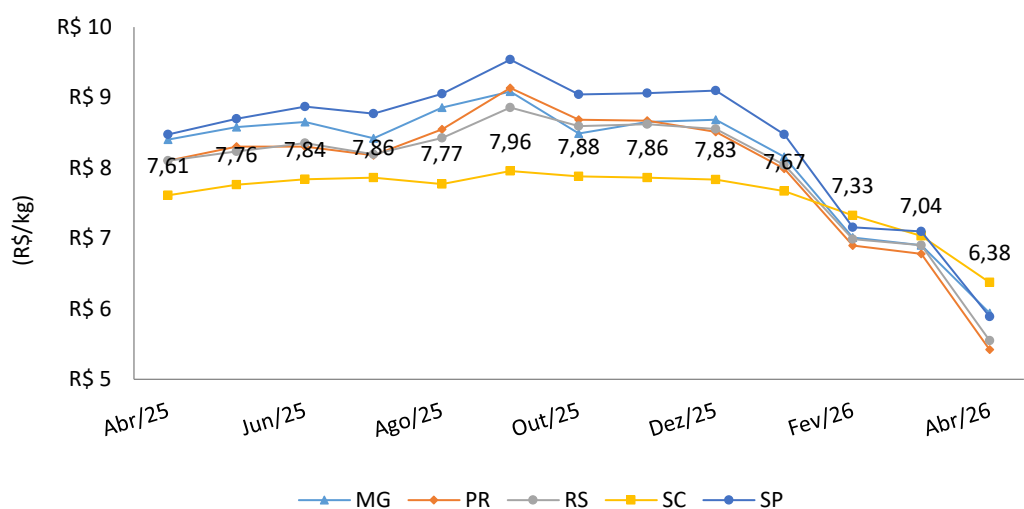
Entre os principais fatores que explicam esses recuos de

preços, está o crescimento da produção, especialmente em função do aumento do plantel. O fraco desempenho do mercado doméstico também afeta o escoamento da produção, resultando em movimentos de baixa. Apesar do cenário desafiador, a queda nos custos com alimentação animal tem amenizado parcialmente as perdas, como se verá adiante.

Quando se comparam os valores preliminares de maio deste ano com os do mesmo mês de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI –, verificam-se variações negativas acentuadas em todos os cinco estados analisados: -34,7% no Paraná; -32,6% no Rio Grande do Sul; -32,3% em São Paulo; -30,8% em Minas Gerais; e -17,9% em Santa Catarina.



Figura 2 - Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: evolução do preço ao produtor (R\$/kg)



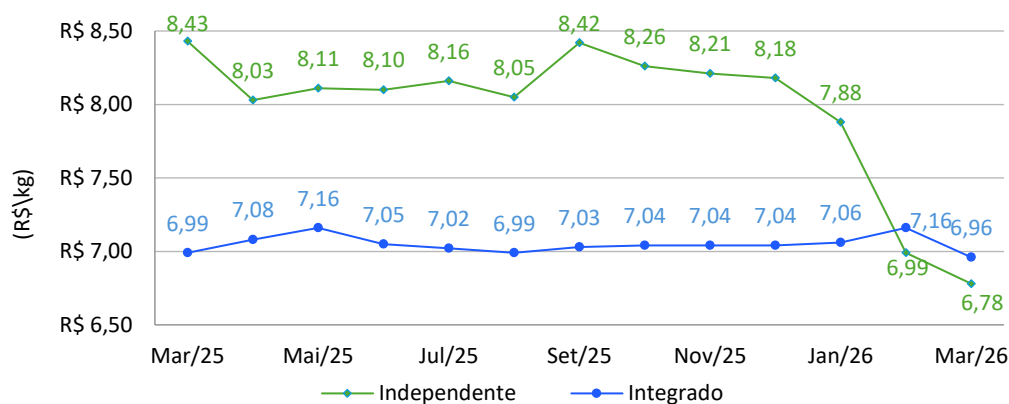
Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC)

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

* Os valores de maio de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 13 do mês).

Em relação à Santa Catarina, verificam-se quedas nos preços pagos aos dois perfis de produtor. No caso dos produtores independentes, a queda foi de 12,6%, enquanto os produtores integrados apresentaram queda de 2,9% nas primeiras semanas de maio em relação ao mês anterior. Em relação aos valores do mesmo mês de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI, também se registram quedas em ambos os casos: -33,5% para os produtores independentes e -10,8% para os integrados.

Figura 3 - Suíno vivo – Santa Catarina: preço médio mensal para o produtor independente e para o produtor integrado



Fonte: Epagri/Cepa

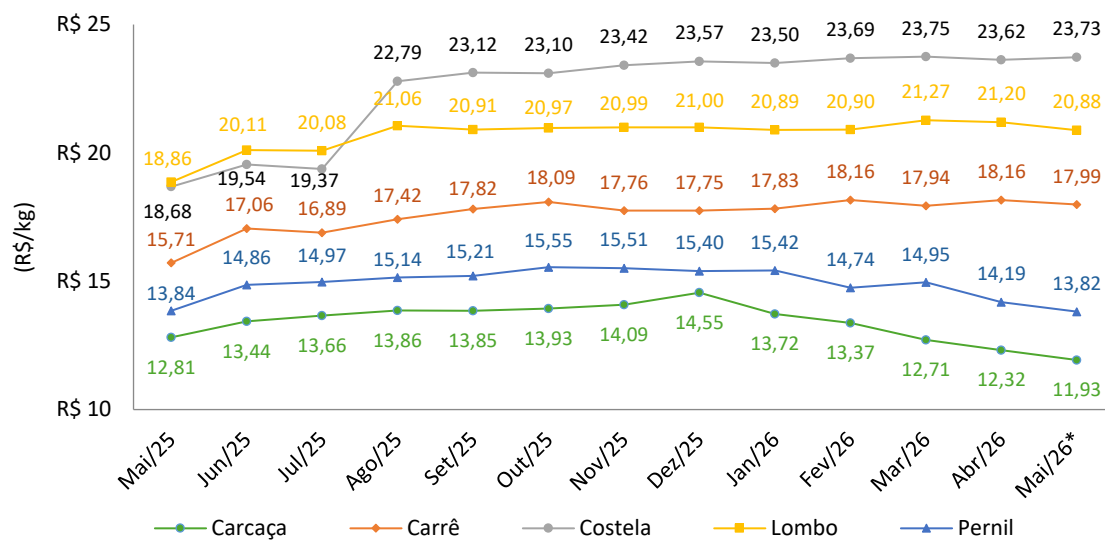
Valores corrigidos pelo IGP-DI.

* Os valores de maio de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 13 do mês).



No mercado atacadista, a maioria dos cortes suínos apresentou variações negativas em relação ao mês anterior: carcaça (-3,2%); pernil (-2,6%); lombo (-1,5%); e carrê (-0,9%). Somente a costela registrou alta no período (0,5%) e, ainda assim, pouco expressiva. Na média dos cinco cortes, a variação foi de -1,6%.

Figura 4 - Carne suína – Santa Catarina: preço médio mensal estadual dos principais cortes suínos no atacado (R\$/kg)



Fonte: Epagri/Cepa

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

* Os valores de maio de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 13 do mês).

Apesar das recentes quedas, ao comparar os preços preliminares de maio deste ano com os do mesmo mês de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI –, ainda verifica-se um predomínio de variações positivas: costela (27,0%); carrê (14,5%); e lombo (10,7%). Por outro lado, a carcaça e o pernil apresentaram retração no período: -6,8% e -0,2%, respectivamente. A elevação média real dos cinco cortes foi de 9,0%.

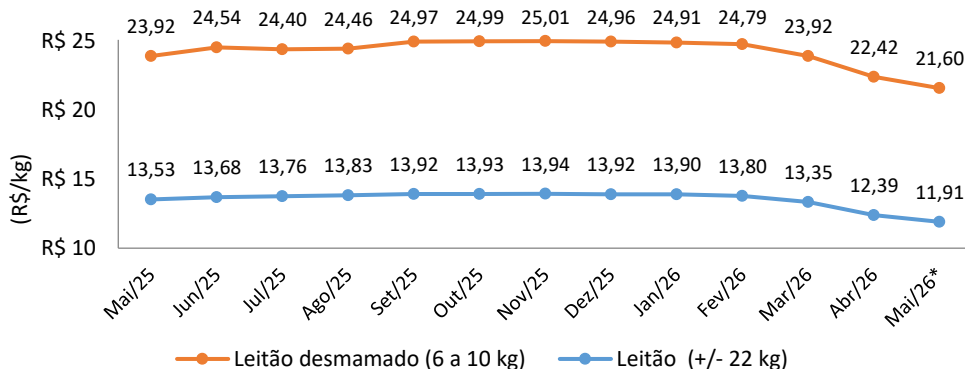
Custos

Segundo a Embrapa Suínos e Aves, o custo de produção de suínos em ciclo completo em Santa Catarina foi de R\$6,25 por kg de peso vivo em abril, recuo de 0,8% em relação ao valor do mês anterior. O valor atual está 4,6% abaixo do custo calculado para abril de 2025 (corrigido pelo IGP-DI).

Os preços dos leitões em Santa Catarina apresentaram quedas nas primeiras semanas de maio em relação às médias do mês anterior: -3,7% para os leitões de 6kg a 10kg e -3,9% para os leitões de aproximadamente 22kg. Quando se comparam os valores deste mês com os de maio de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI –, também se observam variações nas duas categorias: -9,7% para os leitões de 6kg a 10kg e -12,0% para os leitões de aproximadamente 22kg.



Figura 5 - Leitões – Santa Catarina: preço médio mensal por categoria (R\$/kg)



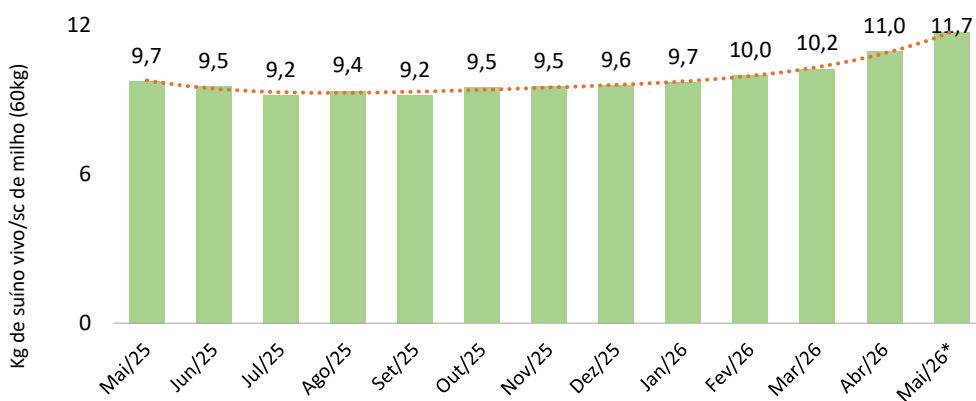
Fonte: Epagri/Cepa

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

* Os valores de maio de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 13 do mês).

A relação de troca insumo-produto apresentou alta de 6,7% nas primeiras semanas de maio, cenário resultante, principalmente, da queda de 7,6% no preço médio estadual¹⁰ do suíno vivo, parcialmente compensada pela redução de 1,5% no preço do milho (no atacado). Quando se compara o valor atual com o mesmo mês de 2025, verifica-se uma alta de 20,0% no índice. Isso significa que atualmente os produtores precisam de aproximadamente 2kg a mais de suíno vivo para comprar uma saca de milho.

Figura 6 - Suíno vivo – Santa Catarina: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca de 60kg de milho



Fonte: Epagri/Cepa

Para o cálculo da relação de troca, utilizam-se os preços médios estaduais do suíno vivo (ao produtor) e do milho (atacado).

* Os valores de maio de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 13 do mês).

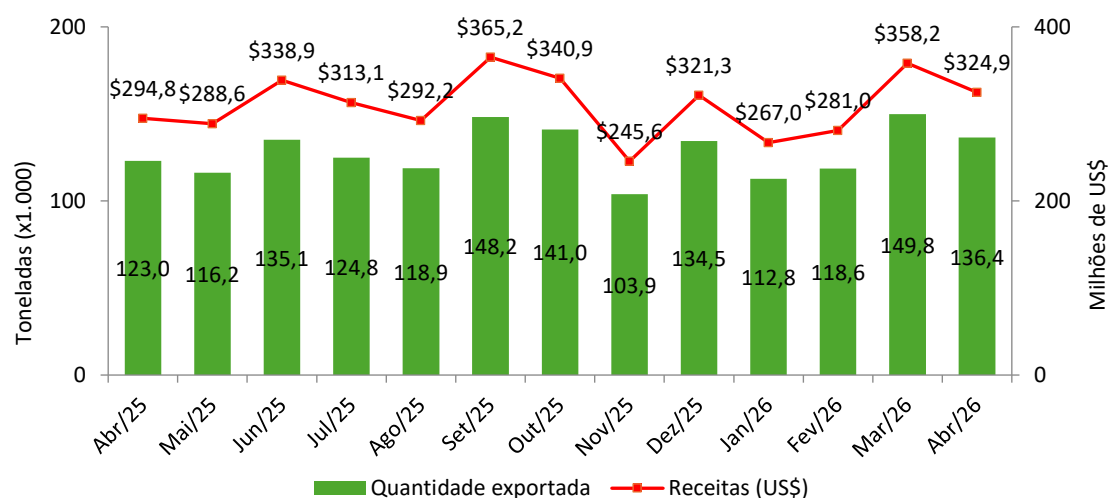
¹⁰ A partir da edição de janeiro do Boletim Agropecuário, a relação de troca insumo-produto passou a ser calculada levando em consideração os preços médios estaduais do suíno vivo (ao produtor) e do milho (atacado).



Comércio exterior

Em abril, o Brasil exportou 136,4 mil toneladas de carne suína, volume que representou uma queda de 9,0% em relação a março, mas alta de 10,9% na comparação com abril de 2025. As receitas somaram US\$ 324,9 milhões, recuo de 9,3% frente ao mês anterior, mas crescimento de 10,2% em relação a abril do ano passado. O resultado de abril representa o quarto melhor desempenho da série histórica (iniciada em 1997) para o referido mês, tanto em termos de receitas quanto em volume.

Figura 7 - Carne suína – Brasil: quantidade exportada e receitas



Fonte: MDIC/Comex Stat

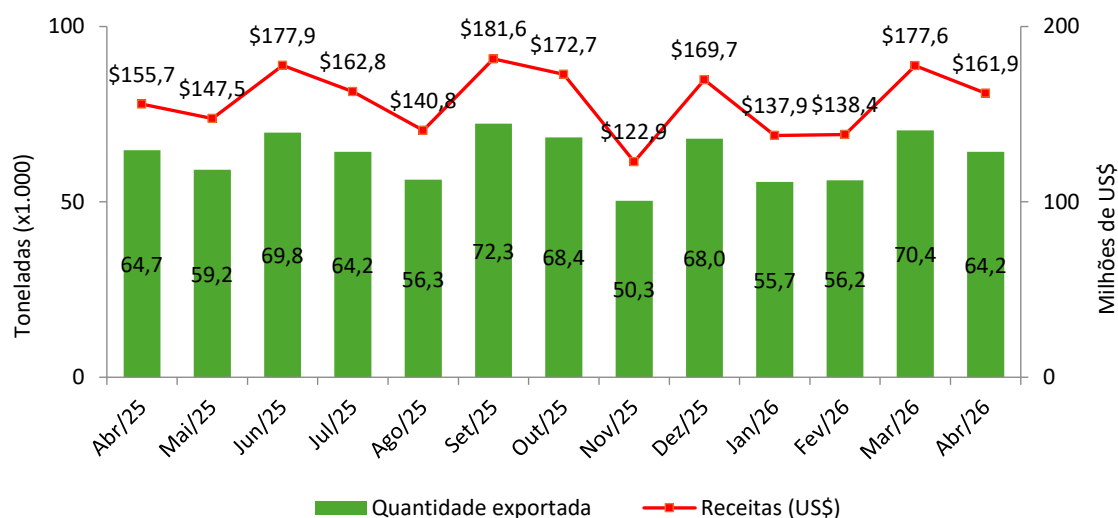
No acumulado do 1º quadrimestre, o país exportou 517,6 mil toneladas de carne suína, com receitas de US\$1,23 bilhão, valores que representam crescimentos de 15,5% e 14,9%, respectivamente, em relação ao mesmo período do ano passado. Esses resultados representam o melhor desempenho da série histórica (iniciada em 1997) para os quatro primeiros meses do ano, tanto em volume quanto em receitas.

Os principais destinos das exportações brasileiras no 1º quadrimestre do ano foram as Filipinas, que concentraram 29,0% das receitas totais, seguidas por Japão (16,2%), China (8,0%) e Chile (7,2%).

Em abril, Santa Catarina exportou **64,2 mil toneladas** de carne suína. O volume representa queda de 8,8% em relação a março e de 0,7% na comparação com o mesmo mês do ano passado. As receitas com os embarques totalizaram **US\$161,9 milhões**, recuo de 8,9% frente a março, mas crescimento de 3,9% ante abril de 2025. As receitas de abril foram as maiores da série histórica para o referido mês.



Figura 8 - Carne suína – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas



Fonte: MDIC/Comex Stat

O preço médio da carne suína *in natura* exportada por Santa Catarina em abril ficou em **US\$2.593,45** por tonelada – queda de 0,8% ante março e alta de 4,4% na comparação com abril do ano anterior.

No acumulado do 1º quadrimestre, o estado exportou **246,5 mil toneladas**, gerando **US\$615,8 milhões** em receitas. Esses valores representam aumentos de 2,6% e 6,5%, respectivamente, em relação ao mesmo período de 2025. Com esses números, Santa Catarina alcançou **o melhor desempenho da série histórica** em volume e em receitas.

Os principais destinos da carne suína catarinense no primeiro quadrimestre foram Japão (32,4% das receitas), Filipinas (18,7%) e China (14,4%). Chama a atenção o forte crescimento registrado pelo Japão nesse período. O país ampliou suas aquisições de carne suína catarinense em 74,9% em volume e 67,6% em receitas.

Tabela 1 - Carne suína – Santa Catarina: principais destinos das exportações – 1º quadrimestre/2026

País	Valor (US\$)	Participação (%)	Quantidade (t)	Participação (%)
Japão	199.224.831,00	32,4	59.951	24,3
Filipinas	115.207.244,00	18,7	51.671	21,0
China	88.746.840,00	14,4	40.603	16,5
Chile	45.191.364,00	7,3	19.271	7,8
México	30.617.895,00	5,0	13.314	5,4
Demais países	136.802.608,00	22,2	61.719	25,0
TOTAL	615.790.782,00	100	246.529	100

Fonte: MDIC/Comex Stat



Outro destaque é a Geórgia, que ampliou em 293,6% o volume adquirido de Santa Catarina no 1º quadrimestre, em relação ao mesmo período do ano anterior. Com isso, o país já ocupa a sexta posição no ranking de principais destinos da carne suína catarinense no ano.

Santa Catarina respondeu por 47,6% do volume e 50,0% das receitas totais das exportações brasileiras de carne suína nos quatro primeiros meses do ano.

Produção

De janeiro a março¹¹ deste ano, o estado de Santa Catarina produziu 4,6 milhões de suínos – montante 2,3% superior ao mesmo período de 2025.

Figura 9 - Suínos – Santa Catarina: produção trimestral



Fonte: Cidasc

Ainda não foram disponibilizados dados consolidados de abate do 1º trimestre do ano para o Brasil, mas números preliminares do Serviço de Inspeção Federal indicam um crescimento de aproximadamente 4% no número de cabeças abatidas em relação ao mesmo período de 2025, o que contribui para o desequilíbrio entre oferta e demanda.

¹¹ Os dados referentes a abril são preliminares, embora já tenham sido disponibilizados no Observatório Agro Catarinense. Para o presente boletim, optou-se por analisar somente os dados do 1º trimestre, de forma a evitar distorções na análise.



Leite

Andréa Castelo Branco Brasileiro-Assing

Economista, Dr.a. – Epagri/Cepa

andreassing@epagri.sc.gov.br

Comércio Exterior

Balança Comercial Láctea Brasileira

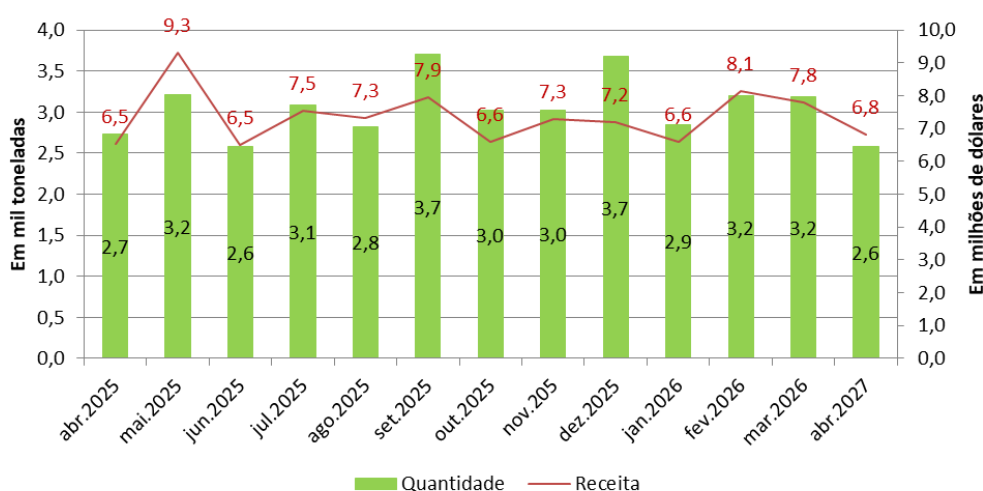
Em abril de 2026, o Brasil exportou 2,6 mil toneladas de produtos lácteos (figura 1), volume 19% inferior ao registrado em março de 2026 (3,2 mil toneladas). Na comparação com abril de 2025, quando as exportações somaram 2,7 mil toneladas, observa-se retração de 4%.

Em termos de receita, as exportações totalizaram 6,8 milhões de dólares (valor FOB), representando queda de 13% em relação a março de 2026 (7,8 milhões de dólares). No comparativo interanual, a receita apresentou aumento de 5% frente a abril de 2025, quando havia alcançado 6,5 milhões de dólares, a preços correntes daquele ano.

Entre os principais produtos lácteos exportados em março, destacaram-se soro de leite, responsável por 35% do volume total embarcado, seguido pelo creme de leite (21%) e pelo leite condensado (14%).

Quanto aos destinos das exportações brasileiras, a China liderou as compras, com 18% do total exportado, seguida por Chile e Estados Unidos da América, com 11% e 10% de participação, respectivamente.

Figura 1 - Leite – Brasil: evolução das exportações mensais - (abr./2025 a abr./2026)



Fonte: Comex Stat/Mdic, mai./2026



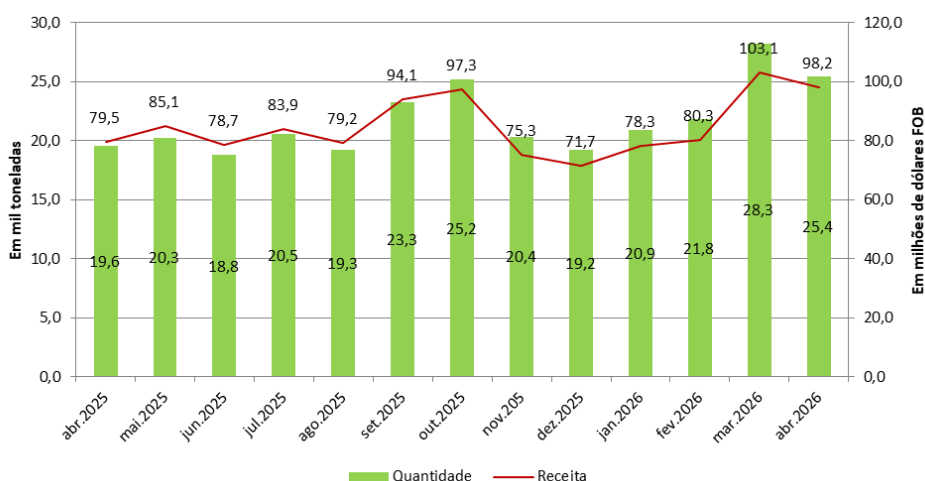
Em abril de 2026, o Brasil importou 25,4 mil toneladas de produtos lácteos (figura 2). Esse volume foi 10,2% inferior ao registrado em março de 2026 (28,3 mil toneladas), porém 29,6% superior ao observado em abril de 2025, quando as importações somaram 19,6 mil toneladas.

Em termos de valor, as importações totalizaram 98,2 milhões de dólares (FOB), o que representa retração de 4,8% em relação a março de 2026 (103,1 milhões de dólares). Na comparação com abril de 2025, quando haviam alcançado 79,5 milhões de dólares, a preços correntes daquele ano, observa-se aumento de 23,5%.

Em março, entre os principais produtos lácteos importados, destacaram-se o leite em pó, responsável por 66% do volume total, seguido pelos queijos (26%) e pelo soro de leite (5%).

Quanto à origem das importações, a Argentina liderou como principal fornecedor, com 72% do total, seguida por Uruguai (17%) e Paraguai (6%).

Figura 2 - Leite – Brasil: evolução das importações mensais - (abr./2025 a abr./2026)



Fonte: Comex Stat/Mdic, mai./2026

A balança comercial brasileira de produtos lácteos registrou, em abril de 2026, um déficit de 22,8 mil toneladas. Esse volume foi 9% inferior ao registrado em março de 2026, quando o déficit havia sido de 25,1 mil toneladas. Na comparação com abril de 2025, período em que o déficit alcançou 16,9 mil toneladas, observa-se aumento de aproximadamente 35%.

Balança Comercial Láctea Catarinense

Em abril de 2026, o estado de Santa Catarina exportou 35,1 toneladas de produtos lácteos (figura 3). Esse volume representa queda de aproximadamente 54% em relação a março de 2026 (75,5 toneladas), mas ainda configura crescimento de cerca de 0,3% na comparação com abril de 2025, quando as exportações somaram 35,0 toneladas.

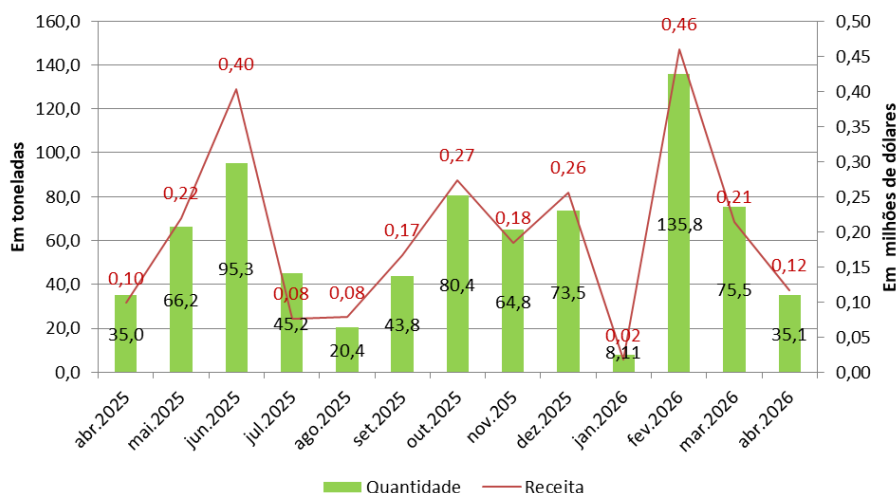
Em termos de receita, as exportações totalizaram aproximadamente 120 mil dólares (valor FOB), o que corresponde a uma retração de cerca de 43% frente a março de 2026 (210 mil dólares). Na comparação com abril de 2025, quando a receita havia sido de aproximadamente 100 mil dólares, observa-se aumento de 20%.



Entre os principais produtos lácteos exportados em abril, destacaram-se o leite em pó, responsável por 74% do volume total embarcado, seguido pelo leite fluido (11%) e leite condensado (9%).

Quanto aos destinos das exportações, São Vicente e Granadinas lideraram as compras, com 71% do total exportado, seguido pelo Paraguai (9%) e pelo Panamá (4%).

Figura 3 - Leite - SC: evolução das exportações mensais – (abr./2025 a abr./2026)



Fonte: ComexStat/Mdic, mai./2026

Em abril de 2026, Santa Catarina importou 788 toneladas de produtos lácteos (figura 4), volume 23,3% superior ao registrado em março de 2026 (639 toneladas) e 22,9% maior que o observado em abril de 2025 (641 toneladas).

Em termos de valor, as importações somaram 3,0 milhões de dólares (FOB), o que representa aumento de 3,4% em relação a março de 2026 (2,9 milhões de dólares). Na comparação com abril de 2025, quando haviam alcançado 3,0 milhões de dólares, as importações mantiveram-se praticamente estáveis, a preços correntes daquele ano.

Em abril, entre os principais produtos lácteos importados por Santa Catarina, destacaram-se os queijos, responsável por 77% do volume total, seguido pelo leite em pó (18%) e pelo doce de leite (5%).

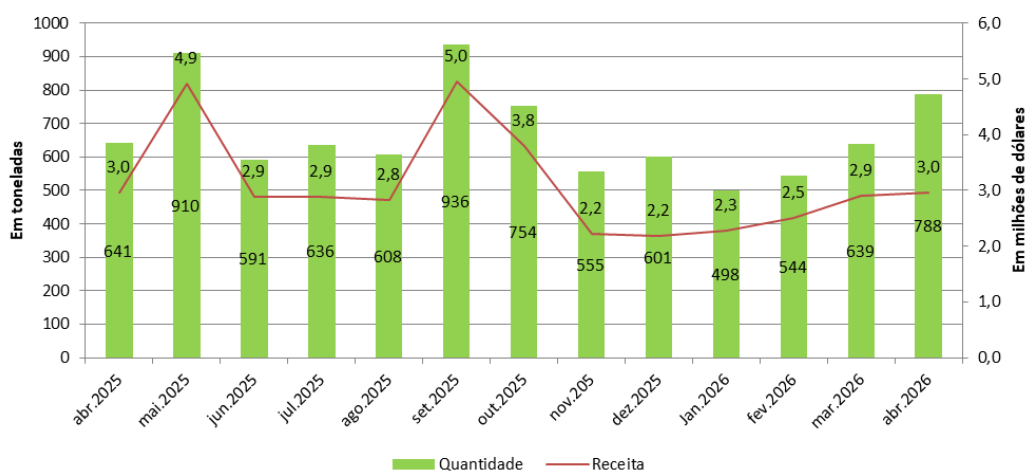
Quanto à origem das importações, a Argentina foi o principal fornecedor, com 94% do total importado, seguida pelo Uruguai (6%).

A balança comercial catarinense de produtos lácteos registrou, em abril de 2026, um déficit de aproximadamente 753 toneladas, resultado de importações de 788 toneladas e exportações de 35,1 toneladas. Esse saldo negativo representou aumento de cerca de 34% em relação a março de 2026, quando o déficit foi de aproximadamente 563 toneladas.

Na comparação com abril de 2025, período em que o déficit alcançou cerca de 606 toneladas, observa-se aumento de aproximadamente 24% no saldo negativo da balança comercial catarinense de lácteos.



Figura 4 - Leite – SC: evolução das importações mensais – (abr./2025 a abr./2026)



Fonte: ComexStat/Mdic, mai./2026

Preços Mundiais

Preço pago ao produtor Argentina, Uruguai e SC

Os dados do Instituto Nacional de la Leche e da Dirección Nacional de Lechería para os preços pagos ao produtor de leite Uruguai e Argentino, respectivamente, indicam que os valores pagos pela indústria catarinense aos produtores de leite permaneceram, na maior parte do período analisado, superiores aos praticados no Uruguai e na Argentina (figura 5).

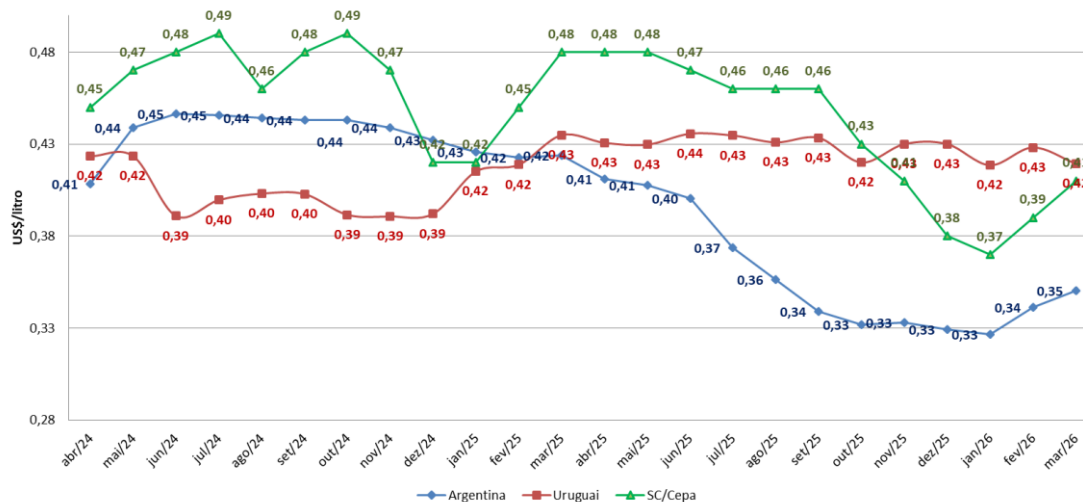
No Uruguai, os preços pagos ao produtor apresentaram relativa estabilidade ao longo de 2025 e início de 2026, oscilando majoritariamente entre US\$0,42/litro e US\$0,43/litro. Na Argentina, por sua vez, observa-se trajetória de queda iniciada no segundo semestre de 2024, intensificada ao longo de 2025, quando os preços atingiram US\$0,33/litro entre outubro de 2025 e janeiro de 2026. A partir de fevereiro de 2026, contudo, verificou-se leve recuperação, com os valores alcançando US\$ 0,35/litro em março.

Em Santa Catarina, conforme dados coletados pela Epagri/Cepa, os preços pagos ao produtor mantiveram-se acima dos observados na Argentina durante toda a série analisada. Após atingirem patamares próximos de US\$0,48/litro em diferentes momentos de 2024 e 2025, os preços catarinenses recuaram no final de 2025, alcançando US\$0,37/litro em janeiro de 2026. Nos meses seguintes, observou-se recuperação gradual, encerrando março de 2026 em US\$0,41/litro.

Os dados reforçam que, embora Santa Catarina tenha ampliado sua competitividade em relação ao Uruguai ao longo do início de 2026, o produto catarinense ainda apresenta menor competitividade frente ao leite argentino, cujos preços permaneceram inferiores durante todo o período analisado.



Figura 5 - Preço pago ao produtor pelo litro do leite na Argentina, Uruguai e Santa Catarina



Fonte: Dirección Nacional de Lechería - Argentina, Inale - Uruguai, Epagri/Cepa- Santa Catarina - mai./2026

Preço Leite em pó na América do Sul, Oceania e Europa

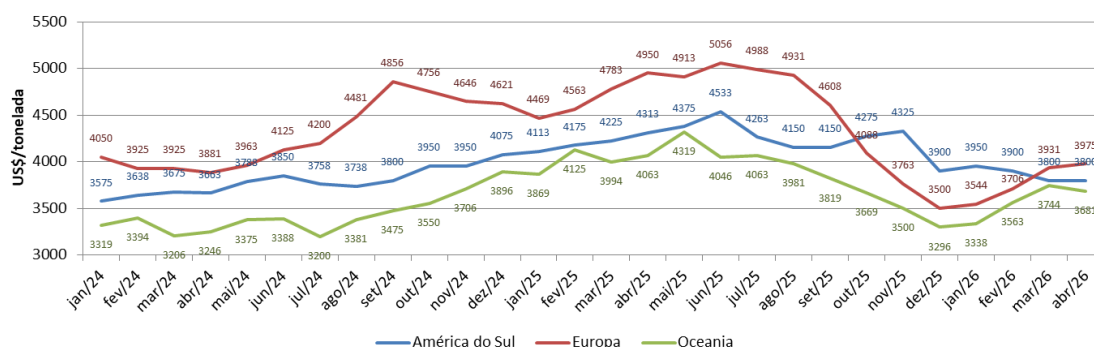
Dados do United States Department of Agriculture (USDA) indicam que a trajetória dos preços do leite em pó integral (US\$/tonelada) na América do Sul apresentou comportamento distinto em relação à Europa e à Oceania (figura 6). No segundo semestre de 2025, os preços registraram queda acentuada na Europa e na Oceania, com recuos de 31% e 19%, respectivamente, entre junho e dezembro. Na América do Sul, os preços também recuaram, porém em menor magnitude, com queda de 14% no mesmo período.

Nos quatro primeiros meses de 2026, observou-se movimento de recuperação dos preços na Europa e na Oceania, com altas de 12% e 10%, respectivamente. Na América do Sul, por outro lado, os preços apresentaram leve retração de 3% no período. Ao longo de toda a série analisada, os preços da Oceania permaneceram abaixo dos observados na América do Sul e na Europa. Já a Europa apresentou, na maior parte do período, os maiores valores, embora em outubro de 2025 e fevereiro de 2026 os preços europeus tenham ficado abaixo dos registrados na América do Sul.

Em abril de 2026, os preços do leite em pó integral encerraram em US\$3.681/t na Oceania, US\$3.800/t na América do Sul e US\$3.975/t na Europa.



Figura 6 - Valor FOB para o leite em pó integral



Fonte: USDA, mai./2026

Valores médios mensais

Preços estaduais

Leite cru - Preço de referência Conseleite e Preço pago ao produtor Epagri/Cepa

No dia 24 de abril, o Conseleite/SC realizou sua quarta reunião de 2026, de forma online, ocasião em que aprovou e divulgou os valores de referência para o mês de abril, além de projetar os valores para o leite entregue em abril e que será efetivamente pago em maio. Para o leite padrão, os valores nominais foram, respectivamente, R\$2,3813/litro e R\$2,6146/litro, o que representa um aumento de R\$0,2333/litro (figura 7).

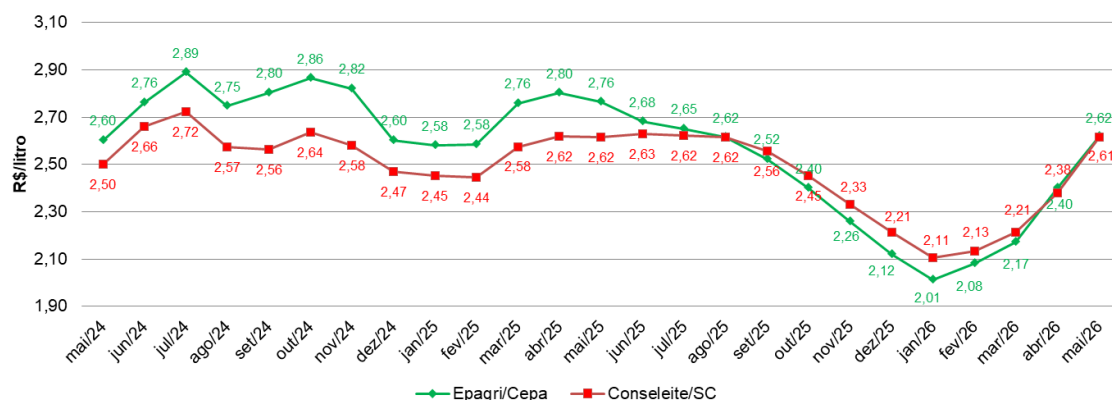
Os preços médios pagos ao produtor de leite em Santa Catarina apresentaram recuperação real nos meses mais recentes de 2026, tanto na série da Epagri/Cepa quanto nos valores de referência do Conseleite/SC (figura 7). Em maio de 2026, segundo a Epagri/Cepa, o preço médio alcançou R\$2,62 por litro, avanço de R\$0,22 por litro em relação a abril de 2026, quando o valor foi de R\$2,40 por litro, representando alta de 9,2%. Na comparação com maio de 2025, quando o preço médio foi de R\$ 2,76 por litro, observa-se retração de R\$ 0,14 por litro (-5,1%). Apesar da recuperação recente, os preços ainda permanecem abaixo do patamar registrado no mesmo período do ano anterior.

Os valores de referência do Conseleite/SC também registraram elevação em maio de 2026. O preço passou de R\$ 2,38 por litro em abril para R\$ 2,61 por litro em maio, aumento de R\$ 0,23 por litro (+9,7%). Em relação a maio de 2025, quando o valor de referência foi de R\$ 2,62 por litro, verifica-se leve retração de R\$ 0,01 por litro (-0,4%).

Na comparação entre as duas referências para maio de 2026, observa-se forte aproximação entre as séries, com o preço da Epagri/Cepa (R\$2,62/litro) praticamente alinhado ao valor de referência do Conseleite/SC (R\$2,61/litro). A diferença entre as duas métricas foi de apenas R\$0,01 por litro, evidenciando convergência entre os preços efetivamente pagos ao produtor e os valores de referência do mercado catarinense.



Figura 7 - Leite - SC: evolução do preço médio real mensal ao produtor – (mai./2024 a mai./2026*)



Fonte: Epagri/Cepa, mai./2026

(*) Refere-se à média dos 10 primeiros dias do mês.

O preço Epagri/Cepa refere-se ao preço médio mensal corrigido pelo IGP-DI das quatro principais praças, responsáveis por mais de 90% da captação de leite.

Santa Catarina

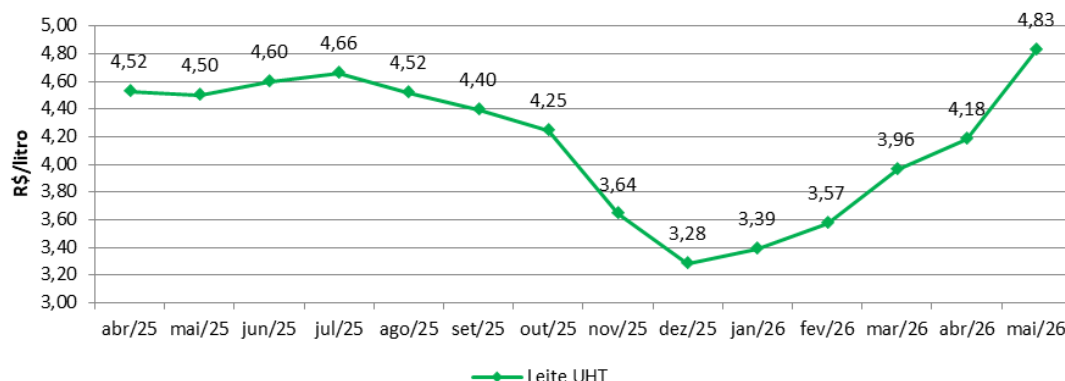
No primeiro semestre de 2026, o mercado atacadista de leite UHT manteve trajetória de recuperação dos preços (figura 8). Após atingir o menor patamar da série em dezembro de 2025, quando o litro foi cotado a R\$3,28, os preços passaram a apresentar recuperação gradual ao longo dos meses seguintes. Entre fevereiro e março de 2026, o preço médio, corrigido pelo IGP-DI, avançou de R\$3,57 para R\$ 3,96 por litro, alta de R\$0,39 (10,9%). O movimento de valorização manteve-se entre março e abril, quando o preço passou para R\$4,18/litro, incremento de R\$0,22 (5,6%).

Nos 10 primeiros dias de maio de 2026, observou-se aceleração mais intensa da alta, com o preço médio do leite UHT atingindo R\$4,83/litro, avanço de R\$0,65 em relação a abril, equivalente a crescimento de 15,6%. O resultado representa o maior valor registrado desde agosto de 2025 e evidencia fortalecimento do movimento de recomposição dos preços no mercado atacadista.

Na comparação interanual, entre maio de 2025 e maio de 2026, o preço do leite UHT passou de R\$4,50 para R\$4,83 por litro, aumento real de R\$0,33 (7,3%). O resultado indica que a recuperação observada ao longo de 2026 permitiu não apenas recompor as perdas registradas no final de 2025, mas também superar os níveis de preços observados no mesmo período do ano anterior.



Figura 8 - Leite - SC: evolução do preço médio real mensal ao atacado - (abr./2025 a mai./2026*)



Fonte: Epagri/Cepa, mai./2026

(*) Refere-se à média dos 10 primeiros dias do mês.

Preço médio mensal corrigido pelo IGP-DI

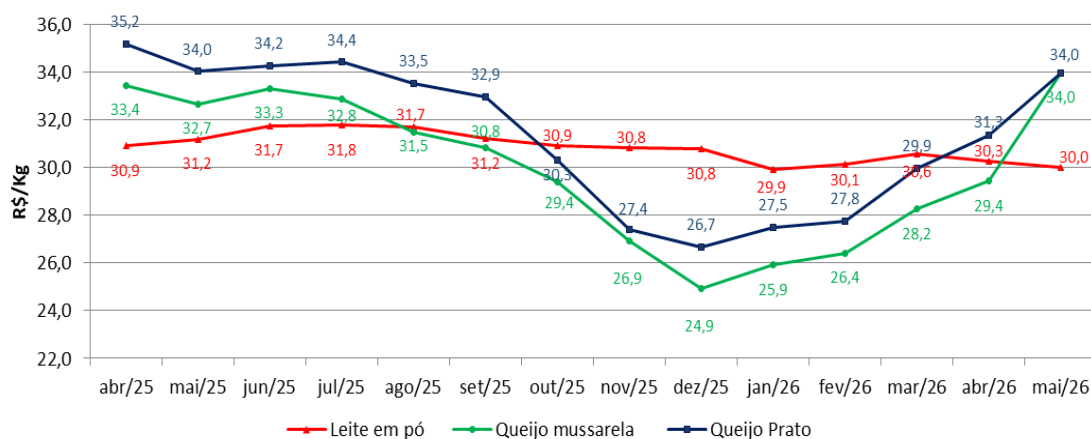
Para o queijo mussarela, os preços médios no atacado mantiveram trajetória de recuperação ao longo dos primeiros meses de 2026, após atingirem os menores patamares no final de 2025 (figura 9). Em fevereiro de 2026, o preço médio, corrigido pelo IGP-DI, foi de R\$26,4/kg, avançando para R\$28,2/kg em março e R\$29,4/kg em abril. Nos primeiros dez dias de maio de 2026, observou-se aceleração mais intensa das cotações, com o preço alcançando R\$34,0/kg, alta de R\$4,6/kg em relação a abril. A recomposição dos preços levou o queijo mussarela a superar o patamar registrado em maio de 2025, quando o produto era comercializado ao preço de R\$32,7/kg, representando alta real de aproximadamente 4,0% na comparação interanual.

No caso do queijo prato, os preços também apresentaram recuperação consistente ao longo de 2026. Em fevereiro, o valor médio foi de R\$27,8/kg, passando para R\$29,9/kg em março e R\$31,3/kg em abril. Em maio de 2026, o preço atingiu R\$34,0/kg, avanço de R\$2,7/kg frente ao mês anterior. No acumulado entre fevereiro e maio, a alta foi de R\$6,2/kg, reforçando o movimento de recuperação após a retração observada no final de 2025. A recomposição do preço levou o queijo prato a alcançar o mesmo patamar de maio de 2025.

Em relação ao leite em pó, observa-se comportamento mais estável dos preços no atacado ao longo da série analisada. Após registrar R\$30,1/kg em fevereiro de 2026, o produto apresentou leve recuperação para R\$30,6/kg em março e R\$30,3/kg em abril. Em maio de 2026, contudo, o preço recuou marginalmente para R\$30,0/kg, indicando estabilidade das cotações e um mercado relativamente equilibrado em comparação aos movimentos mais intensos observados nos queijos.



Figura 9 - Produtos Lácteos - SC: evolução do preço médio real mensal ao atacado - (abr./2025 a mai./2026*)



Fonte: Epagri/Cepa, mai./2026

(*) Refere-se à média dos 10 primeiros dias do mês.

Preço médio mensal corrigido pelo IGP-DI

Variação dos preços por praça

Em abril de 2026, a maior parte das praças analisadas registrou aumento mensal no preço mais comum pago ao produtor pelo litro de leite em relação a março de 2026 (tabela 1). As elevações mais expressivas ocorreram no Oeste (13%), com o preço passando de R\$2,15 para R\$2,42 por litro, seguido pelo Extremo Oeste (11%), de R\$ 2,15 para R\$ 2,40, e pelo Meio Oeste (11%), de R\$2,06 para R\$ 2,29 por litro. Também foram observados aumentos no Alto Vale do Rio do Peixe (8%), com o preço avançando de R\$2,05 para R\$ 2,20, na Grande Florianópolis (7%), de R\$2,48 para R\$2,66, e no Litoral Sul (7%), de R\$2,32 para R\$2,48 por litro, indicando continuidade do movimento de recuperação dos preços no período. A única exceção foi o Litoral Norte, que apresentou leve retração de 1%, com o preço recuando de R\$2,41 para R\$2,39 por litro.

Na comparação entre abril de 2025 e abril de 2026, os preços pagos ao produtor apresentaram queda em todas as praças com dados disponíveis, evidenciando retração interanual do mercado. A maior redução foi registrada no Alto Vale do Rio do Peixe (-20%), onde o preço passou de R\$2,75 para R\$2,20 por litro. Também foram observadas quedas expressivas no Meio Oeste (-15%), de R\$2,71 para R\$2,29, no Extremo Oeste (-14%), de R\$2,79 para R\$ 2,40, e no Oeste (-14%), de R\$2,83 para R\$2,42 por litro. No Litoral Sul, a retração foi de 11%, enquanto no Litoral Norte a queda foi mais moderada, de 7%. Para a Grande Florianópolis não há informação comparável para abril de 2025. De forma geral, apesar da recuperação mensal observada em abril, os preços pagos ao produtor permanecem em patamares inferiores aos registrados no mesmo período do ano anterior nas principais praças analisadas.



Tabela 1 - Leite - Comparativo de preços pagos ao produtor por Praças em Santa Catarina (litro)

Praça	Abr. 2026	Mar. 2026	Var. mensal (%)	Abr.2025	Var. anual (%)
Alto Vale do Rio do Peixe	2,20	2,05	8	2,75	-20
Extremo Oeste	2,40	2,15	11	2,79	-14
Grande Florianópolis	2,66	2,48	7	-	-
Litoral Norte	2,39	2,41	-1	2,57	-7
Litoral Sul	2,48	2,32	7	2,79	-11
Meio Oeste	2,29	2,06	11	2,71	-15
Oeste	2,42	2,15	13	2,83	-14

Fonte: Epagri/Cepa, mai./2026

Preço médio mensal corrigido pelo IGP-DI

